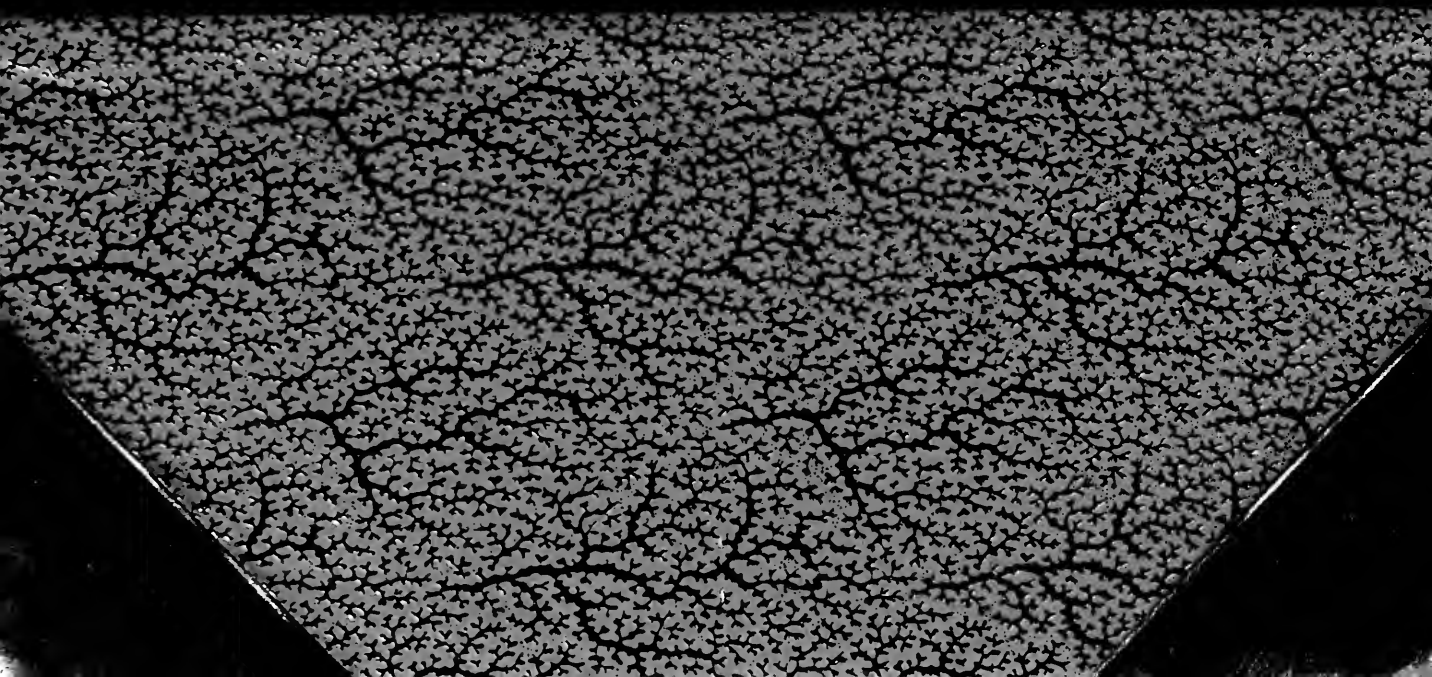
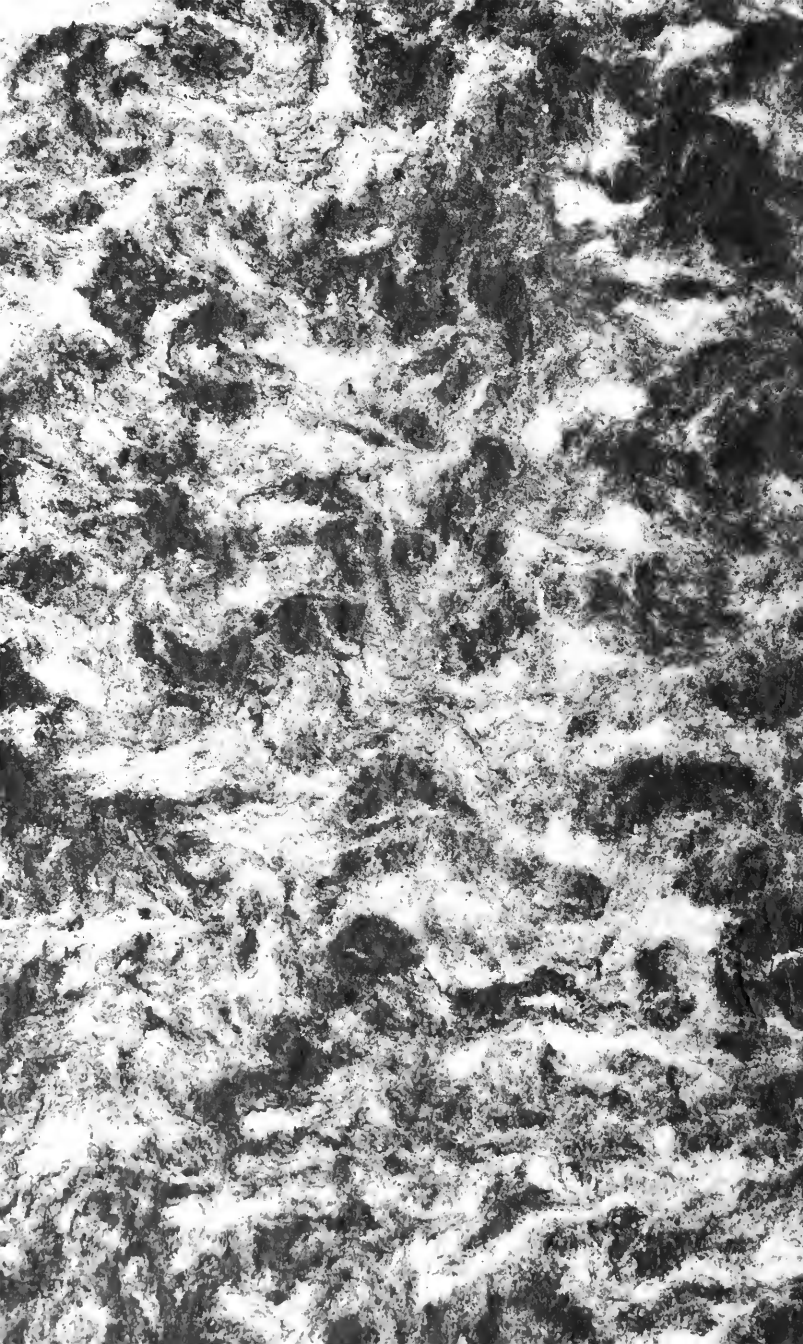
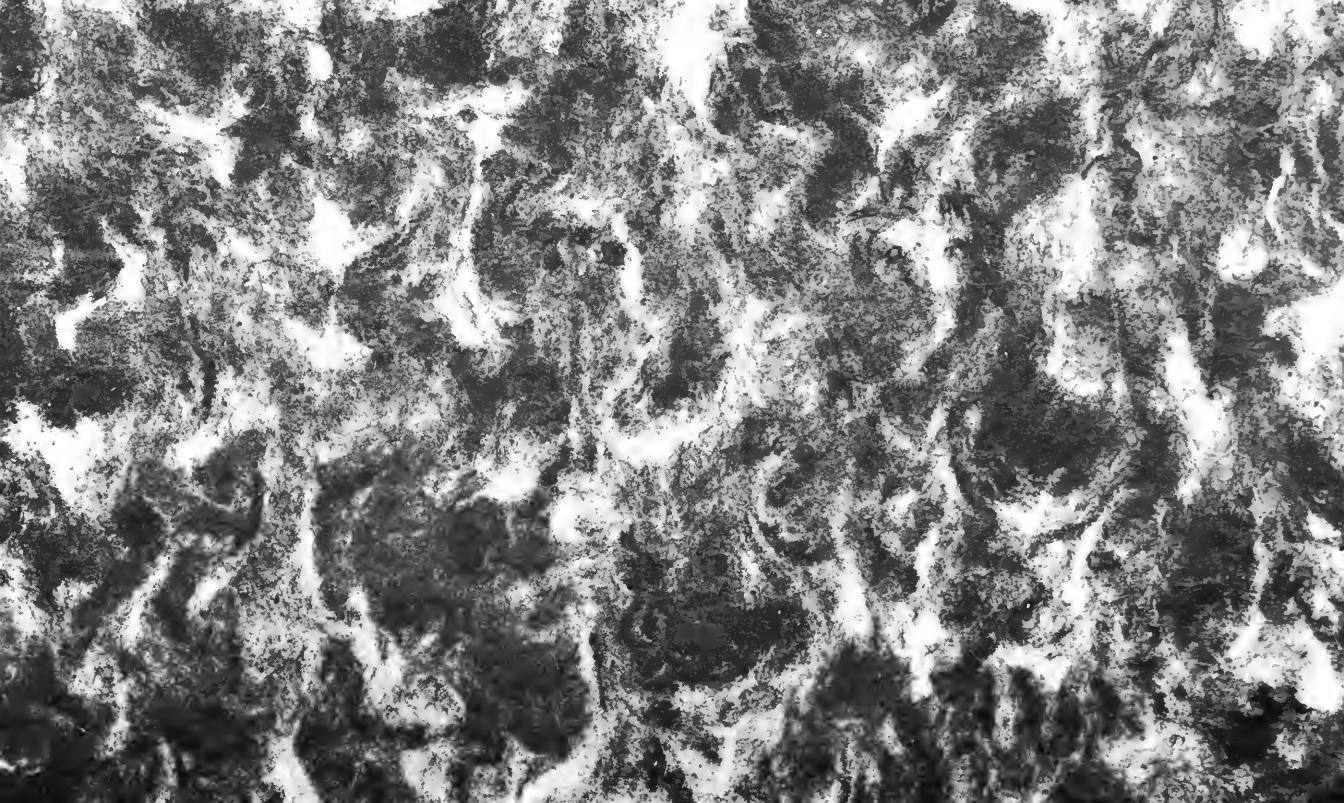
PR
9261
M8R4

3 1761 06976928 9







CARLOS R. ALVARÃES
ENCADERNADOR
Trab. simples e de luxo
Olivol, 262 - LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/recordaesdap00mott

RECORDAÇÕES DA PATRIA

EPISODIO DA INVASÃO FRANCEZA

EM

PORTUGAL

DRAMA EM 4 ACTOS E UM PROLOGO

EXTRAHIDO DO ROMANCE DE REBELLO DA SILVA

A CASA DOS FANTASMAS

POR

Adolpho Ernesto Motta

RUA DA IGREJA
1872

COIMBRA
Imprensa da Universidade

RECORDAÇÕES DA PATRIA

EPISODIO DA INVASÃO FRANCEZA

EM

PORTUGAL

DRAMA EM 4 ACTOS E UM PROLOGO

EXTRAHIDO DO ROMANCE DE REBELLO DA SILVA

A CASA DOS FANTASMAS

POR

Adolpho Ernesto Motta

DR. ADOLPHO ERNESTO DA COSTA MOTTA
MÉDICO-CIRURGIÃO
Telefone 13
RUA FRIA — LARGO DA EGREJA
LOURES

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1872

PQ
9261
M6R4

AO

DISTINCTO ACADEMICO E AUCTOR DRAMATICO

Augusto Cezar de Sá

Off.

EM TESTEMUNHO DE AMIZADE

A. E. Motta.

PERSONAGENS

PORTUGUEZES

Paulo de Azevedo Carvalho — Fidalgo, militar	50	annos
D. Leonor de Azevedo e Carvalho, sua filha	18	»
Manuel Coutinho — Capitão	26	»
D. Francisco, Bispo de Malaca	60	»
Fr. João Salgado — Franciscano	40	»
Izidoro Pinto Gomes — Coronel	50	»
Alvaro — Major	28	»
Manuel Carranca — Capitão-mór de Ordenanças	40	»
Morgado de Penim	25	»
João da Ventosa — Lavrador e proprietario	30	»
Antonio da Cruz, Moleiro	30	»
Antonio Simões, Lavrador	40	»
Gaspar Sapo (Espiões)	38	»
Sargento Cabrinha (Espiões)	30	»

Vardasca, Francisco e Polidoro — Criados de João da Ventosa.
Thomaz, Criado do Bispo D. Francisco.
Tres Milicianos; Camponezes; Conspiradores; Gente do Povo.

FRANCEZES

Lagarde, Intendente geral de Policia	40	annos
Armand d'Aubry — Sobrinho d'este, e Capitão de Dragões	28	»
Leão Lassagne, Tenente do mesmo corpo	28	»
Magendie — Capitão de mar e guerra	30	»

Roberto — Sargento de Dragões.
Um soldado francez.

A scena passa-se parte na Ponte de Asseca, e parte num arrebalde de Lisboa perto de Campo de Ourique.

TITULOS DOS ACTOS

Prologo	A casa dos fantasmas
1.º acto	Um contraste
2.º »	Francezes á meia noite
3.º »	Na prisão
4.º »	O dia 15 de setembro de 1808

PROLOGO

A casa dos fantasmas

A scena representa a cosinha da casa dos fantasmas. Porta ao fundo. Quasi junto da porta, mas para a D., uma lareira com assentos em volta. Do lado da E. outra porta. Á D. A. uma porta; á D. B. uma janella de forma antiga e na frente d'esta uma mesa com escabellos em volta. Á E. A. vai uma escada, que sobe para o primeiro andar, com porta ao cimo. Á E. B. uma porta de grandes dimensões, na frente da qual está um comprido e largo banco. Lenha junto da lareira. Um lampeão e candieiro de metal. Está uma noute de tempestade; os relampagos e trovões succedem-se, o vento sibila, umas vezes mais brando, outras mais violento e forte.

SCENA I

João da Ventosa e Antonio da Cruz *sentados*

ANTONIO DA C.— Deve estar hoje uma noute terrivel, compadre João; quando parei as rodas do meu moinho, vim dar a minha vista de olhos á horta, e reparei que para o lado da serra vinham crescendo umas nuvens negras, que me assustaram devéras; temos borrasca com certeza.

VENTOSA. — Assim parece, o vento já se ouve.

Adivinha-me o coração que os milicianos fazem hoje das suas. Ha uns dias para cá que não deixam estes sitios. O Cabrinha e o Sapo têm, com certeza, alguma boa empreitada. Creia, sôr Antonio da Cruz, que não ha de tardar muito que na Ponte de Asseca succeda alguma desgraça.

ANTONIO DA C.— A que tempo chegámos, compadre! Já não é preciso ser máo homem para estar com receio de ir dormir á cadeia. Olhe o pobre do Antonio Simões, que lá está em Santarem jazendo em ferros d'el-rei. Dizem que foi uma vingança do mariola do Sapo! Já fiz o protesto, que Deus Nosso Senhor me perdôe, de o dependurar em ar de espantalho na figueira que fica ao cimo do logar. Foi numa figueira que morreu o Judas, que vendeu a Nosso Senhor Jesus Christo, e ha de ser numa figueira que ha de morrer aquelle judas, que nos anda vendendo a todos.

VENTOSA.—(*Observando a scena*). Falle mais baixo, sôr compadre! Olhe que nestes tempos é perigoso fallar tão alto em similhantes cousas. De mais, o compadre sabe que por juramento está ligado a essa vasta associação, que por vezes tem feito suas reuniões nesta casa, e cujo fim é, como vossê sabe, acabar por uma vez com estes malditos francezes, que nos hão de tirar a pelle, e restituir o throno ao nosso rei, o senhor D. João, já que a senhora D. Maria I está doida, depois que teve de embarcar no Tejo para se ir esconder no Rio de Janeiro. Não é pois conveniente que se arrisque. Deixe estar, compadre; as cousas voltarão ao seu logar, e então as contas hão de ser feitas com usura. (*Vai augmentando a tempestade*).

ANTONIO DA C.— Receio que esse desejado tempo não chegue tão depressa. Os francezes têm engordado com a nossa carne, creado novas força com o nosso vinho, recheado as suas bolsas com o nosso dinheiro, e hoje estão capazes de resistir a um exercito de quatro milhões de homens, quanto mais a um punhado de portuguezes, que não têm armas, nem munições.

VENTOSA.— Tenha fé, compadre; as coisas ainda não estão tão feias como julga. Sabe qual o motivo por que Napoleão I tem feito tanto mal a Portugal?

ANTONIO DA C.— É pela sua desmedida ambição. Está claro.

VENTOSA.— Não é só por isso. Napoleão julga-se offendido no seu orgulho, porque, tendo conquistado quasi toda a Europa, a Inglaterra é a unica nação que lhe faz sombra, e rejeita com independencia fazer qualquer tractado de alliança com a França. Portugal foi pois accusado no tribunal de Bonaparte de seguir a Grã-Bretanha e de proteger os interesses commerciaes dos inglezes, que Napoleão queria expulsar dos mercados da Europa....

ANTONIO DA C.— Ha de perdoar-me, sôr João da Ventosa; mas parece-me que isso nada tem com a nossa oppressão, e muito menos com a nossa independencia.

VENTOSA.— Oh! se tem! e muito. O sr. Manuel Coutinho, que é um homem de letras, de tudo me informou. Pois então não percebe, pelo que lhe disse, que, se padecemos por amor dos inglezes, é justo que estes venham ajudar-nos a tirar a desforra? E verá que a Hespanha....

ANTONIO DA C.— Não me falle na Hespanha, compadre.... É uma ingrata. Tendo-se valido das nossas armas no Roussillon, pagou-nos com ingratidão separando a sua causa da nossa, unindo-se a Bonaparte para nos esmagar, e aproveitando assim a occasião de nos roubar Olivença! Oh! mas o castigo ha de chegar a todos!...

(*Ouve-se fóra um tiro quasi seguido de relampago e trovão forte. Grande sobresalto dos personagens da scena*).

SCENA II

Os mesmos, Vardasca, Francisco e Polidoro

ANTONIO DA C.— (*Levantando-se sobresaltado pega na espingarda*). Um tiro a estas horas!!

VENTOSA.— (*Do mesmo modo e fallando para dentro*). Ó rapazes, toca a despertar! Vamos!... Tomem sentido na casa em quanto sahimos a reconhecer o inimigo. (*Para Antonio da C.*) Ó sôr Antonio! prudencia e astucia é o que lhe aconselho; não se deixe filar.

ANTONIO DA C.— O que Deus quizer. Em quanto tiver polvora e balas, creia que ninguem terá vontade de me deitar a mão. (*Sahem*).

FRANCISCO.— (*Homem lorpa e dorminhoco; vem armado de espingarda como os outros dois criados*). Mas o que foi, ó seu Vardasca?

VARDASCA.— Não ouviste, meu bruto?!

FRANCISCO.— Se eu tivera ouvido, não lh'o perguntava.

VARDASCA.— Tambem não fazes senão dormir!... Pois não ouviste dar um tiro, que parecia mesmo que desabava a casa?!

FRANCISCO.— Já estava todo a tremer. Julguei que eram os fantasmas.

VARDASCA.— Estes fantasmas são outros.

FRANCISCO.— Então a coisa é séria?! Ó seu Vardasca! se alguem entrar, que hei de fazer?...

VARDASCA.— Essa é boa!... Para que servem as escopetas?... Fazes pontaria e depois... fogo.

FRANCISCO.—Mas isso é um peccado... Nada, nada... isso é que eu não faço; matar o meu similhante! É contra o setimo mandamento...

VARDASCA.— Ó grande alarve! e se te matarem a ti primeiro?

FRANCISCO.— Ah! isso é outro caso. Se me matarem primeiro então faço fogo.

VARDASCA.— (*Rindo*). É isso que deves fazer. Ah! Ah! Ah!

POLIDORO.— (*Homem mouco, que tem estado durante este tempo a ver se ouve alguma coisa do que os companheiros dizem. É tartamudo*). Não per... er.. er.. cebo ná.. á.. da.

VARDASCA.— (*Que tem estado observando á porta*). Sentido! que ahi vem gente.

FRANCISCO.— (*Escondendo-se com medo*). Ó seu Vardasca! passe lá para á frente, que eu não quero morrer primeiro.

VARDASCA.— (*Apontando-lhe a espingarda*). Se tens medo, mando-te já de presente a Belzebuth.

FRANCISCO.— (*Animando-se*). Cautela, seu Vardasca; olhe que se vossê me mata, tambem não fica vivo.

SCENA III

Os mesmos e Antonio da Cruz

ANTONIO DA C.— (*Entrando*). Então, que é isso?!

VARDASCA.— Desculpe, sôr Antonio da Cruz; é este alarve que me faz sahir ás vezes das estribeiras...

ANTONIO DA C.— Está bom! Nada de zangar, e ir logo ás do cabo.

VARDASCA.— Então, que novidades traz?

ANTONIO DA C.— Más novidades... Foi um malvado que matou com um tiro o nosso visinho Antonio Simões, que acabava de chegar de Santarem, solto á ordem do juiz de fóra.

FRANCISCO.— Um — padre nosso — por alma de Antonio Simões. (*Finge rezar*).

POLIDORO.— (*Como acima*). Não per...er... cebo mes... es... mo ná.. á.. da.

ANTONIO DA C.— Podem-se ir deitar, que já cá não são precisos.

FRANCISCO.— Requiescat in pace...

VARDASCA.— Boa noute, sôr Antonio da Cruz. (*Faz signal a Polidoro para que o acompanhe; este sahe dando mostras de nada ter percebido do que se estava fallando. Sahem*).

FRANCISCO.— Muito boa noite. (*Vai para sahir e volta*). Ó sôr Antonio! uma palavrinha, faz favor...

ANTONIO DA C.— Dize lá o que queres.

FRANCISCO.— Hoje é noite dos fantasmas?

ANTONIO DA C.—É, sim; e de mais a mais vem para ahi o cadaver do Antonio Simões, e com um morto em casa ha de ser muito peior. O melhor é ires deitar-te.

FRANCISCO.— A Virgem Sancta me acuda. Esta casa está excommungada... Credo... Abrenuncio... (*Sahe*).

SCENA IV

Antonio da Cruz, João da Ventoza e Antonio Simões

ANTONIO DA C.— (*Indo fóra da porta*). Podem entrar.

VENTOSA.— Safa! que pode vir outra ameixa de traz do vallado, que nos custe mais a engolir.

ANTONIO DA C.— Sim senhor, seu Antonio Simões, pode mandar fazer uma festa, que escapou de boa.

SIMÕES.— (*Traz a testa ferida; vem encostado a João da Ventosa com uma das mãos e com a outra ao seu cajado*). Ainda não fui d'esta, e se eu soubesse quem me fez a esmola... Com seiscentos milheiros de cobras! moia-lhe os ossos com este cajado, mais moidos que pimenta em almofariz... Patife! atirou-me como a um lobo! Ó sôr João, vossa mercê acaso veria quem foi o alma ruim?!... (*Sentando-se*). Parece-me que tenho

dentro da cabeça a mó do moinho a zoar, e que me anda tudo á roda! Ora esta!

ANTONIO DA C.—Com que então os caçadores andam por estes sitios, e fizeram-lhe alvo da cabeça? (*Examinando a ferida*). Safa, demonio! escapou mesmo por um cabello!... O maldito tinha-lhe vontade, e não queria perder a polvora...

VENTOSA.—Ó sôr Antonio da Cruz, faça favor de ir lá dentro buscar uma caneca de vinho para dar uma pinga ao compadre Simões, que está amarello que nem um defuncto. (*Ata-lhe um lenço á cabeça*).

ANTONIO DA C.—Se lhe parece que o caso não é para isso?! (*Sahe*).

SIMÕES.— Antonio me não chame eu, sôr compadre, se me ficar inteiro uma semana o ladrão, que me pregou esta bala! Hei-de achal-o ainda que haja de descer vestido e calçado em busca d'elle aos infernos...

VENTOSA.— Não será preciso, homem!... Agarra-o cá em cima sem ir tão longe. Mas ha de fazer o que eu disser.

SIMÕES.— Pois vá!... Olhe que o dicto, dicto. Isto não se leva a rir.

VENTOSA.— Tem razão, compadre,... trago cá uma idêa...

ANTONIO DA C.— (*Trazendo o vinho*). Aqui está o vinho; este é remedio que cura todas as molestias.

VENTOSA.— (*Tomando a caneca e offerecendo-a a Simões*). Vamos, seu Simões, beba uma pinga.

SIMÕES.— (*Bebendo*). Lá vai á nossa!

ANTONIO DA C.—Que lhe faça muito bom proveito, e que Deus Nosso Senhor o livre d'outra, e mais a nós.

VENTOSA.— Amen!...

SIMÕES.—(*Saboreando o vinho*). Ah!... Já estou outro homem... Então os amigos não fazem companhia?!

VENTOSA.— (*Bebendo*). Para que viva!...

SIMÕES.—Muito obrigado. (*Sente-se bater á porta com violencia; os personagens da scena collocam-se em attitude de defesa com as espingardas na mão*).

ANTONIO DA C.— Que temos de novo?!

VENTOSA.— Ó sôr Simões, é melhor retirar-se para o meu quarto; tem lá uma cama, deite-se, que bem precisa descançar um pouco.

SIMÕES.— Olé!... Julga que não serei capaz de dar tambem a minha conta?! Isso é fazer pouco de mim.

VENTOSA.—Vá para dentro, que assim é necessario; lembre-se do que tractámos.

SIMÕES.— Lá isso é outro caso; se entra no ajuste, vá feito. (*Vae para sahir e volta*). Ó sôr João, se houver necessidade do meu marmeleiro, chame. (*Sahe pela D. A. Batem segunda vez á porta*).

SCENA V

Os mesmos e Manuel Coutinho

VENTOSA.— Quem bate?

COUTINHO.— (*Fóra*). Eu.

VENTOSA.— Não conheço pelo nome!...

COUTINHO.— (*Fóra*). Abra!

VENTOSA.— (*Aperrando o cão da espingarda*). Pois não!...

COUTINHO. — (*Fóra*). Pelo rei e pela patria!...

VENTOSA.— Ah! Isso agora é outro cantar... Lá vai. (*Vai abrir a porta*).

ANTONIO DA C.—Apósto que já sei quem é a visita...

COUTINHO.— (*Entrando rebuçado em comprida capa*). Manuel Coutinho. Conhecem-me agora?

VENTOSA.— Seja bem vindo por esta sua casa.

COUTINHO.— (*Sacudindo a capa*). Que diluvio! Se continúa nadam amanhã os saveis na sua horta.

VENTOSA.— Que se lhe ha de fazer?!...

ANTONIO DA C.— Como v. s.ª vem! Bemdito seja Deus!...

COUTINHO.—(*A Antonio da Cruz*). Então tu desertaste do teu moinho? Bem podia estar batendo ainda agora á tua porta!

ANTONIO DA C.—E verdade, sr. Manuel Coutinho, tive medo ao temporal e vim para a companhia do compadre João.

COUTINHO.—(*Rindo*). Muito obrigado, sr. João, julguei que me recebia a tiro!...

VENTOSA.—V. s.ª desculpe. Bem vê a noute... Depois a gente não sabe quem lhe quer mal, e uma bala depressa entra... Eu cá me entendo... D'ahi já não esperava por v. s.ª...

ANTONIO DA C.—É verdade, já não esperavamos por v. s.ª...

COUTINHO.—Não me esperaveis?... Mas eu tinha dicto...

VENTOSA.—É verdade que disse, mas choviam raios e coriscos, e sempre cuidei que se deixasse ficar lá em baixo... Então não foi tão feliz como desejava?...

COUTINHO.—(*Sentando-se á lareira*). Não. Antonio! accende o lume: quero vêr se aqueço. Estou frio de gelo.

ANTONIO DA C.—(*Ateando o lume*). Prompto, meu amo....

VENTOSA.—V. s.ª é servido d'alguma cousa?... Tenho alli dois coelhos, que andavam hoje de manhã passeando na vinha com toda a semceremonia; num abrir e fechar d'olhos guizo-os de molho de villão, e depois ha de beber-lhe em cima um ou dois copinhos d'um vinhinho especial, que é de a gente ficar a chorar por mais.

COUTINHO.—Obrigado. O vinho e os coelhos guarde-os para ámanhã. Agora melhor me vai saber este cigarro do que todos os manjares. Temos que fallar. Diga-me:... ha por aqui novidades?...

VENTOSA.—Nestes desgraçadissimos tempos nunca faltam novidades! Nem sei bem por onde hei de começar.

ANTONIO DA C.— Olhe, começando pela mais fresca —Deram ha bocado um tiro no Antonio Simões, mesmo aqui ao pé de casa.

COUTINHO.— E sabe-se quem foi o malvado?

VENTOSA.— Não se sabe ao certo, mas... tenho cá as minhas desconfianças...

COUTINHO.— Sim?! Então de quem desconfias?

VENTOSA.— D'um jacobino, que andou toda esta manhã pelo sitio com as milicias... O sargento Cabrinha. O maldito ri-se de Deus e do diabo... Mas... ha de chegar-lhe a sua vez.

COUTINHO.— E tem feito alguma prisão?

ANTONIO DA C.— Dizem que sim. Ahi para os sitios do Casal do Ouro.

COUTINHO.— (*Levantando-se de salto e com agitação*). Ah! Capaz seria elle... Se fosse quem receio!... Ouviste dizer?...

ANTONIO DA C.— Um velho e sua filha. Os nomes não m'os souberam dar.

COUTINHO — (*Com voz suffocada*). Nem é preciso... O infame Lagarde cumpriu a sua promessa. Verá se a de um portuguez vale menos. (*Mudando de tom*). Os nomes sei-os eu; dizia-m'os o coração antes de aqui entrar... Antonio da Cruz! É preciso sair já.

ANTONIO DA C.— Então o caso é serio? Para termos de sair por uma noute d'estas...

COUTINHO.— Pode bem ser a ultima da vida de umas poucas de pessoas.

ANTONIO DA C.— Melhor o ha de fazer Deus, sr. Manuel Coutinho. (*Coutinho examina as pistolas*).

VENTOSA.— Ó sr. Manuel Coutinho, v. s.ª ha de perdoar o meu atrevimento; mas parece-me que ficou assim atrapalhado, quando lhe deram a noticia da prisão do velho e de sua filha: poderei saber quem são?...

COUTINHO.— Quereis saber como se chama o velho que o sargento arrasta preso a Santarem para o entregar á vingança dos francezes?... É Paulo d'Azevedo Carvalho, e sua filha é...

ANTONIO DA C.— (*Atalhando*). A senhora D. Leonor?! A noiva de v. s.ª?!... Pobre menina!

COUTINHO.— Buscam-no para o processar como rebelde desde o caso de Mafra. Tinha-se escondido na Aramanha, e esse villão do sargento Cabrinha por trinta moedas prometteu entregal-o. Não o achando já alli, correu os arredores e de certo os foi encontrar no Casal do Ouro por denuncia...

ANTONIO DA C.— (*Atalhando*). Do Sapo! Foi o Sapo, apósto. (*Signal affirmativo de M. Coutinho*). Por isso o patife andava desde hontem de orelha fita e focinho aguçado! Só ao moinho foi duas vezes. Ah! Se eu soubera, partia-lhe a outra perna. Mas não as perde...

COUTINHO.— Antonio! Paulo d'Azevedo não ha de entrar na cadeia da villa, nem na de Lisboa. Esta noute a Casa dos fantasmas terá outra historia, talvez mais feia, que juntar á sua. Aprompta-te. Á meia noite sahimos. Podes rezar pela alma do sargento, se o encontro.

VENTOSA.— Então o sr. Manuel Coutinho não conta commigo?... Olhe que eu sei dar um tiro certeiro, e nas occasiões não gósto de ficar ocioso.

COUTINHO.— (*Apertando-lhe a mão*). Muito obrigado, meu amigo, agradeço-lhe a dedicação, mas receio compromettel-o.

VENTOSA.— Nada de escusas; eu não perco coisa alguma, não tenho mulher nem filhos; e demais, quando morrer faço trinta annos. Acceite a minha coadjuvação e verá que tambem sei traçar um plano.

ANTONIO DA C.— Acceite, acceite, que o compadre tem boa cabeça; já tem sido juiz da Vintena.

COUTINHO.— Está bom; acceito por ver a sua boa vontade.

VENTOSA.— Agora cabe-me a vez de lhe agradecer. Dê-me a sua mão... (*Apertando-lhe a mão*). O senhor é um bom portuguez, nós somos bons portuguezes.

ANTONIO DA C.— Muito bem, muito bem, d'isto é

que eu gósto. (*Batem á porta e sente-se fóra estrondo de armas*).

SAPO.— (*Fóra*). Ó seu João!... Abra a porta em nome do nosso imperador e rei.

VENTOSA.— É a voz do Sapo!...

COUTINHO.— Tenho um presentimento... Diz-me o coração, que é Paulo d'Azevedo, que vem escoltado e...

VENTOSA.— (*Atalhando*). Peço-lhe mais um favor, sr. Coutinho; se fôr o sr. Paulo e sua filha, permitta-me que ponha em pratica o meio de os libertar.

COUTINHO.— Mas veja que não quero de forma alguma que os presos possam sahir sem ser em liberdade.

VENTOSA.— Dou-lhe a minha palavra de honra, que o farei. (*Batem fóra*). Agora é necessario, que se esconda. Compadre! conduza o sr. Coutinho ao torreão da direita ao quarto da porta falsa. (*Batem*). Depressa, depressa... (*Coutinho e Antonio da Cruz sahem pela E. A.*)

SAPO.— (*Fóra*). Abra, com um milhão de diabos, senão faço-lhe a porta em cavacos!

VENTOSA.— (*Levando o lampeão e com modo estremunhado*). Lá vai, lá vai. (*Abre a porta*).

SCENA VI

Ventosa, Paulo d'Azevedo, Leonor, Sapo, Sargento Cabrinha e tres Milicianos (*Paulo e Leonor entram escoltados pelos milicanos e Cabrinha sargento d'estes*).

SAPO.— (*Homem baixo, côr pallida, vesgo, côxo da perna esquerda, vestido de camponio e com a espingarda ao tiracollo. Vem na frente*). Vossê estava com os ouvidos no ferreiro?

VENTOSA.— Não senhor; mas tinha-os sobre o travesseiro. Quem quer que se lhe abra a porta com brevidade e a estas horas, manda prevenir de que vem fazer visita.

SAPO.— Mal empregado! Com que vossê queria que eu lhe mandasse recado... Abra bem esses olhos, seu dorminhoco, e vá apromptar dois quartos para estes hospedes. (*Indicando Paulo e filha*). Ande-me ligeiro....

VENTOSA.— (*Esfregando os olhos*). Lá vou já, lá vou já... Então são dois quartos que quer, não é assim?

SAPO.— É como diz.

VENTOSA.— Eu não tenho dois quartos muito capazes; ainda assim, podem ir dormir para o torreão da direita, tem bons leitos e os quartos estão menos mal conservados... Está dito, hão de ir para o torreão. Façam favor de me acompanhar. (*Fazendo acção de sahir*).

SAPO.— (*Detendo-o*). Venha cá, homem! É necessario saber primeiro se a gaiola é segura. (*Com intenção*). Olhe que os passaros são de estimação.

VENTOSA.— Ah! Emquanto a isso póde estar descançado. Vossemecê traz a chave da porta, e pela janella creia que não sahirão, a não ser que lhes nasçam azas nos calcanhares, ou na cabeça.

SARGENTO.— (*Homem carcunda e de mau aspecto*). Em todo o caso será melhor, que eu vá passar uma revista aos cantos da casa. Ande lá adiante. Ó Sapo, toma sentido na porta; se houver novidade, apita. Marche na frente, sôr João, olhe que eu não conheço o terreno. (*Ventosa e o Sargento sahem pela E. A.*)

SCENA VII

Os mesmos menos Ventura e o Sargento

SAPO.— (*Com modo galhofeiro*). Ó rapazes! toca a descançar e a enxugar a farpela. É melhor fechar a porta por causa do vento. O sr. Paulo e mais a pequena tambem podem estar á vontade emquanto se não arranjam os quartos; mas... é necessario não irem para muito longe... (*Aos milicianos*). Nós para aqui. (*Sapo*

e milicianos sentam-se em volta da lareira e ficam conversando. Paulo vai sentar-se junto á mesa pensativo e triste).

LEONOR.— (*Com brandura*). Então, meu pae, está peior ?!

PAULO.— (*Como despertando*). Ah!... És tu, meu anjo? Não... já não tenho cousa alguma.

LEONOR.— Para que disfarça, meu pae? não sabe que sua filha está adivinhando a tormenta, que se lhe passa no coração? Não sabe que eu, a mais resignada, estou soffrendo muito? Não negue pois; confesse a sua filha que tambem soffre; abra-lhe o seu coração; confundamos as nossas máguas para assim mitigar o soffrimento.

PAULO.—Obrigado, filha, obrigado pelo teu amor... Sim, sinto opprimir-se-me o coração. Oh! mas não julgues que é o medo do patibulo, que me atemoriza. Não. Quando se tem a consciencia limpa da mancha do crime, não se teme a morte. É verdade que a preferia antes no campo da batalha em defesa da patria. (*Mudando de tom*). Deus não o quiz assim, seja feita a sua vontade. (*Levantando-se e apertando nas suas a mão de Leonor*). Agora queres saber o que me enluta a alma? É o ter de deixar só, neste mundo, a minha filha! (*Abraçando-a com transporte*). A minha unica filha!..

LEONOR.— (*Contendo as lagrimas*). Socegue, meu pae; para que está a fallar em morte e em patibulo, quando não foi ainda julgado? Disse-me ha pouco que tinha a sua consciencia tranquilla; para que se mortifica assim?... Tenho fé em Deus, que ainda havemos de ser muito felizes.

PAULO.—(*Que se tem sentado*). Dizes bem, filha; para que hei de affligir-me e magoar-te tambem com as minhas queixas? Tens um noivo, que te ha de estimar muito.... Manuel Coutinho é um perfeito cavalheiro, e tu amal-o, como muitas vezes m'o tens repetido... Que posso eu desejar mais? Que pode mais

desejar um velho cançado e coberto de cans, a quem poucos dias restam de vida?

LEONOR.— Ha de viver ainda muito para presenciar a felicidade de sua filha. Ha de viver para abençoar a minha futura união.

PAULO.—(*Meneando a cabeça*). Duvido!... (*Fica pensativo*).

LEONOR.— (*Á parte*). E lembrar-me que sou eu talvez a causa de tantos males... É necessario contar-lhe tudo... Animo... (*Alto*). Meu pai! Durante os dois mezes que andamos errantes e perseguidos, como criminosos d'estado, tem-me dicto que ignora o motivo da nossa perseguição: pois bem, não o ignoro eu... Quiz poupar-lhe o desgosto, que lhe causaria uma tal revelação; mas... não posso, nem devo por mais tempo occultar-lh'o, e... perdôe-me, se fui eu que dei motivo a tantas desgraças....

PAULO.— (*Que tem estado attento, levanta-se repentinamente*). Tu?! (*Com tranquillidade*). Falla, minha filha...

SAPO.— A rapariga sempre está com uma cantiga!

1.º MILICIANO.— Quem a ouvir ha de crer que é uma sancta...

2.º DICTO.— É verdade, enganava o mais esperto.

LEONOR.— Lembra-se, meu pae, d'aquelle luxuoso baile de Mafra, dado em obsequio a Lagarde?

PAULO.—Lembro-me como se fôra hoje. Foi o ultimo baile a que assistimos. Emquanto tu dançavas, estava eu devéras contrariado; não ouvia senão fallar francez por toda a parte!...

LEONOR.— Hei de sempre recordar-me com horror d'essa noite, que foi para mim de torturas...

PAULO.— Parecias-me tão risonha, tão alegre...

LEONOR.— Assim era preciso...

PAULO.— Não te comprehendo...

LEONOR.— Escute-me... Estava eu conversando com a minha melhor amiga, D. Marianna de Sousa, como sabe, quando a nós se aproximou Lagarde... Ha-

viam-n'o informado dos nossos haveres; tentaram-lhe a cubiça as terras e os vinculos que possuimos, e por desgraça poz os olhos em mim para enriquecer um seu parente, que não conheço, que me não conhece tambem, mas que elle ousou dizer que me adorava pelo retrato que lhe fizera de mim, ou... provavelmente dos bens de nossa casa.

PAULO.— (*Com força*). Pois elle ousou?... Ah!... Continúa.

LEONOR.— Imagine o espanto em que fiquei ouvindo de um extrangeiro esta proposta, que me offendia na ternura filial, e no amor proprio...

PAULO.— Que lhe respondeste?...

LEONOR.— Não respondi! Encarei-o, e, levantando-me, deixei-o acabar a ultima cortezia e o ultimo sorriso deante d'uma cadeira vazia.

PAULO.— Depois?...

LEONOR.— Lagarde tem maneiras e grande uso da sociedade. Não sossobrou com o revés, começando a gyrar pelas salas como o convidado mais jovial. Notei que não tirava a vista de mim, e preparei-me para segunda instancia. Não tardou. Veio tirar-me para dançar, louvou o meu toucado, o meu vestido, a delicadeza das mãos, a graça e alvura das rendas; achou-me linda e seductora; extasiou-se de lhe responder algumas palavras em francez e fallou-me com enthusiasmo dos elogios que tinham feito da minha vóz... Constrangi-me; escutei-o sem colera, sem impaciencia, mas com um sorriso sarcastico e cortante. Demais, não queria, por acanhada, deshonrar a minha educação, nem dar-lhe motivo para que me tomasse pela provinciana boçal e nescia, que ao principio cuidara encontrar... Acabada a dança, offereceu-me o braço; acceitei. Démos algumas voltas pelas salas, e, no meio d'uma d'ellas, junto d'um tremó carregado de flores, teve o despejo de renovar a supplica, assim lhe chamava em ar de riso; porém o tom e a expressão diziam assás que era uma ordem.

PAULO.— (*Com raiva*). Infame!...

LEONOR. — (*Continuando*). Ouvi-o estremecendo... Por baixo do verniz da phrase via-se o modo imperioso com que este sultão me atirava o lenço em nome da felicidade do seu parente e da minha, em nome da gloria dos bailes de Paris e das recepções das Tulherias, que a rosa do occidente iria realçar com seus encantos!... Contive-me, mas subiu-me a côr ao rosto. Empallideci depois. Aquelle escarneo era tão pungente, que me custava a supportal-o sem lhe explicar ao menos o que entendia; mas contive-me, contive-me a ponto de me saltarem as lagrimas pelos olhos!...

PAULO.— (*Suffocado de colera*). Covarde!

LEONOR.— Não é possivel exprimir o que padeci nos minutos que durou este supplicio. Foram annos de angustia e de anciedade! Lagarde, como se adivinhasse, tocava em todos os pontos melindrosos da minh'alma e... offendia-me. Tornou-se por tal forma transparente a ironia, que se me figurava ouvil-o rir por dentro da eloquencia, que estava gastando em convencer a herdeira sómente cobiçada para remir do naufragio a mocidade tempestuosa d'aquelle sobrinho arruinado e invisivel, cuja causa advogava.

PAULO.— Mas, porque não vieste ter commigo, que num momento....

LEONOR.— (*Atalhando*). Era isso o que receiava. Meu pae e Manuel Coutinho estavam perto e olhavam para nós; ao menor signal que me escapasse, castigariam alli mesmo o insolente. Esperei que se afastassem. Podia mostrar a Lagarde que a estatua vivia e tinha brios para vingar a dignidade do seu sexo. Inflammou-se-me a vista com a ira, fitando-a nelle com um desdem tão altivo e tão firme, que o obriguei a calar-se de repente no meio das suas lisonjas impertinentes. Percebi que não esperava tanto e que se perturbava. Retirando então o braço, dei dois passos atrás; medi-o da cabeça aos pés com um olhar ao mesmo tempo scintillante e frio. Recuou lentamente, e quasi

pasmado diante d'elle como diante da ponta d'uma espada. Depois de o fitar, disse-lhe: — sr. Lagarde! prefiro a cella do mais austero convento, a pobreza, a mendicidade até, á ignominia de me vêr em leilão na praça, á vergonha de acceitar o nome d'um homem, que nem ao menos guarda as exterioridades hypocritas d'um galanteio, julgando-me tão pouco, que se atreva a amar e a pedir esposa por terceiro! Sr. Lagarde! a filha d'um Paulo d'Azevedo e Carvalho não se vende...

PAULO.— (*Apertando a mão com transporte*). Muito bem, minha filha, muito bem! Em nome dos nossos illustres antepassados eu te agradeço.

LEONOR.— Fiz o meu dever... Apenas acabei vi-o fazer-se branco como a tira da camisa; esconder o sorriso nos cantos da bocca e olhar-me direito e firme como deve olhar-se para alguem de quem recebemos uma injuria grave. Mas, pallido, até na sua colera foi senhor de si, e, mordendo os beiços com tal força, que d'elles lhe espirrou o sangue, cortejou-me e retirou-se...

PAULO.— Foi digno o teu procedimento... Vejo que recebeste de mim não só o sangue, mas o brio e a dignidade...

LEONOR.— (*Continuando*). Á roda de mim tremiam todos. Eu levantara a voz e tinha-o constrangido a curvar a fronte diante de muitos. Foi o que nos perdeu. Todas as nossas desgraças datam d'essa noite.

PAULO.—Jurou humilhar-te, mas não o conseguirá. Livre ou em ferros o desprezo será egual.

LEONOR.— Antes a clausura, antes a vida errante que levo ha mezes, antes a estreiteza d'uma prisão, do que a infamia d'um laço apertado pela avidez.

SCENA VIII

Os mesmos e depois o Sargento e Ventosa

PAULO.— (*Com força*). Oh! Lagarde! Infame! assassino! Cobriste d'uma rede de delatores os pontos onde suppões que podiam abrigar-se os teus adversarios; mercancías com a innocencia; abres e fechas as portas das prisões com chaves de ouro... Oh!... tens pressa de enriquecer?... (*Os milicianos levantam-se, Ventosa desce as escadas*).

SARGENTO.— (*Apparecendo ao cimo das escadas.*) Cala-te ahi, meu velho! Não insultes nosso amo, quando não mando-te algemar. Tens percebido?...

PAULO.— (*Com força*). Esperae, vis traidores, que eu vos ensinarei como se castiga a canalha, que ousa insultar as cans d'um honrado portuguez!... (*Corre ás escadas, Sapo dirige-se a elle para o suster, mas Paulo lança-o por terra e quer avançar*).

VENTOSA.— (*Sahe á frente de Paulo e segura-o por um braço; baixo*). Não vos compromettais. Tende confiança em mim e em Manuel Coutinho.

PAULO.— (*Baixo*). Manuel Coutinho?!

LEONOR.— Meu pae! Por quem é não se encolerise. Pede-lh'o a sua filha.

SARGENTO.— (*Que já tem descido as escadas*). Ah! Tu queres brincar? Milicianos! amarrem aquelle homem. (*Movimento de Paulo*).

VENTOSA.— Socegue. (*Ao sargento*). Sr. sargento, peço-lhe que suspenda a sua ordem. Eu, debaixo da minha palavra de honra, respondo pela tranquillidade e socego do sr. Paulo d'Azevedo.

SARGENTO.— (*Fazendo aos milicianos signal de suspensão*). Passo-lhe por esta vez por ser pedido do dono da casa; mas fica esperado para a primeira. Gósto de ensinar os valentões. (*Movimento de Paulo*).

LEONOR.— (*Detendo-o*). Meu pae!...

PAULO.—(*Com serenidade*). Estão promptos os quartos, sr. João?

VENTOSA.— Quando v. s.ª quizer, póde subir.

PAULO.— (*Dando o braço á filha; ironico*). Sr. sargento, venha occupar o seu logar. (*Paulo, Leonor, Ventosa e o Sargento sahem pela E. A.*)

SCENA IX

Sapo e os tres Milicianos

SAPO.— (*Depois de ter feito esforços para se levantar, consegue-o com custo, e, pegando na espingarda, diz com ar ameaçador*). Deixa estar, meu mariola, que has de pagar-me o tombo que me déste. Ainda não conheces a alminha que está dentro d'este corpo. Para te enviar ao outro mundo não me é necessario ir lavar as mãos ao rio... Não as perdes.

1.º MILICIANO.—Deixe-se d'isso, sôr Gaspar; aguas passadas não movem moinho.

3.º DICTO.— É melhor sentarmo-nos, e que vossemecê continue a historia que nos ia contando.

2.º DICTO.— Estou com vontade de saber porque lhe chamam a Casa dos fantasmas.

SAPO.— É com bem pouca vontade; mas já que vossês, bons camaradas, tanto apertam, não ha remedio senão satisfazer-lhes a curiosidade... Ia eu dizendo que, como a tal formosa dama não podesse casar com os dois irmãos, o que ficou solteiro, que era o mais moço, taes intriguinhas armou, que o irmão, cego pela colera, numa certa noite... záz... matou a mulher e um innocente filhinho... Passadas poucas horas descobriu-se a perfidia, mas já sem remedio. O desgraçado cahiu em si do delirio, e viu-se tornado verdugo de si mesmo, da esposa e do filho. O que mais se passou naquella noite é que ninguem sabe. Ao outro dia eram sepultados na capella d'este palacio tres cadaveres: marido,

mulher e filho. O irmão, sobrevivendo á morte das suas victimas, na edade de vinte e cinco annos, quando partia para não voltar, mettia horror á vista. Os cabellos e o rosto eram já d'um velho. Bastaram poucas horas de remorso para o transformar completamente.

2.º MILICIANO.— Que grande mariola! Esse precisava ser fusilado ainda depois de morto.

1.º DICTO.— Cala-te ahi, meu bruto!

3.º DICTO.—Está bom! Não interrompam a historia.

SAPO.— Se vossês se não calam, perco o fio ao discurso.

2.º MILICIANO.— Eu cá já estou calado.

SAPO.— Depois d'estes acontecimentos, todos fugiram d'este logar maldito; o velho guarda, que ainda aqui se conservou algum tempo, conta que uma noite, acordando sobresaltado por horas mortas, subiu ao andar nobre e cahiu sem sentidos paralysado pela visão terrivel, que se lhe apresentou diante dos olhos.

TODOS.— Então que viu elle?... Que foi que viu?...

SAPO.— Viu uma forma branca, com os cabellos cahidos pelas costas abaixo, atravessar as salas chorando. Levava apertada ao peito uma criancinha adormecida, e seguia-a outro espectro ameaçador com um punhal erguido; do lado estava outro ainda a contemplar aquella scena e dando grandes gargalhadas.

1.º MILICIANO.— Safa! que se me estão arripiando os cabellos.

2.º DICTO.— Eu, se visse uma cousa d'essas, endoidecia.

SAPO.— Foi o mesmo que succedeu ao pobre velho. Esteve por muito tempo louco de terror.

3.º MILICIANO.— Ó sôr Gaspar! Parece mal dizel-o, mas... olhe que já estou com medo.

SAPO.— Não pára aqui a historia. Um dia um allemão apostou que era capaz de dormir aqui uma noite inteira; mas, ao amanhecer, foi achado sem falla e sem

movimento; seis mezes depois ainda tremia quando lhe lembravam a aventura da Casa dos fantasmas.

1.º Miliciano.— Eu não queria estar na pelle dos presos que hão de dormir hoje no torreão.

Sapo.— Pois eu, se queres que te diga, desejava ainda ver um d'esses fantasmas; queria experimentar se uma bala da minha espingarda era capaz de lhe entrar no buxo.

SCENA X

Os mesmos e Ventosa

Ventosa.—(*Descendo as escadas*). Desculpem, meus senhores, o não ter mandado pôr-lhes a ceia na mesa; de todo me esqueceu; mas eu vou já remediar a minha falta. (*Chamando para fóra*). Ó Francisco! aquece o cabrito que veiu hoje do forno. Ó Vardasca! vem pôr a meza... (*Batendo as palmas*). Aviem-se, que os meus honrados amigos estão mortos de fome... Não esqueça o vinho...

Sapo.— Não se incommode por nossa causa, sr. João. Nós somos faceis de contentar. Em tendo vinho, pão e queijo, já fazemos um banquete.

Ventosa.— Não, senhor! Quero tractal-os como pessoas de bem e homens honrados, que são. Eu não tenho grandes manjares, mas o que dou é de vontade.

Sapo.— Lá isso é verdade; a sua generosidade e bom acolhimento são conhecidos por todos os que se hospedam em sua casa. (*Os criados põem a mesa*).

SCENA XI

Os mesmos e Antonio da Cruz

Antonio da C.—(*Entrando pela D. A.*) Ora tenham muito boa noite, sôr compadre e mais companhia.

VENTOSA.— Ora viva, sôr Antonio da Cruz. Por aqui a estas horas?! É grande novidade!

ANTONIO DA C.— É verdade, sôr compadre; julguei que estava sosinho e quiz vir fazer-lhe companhia.

VENTOSA.— Muito agradecido... Chegou em boa occasião... Diz o dictado — á hora de comer o diabo traz mais um. Nós estavamos para ceiar; sente-se e coma.

ANTONIO DA C.— Eu não sou homem que diga que não, quando se tracta d'estas coisas... Mas primeiro queria pedir-lhe um favor...

VENTOSA.— Os amigos são para as occasiões; se estiver na minha mão, está servido.

ANTONIO DA C.— A coisa é simples... Quando vinha para sua casa topei no caminho com um homem estendido no chão; pareceu-me que estava morto; como tinha a cara deitada para baixo, não o pude conhecer. Ora... é uma obra de caridade tirar o corpo d'aquella creatura de Deus do meio do caminho onde ficará toda a noite, visto ser já muito tarde para o depositar na egreja.

VENTOSA.— Da melhor vontade, compadre; sempre timbrei em cumprir as obras de misericordia, e essa é quasi uma obra de misericordia... Meus senhores! Se quizerem acompanhar-me a transportar o corpo encontrado pelo compadre Cruz, praticam uma boa acção, que Deus de certo recompensará.

1.º MILICIANO.— Eu cá por mim sempre ouvi dizer — faze aos outros o que queres que te façam.

2.º DICTO.—Vamos, sôr Antonio da Cruz, ensinenos o caminho. (*Sahem pela D. A.*)

SCENA XII

Sapo (*só*).

SAPO.—(*Que tem estado em convulsões durante aquella scena*). Um corpo encontrado no caminho!... Se fosse... Oh! mas sendo, como poderei eu passar aqui a noite velando juncto d'um cadaver, quando fui eu o assassino?... Fugir é denunciar-me... Se aqui me obrigam a pernoitar, em vez d'um, encontrarão dois cadaveres... (*Apertando as mãos na cabeça*). Oh! eu perco a cabeça!... (*Mudando de tom*). Então que é isto, sôr Gaspar?! Vossê não teme os vivos, e ha de temer os mortos?!... (*Rindo*) Ah! Ah! Ah! ora deixe-se de asneiras... (*Sentem-se passos*). Elles ahi vêm. (*Como acima*). Não posso... sinto fraquearem-me as pernas.. Oh! o remorso! o remorso!... (*Segura-se á mesa, voltado para a frente da scena, sem olhar para o corpo de Simões*).

SCENA XIII

Os mesmos, Ventosa, Milicianos e Antonio Simões (*Trazem Simões como se fôra um cadaver, deitam-n'o sobre o banco da D. B., cobrem-lhe a cara com uma toalha. A tempestade augmenta*).

VENTOSA.— Pobre Antonio Simões!

SAPO.— Antonio Simões! É o mesmo! É elle!...

ANTONIO DA C.— Deus Nosso Senhor tenha a sua alma em descanço... Quem seria o malvado?...

2.º MILICIANO.— Precisava duas braças de corda ao pescoço.

VENTOSA.— (*Com muita alegria*). Meus senhores! para a mesa. Vamos... sentem-se. Á ceia, rapaziada. Á ceia! Os camaradas accommodem-se para esse lado. (*O Sargento desce as escadas. Os milicianos e Ventosa sentam-se á mesa*).

SCENA XIV

Os mesmos e o Sargento

SAPO.— (*Corre ao encontro do Sargento, pega-lhe no braço, tral-o á frente do morto, aponta para elle e diz com voz quasi sumida*). Antonio Simões!. . (*O Sargento recúa*).

VENTOSA.— (*Alegremente*). Sr. Sargento! chegue se para os bons, e será um d'elles. Sente-se do meu lado. O sr. Gaspar, como é curioso, vai para alli, quero que espreite o defuncto a ver se bole com a alegria dos vivos. . Desculpem as colheres e garfos de ferro. A pratita, que tinha, está em Lisboa: nos tempos em que vivemos, digam lá o que disserem, sempre é o mais seguro... (*Reparando no silencio*). Então que é isto?! Nada de tristezas! Longe vá quem mal nos quer? (*Pegando na caneca do vinho*). Sr. sargento! á nossa, e que Deus nos livre por muitos annos e bons d'um amigo como encontrou aquelle que alli jaz. (*Bebe*). Então não bebe, sôr Gaspar! Que é feito d'aquelle ar galhofeiro do outro dia, meu velho?! Está com cara de enterro! (*Rindo*). Ah! Ah! Ah! terá vossê morte de homem ás costas? Diabo... (*O Sargento e Sapo levantam-se*). Sente-se, meu Sargento! Que vespa o mordeu? Os ares da casa não são bons, sei muito bem, mas que quer? A gente toma amor ao ninho e depois não ha quem o despregue d'elle. Não tenho mulher, nem filhos. Nasceu-me aqui o dente do siso e... Ora! o melhor é não tocar em cousas más... Mas... sempre lhe digo, que ha noites!... Ainda antes de hontem foi um reboliço lá por cima... eram cadeias, soluços, gemidos, parecia que vinha o sobrado abaixo!

1.º MILICIANO.— E nunca viu nada, sôr João?

VENTOSA.— Se não vi nada?! Se vi! aprouvéra a Deus que o não tivesse visto....

3.º MILICIANO.— Conte-nos isso.

VENTOSA. — Para não dormirem umas poucas de noites. É melhor fallarmos de coisas alegres.

1.º E 3.º MILICIANOS. — Não, não... Diga, diga. (*O Sargento e Sapo estão sempre inquietos e olhando ás furtadelas para o corpo de Simões*).

VENTOSA. — Eu vou contar; mas depois não se queixem... Faz hoje um anno, e... justamente chovia e trovejava como agora, que parecia acabar-se o mundo... Tinha eu uma cadella de perdizes, que era um brinco, a Pomba... Faltou-me todo o dia e cuidei logo que ficaria fechada lá em cima. A esse tempo ainda eu não tinha mandado tapar as duas portas dos quartos, que o sargento viu, e onde estão os presos... Peguei numa lanterna e subi. Atravessei tres salas. Apitei, chamei a Pomba, qual historia! não me respondeu, ella, coitadinha, que em me ouvindo, era toda saltos e alegria. Olhei por acaso para um canto mais escuro e vi... vi a pobre da bruta morta com a cabeça torcida!... Não sei o que me passou pela vista; tive medo, medo devéras, juro-lhes. Peguei no corpo da Pomba, e arrastando-me e tropeçando vim até á porta, que hoje está entaipada. De repente um sopro forte apaga-me a luz; um clarão bate-me nos olhos, e uma figura branca apparece-me tão alta e transparente, que se via como através d'um vidro. Não posso dizer-lhes o que senti; quiz gritar e faltou-me a voz; quiz benzer-me e cahiu-me a mão; quiz fugir e fiquei parado...

1.º MILICIANO. — E o fantasma disse-lhe alguma coisa?

VENTOSA. — O fantasma, depois de fitar-me com um olhar frio, que gelava, disse-me: — Desgraçado de ti, se tiveres sangue nas mãos! Nenhum matador sahe vivo d'esta casa! — Perdi os sentidos... Quando tornei a mim, era dia e achei-me deitado na cama. Cuidei que tudo tinha sido um sonho; mas não, senhores, a cadella jazia aos pés do leito!...

ANTONIO DA C. — Fóra com historias negras! Es-

tamos hoje aqui muitos e, graças a Deus, nenhum de nós tem de lavar as mãos do sangue que vertesse.

VENTOSA.— (*Vendo o relogio que põe sobre a mesa*). Vai dar meia noite. É a hora de principiar a dança lá por cima; não se assustem. O vinho é bom, festejemol-o, e o que fôr soará. Nossa Senhora, minha madrinha, não ha de desamparar-nos. (*Todos estão attentos olhando para o relogio. Ventosa põe-se de pé e tira o chapéu*). Meia noite! Deus seja comnosco! (*Todos se levantam instinctivamente*).

(*Sente-se um terrivel furacão, que abana todo o scenario; ao mesmo tempo um relampago, acompanhado do estrondo d'um fortissimo trovão, alumia por algum tempo a scena, que tem ido escurecendo gradualmente. As portas e janella abrem-se com grande estrondo. Ao limiar da porta da E. B., por detrás do corpo de Simões, assoma um fantasma envolvido em comprido lençol, que estende o braço na direcção da porta do fundo. Os milicianos levantam-se e sahem precipitadamente pelo fundo; alguns cahem no chão para se tornar a levantar com rapidez. O Sargento fica immovel. Sapo lança mão da espingarda, desfecha sobre o fantasma, mas a espingarda não dá fogo. Antonio da Cruz e Ventosa benzem-se repetidas vezes e fazem cruzes com os dedos. Simões levanta meio corpo, exala um suspiro, arranca a toalha que o cobre, levanta-se em pé e olha para o Sargento e Sapo. O Sargento, aos movimentos de Simões, foge. Sapo lança ao chão a espingarda, quer fugir, dá um grito e cahe, tapando o rosto com as mãos; fica quasi debaixo da mesa da D. B. O fantasma desapparece. Ao cimo da escada apparecem Paulo, Leonor e Manuel Coutinho; Ventosa ri descompostamente.*

SCENA XV

Sapo, Antonio da Cruz, Ventosa, Simões, Manuel Coutinho, Paulo, Leonor, Francisco, Vardasca e Polidoro

ANTONIO DA C.— (*Rindo*). Bravo, sôr compadre, bravo! Dou-lhe os parabens pelo desempenho da comedia. Vossê é um homem de idéas. O final não podia ser melhor!...

COUTINHO.— Dê-me um abraço, sr. João; cumpriu a sua palavra. (*Abraça-o*).

VENTOSA.— Obrigado, obrigado.

PAULO.— (*Estendendo-lhe a mão*). Agradecido por mim e por minha filha.

ANTONIO DA C. — (*A Vardasca que tem entrado pela E. A. acompanhado de Francisco e Polidoro*). Anda, que escapaste de boa; se a espingarda do Sapo estivesse carregada, ias para o outro mundo com toda a certeza.

FRANCISCO.— (*A Simões*). Ó sôr Simões! Vossemecê não morreu?

SIMÕES.— Morri, mas resuscitei depois.

FRANCISCO.— Pois eu já lhe tinha rezado um Padre Nosso por alma; mas, visto que já não está morto, queira perdoar se o offendi.

SIMÕES.— Ora essa! A candêa que vai adiante alumia duas vezes.

COUTINHO.— Agora é necessario partir.

PAULO.— Mas para onde? A cada canto se encontra um delator, um espia, uma sombra de Lagarde!

VENTOSA.— Para onde?! Para Lisboa; para o covil do lobo; onde menos desconfiem que póde estar, ahi será o mais seguro. (*Sapo tem erguido um pouco a cabeça, e escuta*).

COUTINHO.— Diz bem: Lisboa é o nosso refugio possivel. Vamos a Lisboa!

PAULO.— Estou ás vossas ordens.

VENTOSA.—Vardasca! Vae á cavallariça e apparelha todas as cavalgaduras. (*Vardasca sahe*).

LEONOR.— (*A Coutinho*). Pelo serviço que nos acabais de prestar a minha gratidão será eterna...

COUTINHO.— E o vosso amor?

LEONOR.— Infinito... (*Coutinho beja-lhe a mão*).

COUTINHO.— Partamos.

PAULO.— A Lisboa! E que Deus nos ajude. (*Dá o braço a Leonor*).

VENTOSA.— Polidoro! Francisco! venham alumiar. (*Sahem todos pela porta do fundo, Francisco levando o lampeão, Ventosa e Antonio da Cruz as espingardas*).

SAPO.— (*Depois de já se não sentirem os passos, levanta-se com precaução, olha em torno da scena, e diz colerico*). Ristes da minha credulidade?! Pois juro-vos que breve chorareis. (*Ironico*). Ides a Lisboa?! Veremos quem chega primeiro... (*Corre á janella e salta por ella com destreza*).

CAHE O PANNO.

ACTO I

Um Contraste

A scena representa uma sala rica da casa de D. Francisco, bispo de Malaca, num arrabalde de Lisboa e perto do Campo de Ourique. Porta ao fundo e lateraes; janella á E. B.

SCENA I

Bispo e Manuel Coutinho

BISPO.— Não perca o animo nas vesperas da victoria, sr. Manuel Coutinho. Lembre-se de quem é; creia mais em si, e em nós.... Deixe-me ter tambem um momento de vaidade... Deus ha de ser por este reino, e não ha de permittir....

COUTINHO.—(*Atalhando*). Deus?!... Não se esqueceu Elle de nós? Não está com os inimigos do seu nome e da nossa liberdade?!

BISPO.— Não diga isso. Cáia em si... Não vê que accusa a divina justiça?... Deixe-a caminhar...

COUTINHO.— Côxa e lenta como a dos homens?!... Sr. bispo! sou moço e militar, mas não posso supportar com paciencia christã o espectaculo de tantas mi-

serias, e de tantos crimes!... Falla da justiça de Deus?! Onde estava ella quando o Vigario de Christo, arrancado por mãos sacrilegas da sua cadeira, foi, como seu Divino Mestre, arrastado de prisão em prisão, de opprobrio em opprobrio, por turbas de soldados á voz de Bonaparte?...

BISPO.— Estava no Calvario, como no dia em que padeceu o Redemptor!... Continue...

COUTINHO.— Ah! E porque dorme ella quando nações inteiras choram escravas o seu martyrio, e banhadas em sangue invocam a morte nos campos talados, nas cidades saqueadas, nos patibulos e nos carceres?!... A morte!... unica esperança que lhes resta depois de roubados os seus altares, de incendiadas as suas moradas, de infamadas suas esposas e filhas, e de dispersas como vil pó as cinzas de seus paes e de seus avós!....

BISPO.— Quem lhe diz que dorme, e não que espera a sua hora? Quantos seculos durou a perseguição da Egreja e a tyrannia dos Cezares?... E hoje d'esse colosso romano, que assoberbava o mundo, o que sobrevive? Ruinas, memorias e a Cruz triumphante alçada no Vaticano! Tranquillise-se, conforme-se, e espere...

COUTINHO.— Que espere!... Mas elles, os verdugos, os malvados acaso esperam? Paulo d'Azevedo e Carvalho, duas vezes salvo por nós, escapou, por ventura, aos laços do infame Lagarde?... Está no castello de S. Jorge, bem sabe; e o conselho de guerra, que ha de julgal-o, tem sêde do seu sangue. Hoje, ámanhã, de uma hora para a outra, as balas de um pelotão!... Não tenho animo de o imaginar!... Vêl-o morto, assassinado, e não poder valer-lhe!... (*Pausa*). E hei de esperar?! Resignar-me?! Deixal-o morrer?!...

BISPO.—Ha de esperar, sim! Que remedio!... Paulo d'Azevedo está em perigo, porém ainda não morreu?!...

COUTINHO.— É verdade... Mas para o salvar?...

BISPO.— Havemos de empregar todas as nossas forças.

COUTINHO.— (*Com ironia*). Hão de salval-o! Contam assaltar o castello, prender Junot e colher Lagarde como um lobo no seu antro?!... (*Mudando a expressão*). Lagarde!... O auctor de todos os nossos infortunios! Pelo menos esse não se rirá impune, festejando o ultimo suspiro da sua victima. Lagarde pertence-me. Sou o seu juiz, e a minha justiça não côxeia nem dorme como a da Providencia...

BISPO.— (*Reprehensivo*). Não blaspheme e escute se póde! Os dias da usurpação estão contados. Quem sabe! Ámanhã mesmo, talvez, troquemos o luto da escravidão pelas galas...

COUTINHO.— (*Atalhando e segurando com força o braço do bispo*). Sonho!... Irrisão!... Aonde estão os homens para isso? Bastaria o som de um tambor para os espantar, e Junot conhece-os... Cuida que deu fé ás proclamações e aos conciliabulos do Conselho Conservador?... Becas, sotainas, velhos fracos, negociantes e frades, que tremem da sua sombra, ousarão nunca medir-se com os soldados de Bonaparte em um combate?! (*Mudando de expressão*). Sr. bispo de Malaca, se palavras e balas de papel matassem, então sim...

BISPO.— (*Atalhando com modo de reprehensão*). Manuel Coutinho! a dor torna-o injusto. Essas becas e esses frades são mais fortes do que os soldados em volta das suas bandeiras. Lembre-se de que puzémos a cabeça em cima do cepo, e que estamos resignados a padecer! Não esperava que o escarneo cahisse da sua bocca sobre nós! Aprende-se mais depressa a morrer com ruido no meio do fogo e dos alaridos d'uma batalha, do que a aguardar o algoz sobre os degráus do cadafalso. E ninguem sabe melhor do que nós, se o algoz pode ferir, e se todos estamos decididos a jogar a cabeça nesta partida... em que apostámos honra, bens e vida pela patria...

COUTINHO.— Sim, mas o povo cala-se e obedece... Lisboa chora e supporta; o reino...

BISPO.— O reino acordou e não torna a adormecer.

Por isso lhe disse que estavamos nas vesperas da victoria...

COUTINHO.— (*Com transporte*). O reino acorda?! Mas eu ignoro tudo!... Sr. bispo de Malaca!... Compadeça-se de mim... Bem vê a minha impaciencia! Estou quasi louco!... Conte com o meu braço, com o meu sangue... Mas diga-me, ha alguma esperança?...

BISPO.— Ha mais do que esperanças, ha factos. Prepare-se: dentro em pouco o seu posto será nas fileiras dos compatriotas no exercito da independencia. (*Dando-lhe uma carta*). Leia. Admire os designios profundos da Providencia...

COUTINHO.—(*Lendo para si e dando á physionomia expressão de jubilo e de enthusiasmo*). O norte sublevado!... O Porto talvez levantado a esta hora!... Trás-os-Montes e o Minho ámanhã, ou depois, em armas!... Os inglezes em Cork, ou já no mar para desembarcarem!... (*Declamando*). Meu Deus! Se isto é sonho ou delirio meu, fazei que nunca desperte d'elle!...

BISPO.— (*Sorrindo e com mansidão*). Então, filho, ainda acha que a justiça divina côxeia e dorme? Arrepende-se agora da sua pouca fé?! Pois bem! Já vê que as becas e as sotainas ainda valem alguma cousa: o milagre fez-se, e um bispo é quem ha de no Porto presidir ao governo do reino restaurado; sei-o de certeza.

COUTINHO.— (*Que durante esta falla tem estado pensativo, ajoelha aos pés do bispo*). Fui temerario, sr. bispo. Fallei mal de Deus e dos homens; cegou-me o orgulho e deixei-me arrastar pelas loucuras da tristeza. Desesperei da Providencia no momento em que Ella nos acudia!

BISPO.— (*Pegando-lhe das mãos e com brandura*). Levante-se, filho; só Deus é grande. O que somos, e o que podem os nossos juizos falliveis em presença da sabedoria eterna?! Arrepende-se? É o essencial. Vamos ao que importa: já viu D. Leonor?

COUTINHO.— Não; faltou-me o animo. O que havia

de dizer aquella infeliz, ferida de tantos golpes a um tempo? Talvez que antes de noiva seja orphã, e antes de esposa viuva... Oh! mas não sem eu me ter vingado primeiro!...

BISPO.— Manuel Coutinho! deixe a Deus o cuidado de punir. Socegue... A voz da liberdade, a voz da patria chamam por nós. Seja homem... Seja soldado. Tem uma espada, não faça d'ella um punhal, arma de traidores!... Sabe que ámanhã, depois da procissão de Corpus Christi, se esperam grandes novidades?

COUTINHO.— Aonde?... Se soubesse a minha impaciencia?...

BISPO.— Em Lisboa. Onde queria que fosse?...

COUTINHO.— E contam commigo? Asseguro-lhe, que só por cima do meu cadaver...

BISPO.— (*Atalhando*). Sei isso muito bem. Guarde para si a noticia.

SCENA II

Os mesmos, João da Ventosa e Antonio da Cruz

VENTOSA.— (*Fóra*). Eu sei o caminho; muito obrigado.

COUTINHO.— É a voz do nosso honrado lavrador da Ponte d'Asseca.

VENTOSA.— (*Entrando*). Christo seja nesta casa.

ANTONIO DA C.— Salve-os Deus, Nosso Senhor!...

VENTOSA.— (*Ajoelhando diante do bispo*). Sr. bispo, deite-me a sua benção.

ANTONIO DA C.— (*Do mesmo modo*). E mais a mim, que tambem sou gente. (*Beijam-lhe o annel*).

BISPO.— (*Deitando a benção*). Deus vos abençôe.

VENTOSA.— Estimo que vossas senhorias tenham muita saude.

ANTONIO DA C.— Nós cá vamos indo, como o outro que diz, quando mal nunca peor, muito obrigado.

COUTINHO.— Vós por aqui? Ha por força novidade.

ANTONIO DA C.—E importante, segundo ouvi dizer.

BISPO.— Viestes talvez para ver a procissão d'ámanhã: não é assim?

VENTOSA.— Saiba vossa reverendissima que sim. E tambem para ver a dança que ha no fim da procissão.

COUTINHO.— A dança?!

BISPO.— (*A Coutinho*). Então! Já esqueceu o que lhe disse ha pouco?

COUTINHO.— Ah! sim!... Mas quem lhes disse...

ANTONIO DA C.— Ora, quem havia de ser? Os fantasmas que visitam á meia noite a casa do compadre João.

COUTINHO.— Pelo que vejo, sou eu o mais atrasado em tudo.

BISPO.— Assim é preciso muitas vezes. Porque não emenda o seu genio? Diga-me, deseja fallar a Leonor antes de sahir?

COUTINHO.— Quereis alguma cousa, que em vosso nome lhe transmitta?

BISPO.— Não, muito obrigado. Quero recommendar-lhe sómente que se demore pouco, porque ella espera uma visita, ou, antes, duas...

COUTINHO.— Visitas!... De quem?!

BISPO.— Segredo d'estado; depois saberá.

COUTINHO.— Porém!...

BISPO.— Não insista. Se podesse dizer-lh'o, cuida que me calava? A proposito: se acaso estiver aqui quando elles... quando as visitas chegarem, jura pela sua honra de obedecer em tudo a Leonor?

COUTINHO.— Mas... Tantas precauções fazem-me suppôr...

BISPO.— Supponha o que quizer. Jura?

COUTINHO.— A minha confiança na sua virtude é tal, que de olhos fechados me entrego em suas mãos. Juro!

BISPO.— Não ha de arrepender-se: sem isso não o deixava ficar.

COUTINHO.— Mas essas visitas são então de inimigos?

BISPO.— Talvez!... E então? Cobre-os, quem quer que sejam, o tecto honrado d'esta casa; recebo-as como hospedes; é quanto basta, julgo!...

COUTINHO.— Oh! Dava metade da minha vida por adivinhar.

BISPO.— O caso não merece o sacrificio... Recorde-se do que jurou.

COUTINHO.— Hei de cumprir a minha palavra como homem de bem.

BISPO.— Emquanto ao mais, o que Deus quizer. Dá o mundo tantas voltas em poucas horas, Manuel Coutinho, que nos deitamos rapazes e ás vezes acordamos velhos... Deixe andar os homens e as cousas. Creia no tempo, que é um grande medico. Adeus, Manuel Coutinho. Adeus, meus senhores. Vou tractar de uma doença, que dá muito cuidado... Portugal está enfermo, e não pode esperar. (*Sahe pelo fundo*).

SCENA III

Os mesmos menos o Bispo

COUTINHO.— (*Acompanhando-o até á porta*). Ide, sancto varão, e que Deus ouça vossas preces.

ANTONIO DA C.— Olé! Aquillo é que é um homem ás direitas.

COUTINHO.— É um portuguez honrado, que ama devéras a sua patria... Então que contam fazer ámanhã?

VENTOSA.— Nós trazemos uma missão especial.

COUTINHO.— E póde saber-se qual é?

ANTONIO DA C.— Porque não! Combinámos dar cabo da pelle dos dois maiores mariolas, que hoje passeiam as ruas da capital.

VENTOSA.— Ha de conhecer: o Sapo e o Sargento Cabrinha.

COUTINHO.— Ha de ser difficil. Lisboa é muito grande, e além d'isso, se elles têm conhecimento das suas sinistras intenções, não os tornam a ver, ou arriscam-se a ir fazer companhia a Paulo d'Azevedo na prisão de S. Jorge.

VENTOSA.— Tudo isso poderá succeder, mas eu é que não desisto. O caso é um d'elles passar-me ao alcance do meu marmeleiro.

ANTONIO DA C.— Está visto!... Um homem é um homem, e...

VENTOSA.— É verdade! A proposito: v. s.ª permitte que vá ver as cavalgaduras, com licença de v. s.ª, que lá estão á porta? Devem trazer fome, porque o passeio não foi pequeno.

COUTINHO.— Pois sim, vá; na volta procure-nos no escriptorio do sr. bispo.

VENTOSA.— Com licença; até já. (*Sahe pelo fundo*).

COUTINHO.— Antonio da Cruz! acompanha-me, que temos muito que fallar.

ANTONIO DA C.— Estou sempre ás ordens de v. s.ª; é só mandar. (*Sahem pela D. A.*)

SCENA IV

Lagarde, Armand d'Aubry e Thomaz (*Thomaz apparece á porta do fundo para encaminhar os recemchegados. Lagarde e Armand trazem os seus respectivos uniformes*).

LAGARDE.— A senhora? A hospeda do sr. bispo de Malaca?

THOMAZ.— (*Indio, figura horrenda e trajando segundo o uso do seu paiz*). Sahiu a passear logo de manhã, mas não tardará em regressar.

LAGARDE.— Bem! Esperaremos. (*Thomaz sahe*).

ARMAND.— (*Rindo*). Ah! ah! ah! Que caricatura?

Digo-lhe, meu tio, que era aproveitavel para uma revista contemporanea. (*Rindo sempre*).

LAGARDE.— Aubry! Quando te verei um momento serio e preoccupado dos deveres da tua posição?

ARMAND.— Ora!... Quando uma bala me varar o peito, ou a cabeça. Se não levasse a vida a rir e a folgar entre dois amores, um que foge hoje para volver ámanhã, outro que arrebata e embriaga, o amor dos sentidos e o amor da gloria, cuida que valia a pena de a arrastar de desengano em desengano, de revés em revés até aos rheumatismos e defluxos asthmaticos da velhice? Por alma de meu pae! nasci e hei de acabar com esta sina. Sou assim feito; não tem remedio. (*Com gravidade*). Mas, apezar de rir muito, de chorar pouco e de preferir o lado comico ao aspecto lugubre da existencia, creia que este coração, facil em se alvoroçar com a promessa d'uns olhos pretos, azues ou verdes, a côr é indifferente uma vez que sejam formosos, é incapaz de trahir a honra e a amizade, ou de se aviltar por nenhum preço.

LAGARDE.—Bem sei: por isso te estimo. Desejava-te só menos estouvado. (*Movimento negativo de cabeça da parte d'Armand*). Não póde ser? Paciencia... Senta-te e escuta-me... O que te resta dos bens de tua casa?...

ARMAND.— (*Com indifferença*). Dividas e credores.

LAGARDE.— Nada mais?...

ARMAND.—Acha pouco? (*Com modo jovial*). Dividas desassocegadas e credores inquietos!... Tenho com que me entreter toda a minha vida.

LAGARDE.—Pois de todas as propriedades que herdaste, mobilias, ouro, prata... não possues absolutamente nada?!

ARMAND.—Nada!... O ouro que posso chamar meu... e assim mesmo só por uma audaciosa figura de rhetorica, porque ainda o não paguei... trago-o aos hombros... são as dragonas!

LAGARDE.— Então o naufragio foi completo?...

ARMAND.— Justamente.

LAGARDE.— E com que contas para o futuro?...

ARMAND.— Essa é boa! Com os meus vinte e oito annos, com esta figura soffrivel, com a saude á prova de todas as fadigas, que devo á minha compleição, e que tem sido o desespero dos medicos, e com o acaso de uma bala, ou de uma proeza, que me eleve em patente, ou me deixe morto no campo como muitas outras buxas de canhão, que valem menos do que eu.

LAGARDE.— Ès louco!...

ARMAND.— (*Levantando-se*). Sou philosopho!...

LAGARDE.—Talvez... Mas dize-me: eras filho unico, teus paes deixaram-te...

ARMAND.— A sua benção e alguns punhados de escudos nas gavetas. Que quer, meu tio? As aspasias de Paris, as silphides do corpo de baile e as musas da Opera vendem os sorrisos tão caros! Não imagina!... E sorriram tanto... tanto, e com tal graça para mim, que as mãos abriram-se-me sem sentir... Quando cahi na realidade, sabia de cór todas as piruetas e saltos de Vestris, todos os passeios e casas de pasto de mais fama, e podia dar lições de gosto e de ouvido a todas as plateias civilisadas... Mas nem um real no bolso para afugentar o demonio! Encolhi os hombros, e fiz-me soldado.

LAGARDE.— Bem sei. Porém a herança de tua tia?

ARMAND.— (*Affectando sentimento*). Sancta e excellente velha! Saltam-me as lagrimas dos olhos ainda, quando me recordo d'ella!... A herança da boa tia veiu nas poucas horas de melancolia, que tenho penado em minha vida. (*Dirige-se á janella, onde se encosta negligentemente*).

LAGARDE.— Isso não explica!... Lembro-me de ter ouvido fallar em terras...

ARMAND.— Oh! de certo. Um bom par de geiras... Eram muito fracas; vendi-as por economia.

LAGARDE.— Mattas e pinhaes...

ARMAND.— Magnificos!... Eram muito sombrios. Troquei-os a dinheiro para me não entristecerem.

LAGARDE.—Uma casa de residencia, vasta, com jardins...

ARMAND.—A casa era humida, e constipava-me; os jardins precisavam de muito amanho, e não apparecia jardineiro: destiz-me da casa e dos jardins...

LAGARDE.—Percebo! Nesse caso estás...

ARMAND.—Como diz o livro de Job. Nú sahi do ventre de minha mãe, e despido de bens de fortuna descerei á cova.

LAGARDE.—Admiro o teu sangue frio. Não te parece já tempo de assentares e mudares de vida?...

ARMAND.—Conforme a mudança!... Saltar da agua fria para cahir no fogo, não sei se é peior...

LAGARDE.—Armand! É necessario casares, e que o dote da tua mulher...

ARMAND.—(*Atalhando*). Chegue para remendar a capa esburacada do mendigo?!

LAGARDE.—Mais do que isso: é preciso que dê para uma capa nova.

ARMAND.—Não digo que não; mudarei ainda de pelle; estou prompto.

LAGARDE.—Muito estimo. Fallei-te na filha de Paulo d'Azevedo...

ARMAND.—Que escapou na Ponte d'Asseca, em um casarão arruinado, onde apparecem avantesmas, que debandaram um troço de milicianos por uma noite de tempestade. (*Rindo*). Nunca tive a honra de conversar particularmente com nenhum espectro, e desejava certas informações ácerca do limbo...

LAGARDE.—Ora adeus! Os fantasmas da Ponte d'Asseca sabes o que são?... Um bando de conspiradores, que a policia vai desmascarar e punir.

ARMAND.—Jesus! que ares tão tragicos, meu tio! Pela sua vida não represente de tyranno: o papel cabe-lhe mal; dê-me essa missão a mim. Adoro as aventuras e Cazoté é o meu idolo... Deixe-me lá ir, e póde bem ser que nessa casa encontre algum demonio amoroso.

LAGARDE.— Pois bem, irás ámanhã. Mas já te previno: o que lá acharás são morgados lorpas e rebeldes endurecidos. Voltando, porém, á filha de Paulo d'Azevedo....

ARMAND.— É moça?

LAGARDE.—Tem dezoito annos.

ARMAND.— Feia como uma herdeira, ou desastrada como as morgadas?

LAGARDE.— Não; linda, airosa e gentil como uma parisiense.

ARMAND.— Sancto Deus!... E... esse thesouro, essa fada, mimo de todas as perfeições, guardou até hoje o seu coração livre á espera de um perdulario, de um estouvado, que nunca viu?! Meu tio! sabe que o unico rediculo, de que tenho medo, é da sorriada merecida de Jorge Dandin?...

LAGARDE.— Repito: é uma menina séria, prendada e espirituosa...

ARMAND.— Não duvido: antes assim. A ingenuidade de Agnés sempre me assustou muito! Essa menina... Emilia... Adelaide...

LAGARDE.— Leonor... Leonor d'Azevedo...

ARMAND.— Leonor, é verdade!... Essa Leonor não estava justa para casar com um cavalheiro, tambem fidalgo, official, capitão, creio eu, do segundo regimento do Porto, licenciado depois dos tumultos das Caldas?... Se não érro, elle chama-se...

LAGARDE.— Manuel Coutinho. Não houve nunca promessa de casamento, enganas-te. As duas familias davam-se muito. O que poderia existir era algum namorico, alguns requebros naturaes... innocentes...

ARMAND.— Sim! sim! Muito innocentes. Sabe que nunca me resolvi a calçar sapatos de defuncto, e que de sapatos de vivos gósto ainda menos?... Uma pergunta, meu tio: hei de ser sempre noivo por procuração? Conta casar-me sem eu nunca ver minha mulher?

LAGARDE.— Casares sem ver tua mulher! Pelo amor

de Deus! Quem te metteu isso na cabeça? Has de vel-a, adoral-a e agradecer-me de mãos postas a escolha.

ARMAND.— Estou certo, meu tio; porém... como o meu voto me parece essencial, desejo dal-o em consciencia. Quando me apresenta a D. Leonor?

LAGARDE.— Muito cedo... Esperamos só pelo seu regresso a esta casa.

ARMAND.— Pois estamos na habitação de D. Leonor?!...

LAGARDE.— Está finalmente satisfeita a tua curiosidade.

ARMAND.— Oh! que surpreza!... Viva o melhor dos tios! (*Abraça-o*). Agora uma proposta... Estou com vontade de offerecer á minha noiva um bouquet de flores do seu jardim: quer acompanhar-me para ser meu director na escolha das flores?

LAGARDE.— Da melhor vontade!... Mas como sabes que a casa tem um jardim?

ARMAND.— Do modo mais simples!.. Vi-o d'aquella janella. (*Conduzindo-o juncto da janella*). Olhe! É encantador... A porta deve ser esta. Desçamos, meu tio; não percamos tempo. (*Dá o braço a Lagarde, e sahem pela porta da D. A.*)

SCENA V

Leonor e Thomaz (*Leonor entra, tira o véo e a capa, collocando tudo sobre uma cadeira*).

THOMAZ.— (*Entra com uma salva de prata, sobre a qual vem uma carta e dois bilhetes, que offerece a D. Leonor*). Vieram trazer esta carta para a sr.ª D. Leonor... Estes bilhetes são de dois cavalheiros que desejam fallar-lhe, e que ha já algum tempo estão esperando a sua vinda.

LEONOR.— (*Tomando a carta e os bilhetes*). Esta carta!... Ah! é do meu querido pae. (*Lendo os bilhe-*

tes). Lagarde — Intendente da policia. (*Lendo o outro*). Armand d'Aubry. (*Declamando*). Vieram cedo! Têm pressa de concluir o seu negocio! (*A Thomaz*). Onde estão as pessoas que me pretendem fallar?

THOMAZ.—Vi os descer para o jardim.

LEONOR.—Preciso estar só por um momento. Quando subirem, vem dar me parte. (*Thomaz sahe*).

SCENA VI

Leonor (*só*)

LEONOR.—Vejamos o que me diz na sua carta o meu bom pae. (*Lê para si e depois declamando*). É admiravel!... Que resignação!... Nem uma queixa! Nem um indicio de desalento!... Bem sei! não quer affligir-me! Receia desanimar-me, como se eu não adivinhasse as torturas, que terá padecido. Oh! Meu pae! Meu pae! Quasi que já não tenho forças para tanto soffrimento! (*Cahe numa cadeira juncto á mesa onde colloca o braço esquerdo para apoiar a cabeça sobre a mão; o braço direito fica-lhe pendente*).

SCENA VII

Leonor e Manuel Coutinho

COUTINHO.— (*Entra com precaução, contempla Leonor, dirige-se a ella, ajoelha, e toma-lhe da mão, que beija*).

LEONOR.—(*Como despertando*). Ah! Vós aqui? Nesta posição!

COUTINHO.— (*Com transporte*). Leonor! Leonor! Jure-me que não dará nunca a outro esta mão, que tenho nas minhas como penhor da nossa ventura...

LEONOR.— Juramentos?! Já se não contenta com

menos? (*Levantando-se e obrigando Coutinho a levantar-se*). Não crê em mim?!...

COUTINHO.— Como em Deus!...

LEONOR.— É de mais agora: basta a fé... Teve noticias de meu pae? Será possivel ao menos demorar a sentença que o ameaça?... Quando me lembro, Manuel! E nós aqui nestes colloquios, quando elle geme desamparado, e se prepara para a morte, que será tambem a minha, porque se o perder, sei que não posso, que não hei de sobreviver-lhe!

COUTINHO.— Não diga isso: seu pae está mais perto da liberdade do que da morte.

LEONOR.— Quem lh'o disse? Elle escreveu-me; alli está a carta, mas só confia em Deus!... Mas diga: ha alguma novidade? Devo ainda ter esperança?...

COUTINHO.— Deve. O bispo e sua irmã não lhe contaram nada?...

LEONOR.— Não! Ouvil-o-hei da sua bocca... A boa nova será para mim mais risonha.

COUTINHO.— O Porto vai acclamar o principe regente; Sepulveda sublevou as provincias do norte; o Alemtejo e o Algarve fazem ou farão o mesmo; os francezes accossados retiram sobre Lisboa de toda a parte...

LEONOR.— (*Ajoelhando*). Seja para sempre glorificado o vosso nome, meu Deus! Os ferros do captiveiro são asperos e pesados, e a minha alma, ferida de dor e cega de prantos, nem já a vista se atreve a elevar ao céo para vos pedir justiça!... (*Levantando-se*). O dia da liberdade começa a raiar... Manuel! o seu posto não é aqui, é ao lado de nossos irmãos, que pelejam e morrem pela patria

COUTINHO.— Bem sei; parto em dois dias... Vinha dizer-lh'o.

LEONOR.— Perdôe-me. Tenho pressa de ver meu pae: quero dever-lhe o seu resgate. Vá: a empreza é gloriosa. Ajudará a restaurar a patria, a restituir o throno ao seu rei legitimo, e um pae extremoso aos

braços de sua filha!... Porque não sou homem?! Nunca invejei tanto uma espada!...

COUTINHO.—(*Como que gracejando*). Quem sabe se os dias das amazonas não voltarão?!...

LEONOR.— Porque o diz zombando? .. Cuida que me faltaria o valor?... (*Mudando o tom*) Estou louca... Desculpe. . Debalde quero dissimular a minha fraqueza mais do que posso... Elles são briosos; hão de combater aqui, como combateram em toda a parte... Quantas victimas! Quanto sangue!... Manuel! Não seja temerario! Quero tornar a vel-o. Oh! se uma bala, se um golpe...

COUTINHO.—(*Atalhando*). Deus será comnosco: havemos de vencer; anime-se.

LEONOR.—E eu?! Ficarei só entre dois amores, que são toda a minha esperança; entre duas saudades, que prendem toda a minha alma!... Só!! Sem outra companhia mais do que os receios e cuidados; sem outras armas senão as minhas lagrimas e orações!...

COUTINHO.—(*Com transporte*). Leonor! Leonor!... Agora póde vir a morte, póde redobrar o infortunio, achar-me-hão forte! Sei que sou amado! Levo commigo a confissão da sua ternura.

LEONOR.—(*Com requebro amoroso*). Ingrato! Era preciso que um instante de dôr, mais poderoso que o pejo, lhe dissesse o que devia ter adivinhado!? Não sabia que a ninguem, a mais ninguem,.. depois de meu pae, tenho affeição?!...

COUTINHO.— Porque não diz amor?... Teme ver-me feliz?!...

LEONOR.—(*Com orgulho*). Amor! Sim!... Porque hei de encobrir o que sinto; porque hei de negar o que não posso esconder? Amo-o!. . Desde a infancia jurei que não teria outro esposo. Não é crime escutar o coração! Amo-o, Manuel Coutinho!...

COUTINHO.—(*Estreitando-a ao peito e com transporte*). Leonor!...

LEONOR.—Agora ouça: antes de partir volte aqui.

Diante de Deus estamos unidos. Quero dar-lhe uma prenda, que nos recorde a alegria triste d'este dia!... A guerra vai principiar. A sua ausencia póde ser longa .. Hei de supportal-a com toda a constancia, hei de ser digna mulher d'um soldado! Volte... Lembre-se que deixa nesta solidão metade da sua alma em troca da minha, que leva toda... Quero vel-o victorioso, coberto de gloria, mas... que eu não fique viuva sem ser esposa. Tem outra amante que vai servir, a patria: sacrifique por ella tudo... tudo, menos a vida, que me pertence. Agora .. adeus... Preciso socegar o animo para receber uma visita que espero, e da qual depende talvez a sorte de meu pae.

COUTINHO — (*Sombrio*). Lagarde!!! Porque se sujeita a ouvir esse monstro, auctor de nossas desgraças?

LEONOR.— Porque o meu dever o manda.

COUTINHO.— E conta responder-lhe?!

LEONOR.— Socegue: não lhe disse que o amava? Pela vida de meu pae estou prompta a sacrificar tudo, menos a honra do seu nome, que é sagrada, e a minha alma, que é livre... O esposo que posso ter, já o escolhi.

COUTINHO.—Obrigado, Leonor, pela doce promessa! Partirei tranquillo... Mas .. então porque escuta Lagarde? Com que espera movel-o?

LEONOR.— É o meu segredo. Todos os sacrificios, menos um. Tudo, menos vender-me ou aviltar-me.

SCENA VIII

Os mesmos e Thomaz

THOMAZ — Senhora! Os cavalheiros que solicitam fallar-lhe, dirigem-se para aqui. (*Sahe*).

LEONOR.— (*A Coutinho*). Sáia por alli... (*Coutinho fica immovel*). Não, não... Não lhe devo occultar nada! Entre para aquelle gabinete; mas jure-me que

ouça o que ouvir, veja o que vir, mesmo que eu fosse ameaçada... o seu braço, a sua voz, a sua presença, é como se estivessem ausentes.

COUTINHO.— Juro; mas se elle ousar?...

LEONOR.— Não ousa. Demais, sei, e posso defender-me; creia em mim. Agora vá... mas nem um gesto nem uma palavra: responde pela vida de meu pae.

COUTINHO.— Sim, eu vou, meu anjo, e saberei cumprir religiosamente. (*Beijando-a na testa*). Que o céo te inspire.

LEONOR.— (*Depois de ter acompanhado Coutinho até á porta do gabinete, que fecha sobre si, vem ao meio da scena*). Dae-me forças, meu Deus!...

SCENA IX

Leonor e Lagarde

LAGARDE.— (*Logo que transpõe o limiar da porta inclina-se profundamente deante de D. Leonor, e com o chapéu na mão aproxima-se-lhe, e beija a mão que ella não offerece nem recusa. Leonor com um aceno offerece-lhe uma cadeira; Lagarde porém recusa com um gesto, e diz*). Minha senhora!... Venho como supplicante mover a piedade da belleza deshumana, e os supplicantes não se assentam em presença dos juizes.

LEONOR.— (*Com ironia*). Vem mover a minha piedade, ou offerecer-me a sua?! Não mudemos os papeis! A supplicante devo ser eu... O vencedor não veiu aqui dictar-me as condições na idéa de me achar resignada a escutal-as e a submetter-me?!... Não o incommoda ficar de pé?...

LAGARDE.— Não, minha senhora. Tenho de pedir licença para lhe apresentar outra visita...

LEONOR.— (*Affectando ignorancia*). Outra visita?!...

LAGARDE.— Meu sobrinho...

LEONOR.— (*Como acima*). Seu sobrinho?!

LAGARDE.— Era tempo, não lhe parece?...

LEONOR.— (*Com indifferença*). Eu!...

LAGARDE.— Percebo! É-lhe indifferente? Consinta que juncte duas palavras: quer que lhe falle como amigo?

LEONOR.— Se póde!... Receio tanto o intendente geral de policia!...

LAGARDE.— Não receie; seja menos injusta. Desejo-lhe bem: respeito a sua firmeza; préso os seus sentimentos de filha extremosa; e sei que se quizer ha de fazer a felicidade do marido que preferir.

LEONOR.— (*Com ironia*). Tantos louvores, sr. Lagarde!... (*Rindo*). Ha quantos mezes me avalia assim? (*Com seriedade*). Confesse que tenho motivos fortes para suppôr o contrario. Costuma tractar, como nos tractou a nós, as pessoas que lhe merecem conceito?!

LAGARDE.— (*Disfarçando a perturbação*). Cruel!... As setas são agudas, e essa mão mimosa aponta-as com uma certeza! Pois bem! Se fiz o mal, posso ao menos dar-lhe remedio... O conselho de guerra ámanhã, ou depois, reune-se para julgar seu pae... A sentença depende das provas, e as provas principaes estão nas minhas mãos. Demais, Luny, o secretario d'estado dos negocios da guerra, é meu amigo intimo... Já vê... se eu interceder e ajudar, o sr. Paulo d'Azevedo será absolvido e solto...

LEONOR.— Bem o sei. Quererá o sr. Lagarde?...

LAGARDE.— Duvida?! Porque tem tão pouca fé?...

LEONOR.— Porque não acredito facilmente em conversões repentinas. Perseguiu-nos sem tréguas, não socegou emquanto não teve meu pae em ferros, e hoje... offerece-me ser o seu protector!? Ha grande mysterio nisso, não o negue!... Temo que exija, em troca, tanto da minha gratidão, que eu não deva acceitar.

LAGARDE.— Nada escapa á sua agudeza! Quer saber tudo? Tem razão: joguemos liso... Posso interessar-me e ser ouvido, fallando a favor do pae da noiva d'Ar-

mand, de meu sobrinho; mas, percebe muito bem, por maiores que fossem os meus desejos de servir, que o empenho não teria a mesma força, se o fizesse em beneficio de extranhos... de pessoas desaffectas ao governo de sua magestade o imperador e rei... Agora permitte que meu sobrinho entre?... Está esperando as suas ordens...

LEONOR.— Pois sim. (*Movimento de Lagarde para tocar a campainha. Leonor suspende-o*). Uma palavra antes, sr. Lagarde: é a noiva ou o dote, que mais o tenta neste negocio?!

LAGARDE.— Oh! minha senhora, que pergunta!... Que offensa!... O dote?! Não faz mal, de certo, o dote; a riqueza nunca se despreza; porém o thesouro d'essa linda mão!...

LEONOR.— Supponha que em troca da sua... Como hei de dizer?!

LAGARDE.— Diga amizade, minha senhora, amizade sincera; falle affoutamente.

LEONOR.— Talvez seja muito; benevolencia parece mais provavel... Supponha pois que em troca da sua benevolencia eu cedia o dote, e guardava (*intencionalmente*) a linda mão... que já é d'outro, e que em caso nenhum, aconteça o que acontecer, darei a seu sobrinho?...

LAGARDE.— (*Reflectindo*). O dote sem a mão?!... Julga, minha senhora, que será possivel?!

LEONOR.— Depende da minha vontade, estou prompta.

LAGARDE.— Não me entendeu! É uma esmola, que nos quer fazer, a meu sobrinho e a mim, ou uma peita com que espera subornar o ministro?

LEONOR.— Nem uma, nem outra cousa! É um testemunho de reconhecimento. Protesto-lhe que, dos tres, a mais agradecida serei eu.

LAGARDE.— Esqueceu-lhe que o mundo dirá que me vendi!... Não póde ser! Uma esposa não se estranha que seja generosa, mas uma extranha!... Minha se-

nhora, não decida nada sem o conhecer. Armand está aqui: é moço, é gentil, é brioso; merece-a. Sei que o accusam de ser um pouco estouvado e perdulario: não o defendo. São defeitos que o matrimonio corrigirá. Veja-o!... Tome tempo!... Não me julgue tão mau como dizem os meus inimigos: tudo ha de compôr-se.

LEONOR.— Deus permitta...

LAGARDE.— Deus quer o nosso bem, e ha de permittir! Sobre tudo se fizermos da nossa parte...

LEONOR.— (*Atalhando*). Da minha tudo, menos...

LAGARDE.— (*Atalhando*). Não diga isso!... Esse *menos* é que precisamos que desappareça. Meu sobrinho é um cavalheiro...

LEONOR.— (*Atalhando*). Affiança-m'o? Nesse caso estou socegada: o *menos* virá d'elle!...

LAGARDE.— (*Estremecendo*). Não imaginemos coisas tristes!... Seu pae, lembre-se, está preso e em vesperas de ser sentenciado...

LEONOR.— (*Com altivez*). Meu pae saberá morrer, que lh'o ensinaram os seus antepassados. O que nunca soube, nem ha de aprender na velhice, é a vender o seu sangue, a ventnra e dignidade da sua filha para salvar a vida!...

LAGARDE.— Nesse caso!... (*Mudando de tom*). Mas o pobre Armand! Fallámos tanto d'elle, que por fim esqueceu-nos! Como ha de estar impaciente! Tinha um desejo tão ardente de vir aqui! Ah! ri-se. Não acredita?! Pois é verdade: dá licença? (*Dirige-se á campainha que toca*). Verá, minha senhora, verá. (*A Thomaz*). Diga a meu sobrinho, que está no jardim, que a senhora D Leonor espera-o. (*A D. Leonor*). Creio, minha senhora, que ha de mudar completamente de opinião. Verá que não fui exaggerado no elogio que fiz de meu sobrinho.

SCENA X

Os mesmos e Armand d'Aubry

LAGARDE.— (*Dirigindo-se á porta do jardim*). Eil-o que chega. (*Armand entra com aspecto jovial; traz numa das mãos um bouquet de flores; ao ver Leonor torna-se serio*). A senhora D. Leonor d'Azevedo. (*Armand curva-se respeitosamente*). Aqui vem a seus pés mais este captivo, minha senhora! Compadeça-se d'elle: não consinta que suspire em vão. (*Armand fita Lagarde com modo reprehensivo*). Veja como a adora!... Que victoria, minha senhora! Fez como Cesar: viu e venceu!...

LEONOR.— (*Com ironia*). Ah! Sim!?...

ARMAND.— (*Confuso e recuando*). Meu tio!...

LAGARDE.—Armand, minha senhora, encarregou-me de lhe pedir que se digne receber os testemunhos do seu respeito e adoração.

LEONOR.— (*Como acima*). Sempre como procurador?!...

LAGARDE.— Em pessoa, minha senhora, em pessoa! Se não veiu mais cedo é que...

LEONOR.— (*Atalhando*). Meu pae não estava ainda no oratorio, e o sr. Lagarde temia que a filha fosse menos docil?

ARMAND. (*Deixa cahir o ramo, encara severamente Lagarde, e adianta-se com dignidade*). Minha senhora! Se aqui vim, foi attrahido por uma doce esperança, que vejo ter sido chimerica. Posso saber o que meu tio quiz fazer, valendo-se do meu nome? Presinto um segredo de violencia, talvez de iniquidade; mas juro lhe pela minha honra que estou innocente... que sou incapaz de acceitar a sua mão, que me faria ditoso, agora o sinto, se livremente m'a désse. Peço-lhe a verdade; ao menos não me condemne sem me ouvir!...

LEONOR.— (*Com bondade*). Agradecida! (*Offerece-lhe a mão, que Armand beija*). Não tenho que lhe perdoar... Agora vejo!... O sr. Lagarde... como hei de dizer toda a verdade!? .. O sr. Lagarde prendeu meu pae, accusa-o, e tem suspensa sobre a sua cabeça a espada d'um conselho de guerra. Tinha-me fallado ha mezes neste casamento... A minha recusa aggravou-o, e hoje aqui mesmo veiu propor-lhe salvar meu pae se eu consentisse...

ARMAND.— (*Reprimindo a colera*). Oh! meu tio... (*A Leonor*). Não diga mais, minha senhora .. Adivinho a resposta: regeitou!...

LEONOR.— Regeitei! A minha mão pertence a outro, e o meu amor não se vende.

ARMAND.— (*A Lagarde*). Nem o meu nome se infama! Sr. Lagarde! Agradeça ao sangue que nos corre nas veias a minha paciencia: se não fosse isso!...

LEONOR.— Offereci o dote sem a noiva: era o meu resgate. Oh! perdôe, sr. d'Aubry, não o conhecia ainda; depois que o ouço não lhe faria a affronta de suppor...

ARMAND.— (*Tomando com força do braço de Lagarde*). Vê a que me expoz, meu tio?! Tenho vergonha, queimam-me os lábios dar-lhe este nome. Quem lhe deu o direito e a ousádia de arrastar o meu, o nobre appellido de meus virtuosos paes, pelo lodo de suas torpezas?... (*A Leonor*). Sou pobre, mas a pobreza supportada com valor, com alegria, como eu a supportei sempre, não desdoura, engrandece... Socegue, minha senhora: todos os thesouros da terra, depois d'isto, não me obrigavam a acceitar a sua mão, ainda que m'a offerecesse.

LAGARDE.— (*Com ira*). Louco! Nescio!...

ARMAND — Sr Lagarde! Sei que devo parecer-lhe nescio e estouvado: gloria-me a censura. O que me faria córar eternamente seria um elogio depois do que acabo de ouvir.

LEONOR.— Sr. d'Aubry! creia que nunca hei de es-

quecer a nobreza do seu caracter. Aonde quer que a fortuna o leve... conte com a minha amizade. Não sou ingrata: se meu pae fôr livre...

ARMAND.— Ah! Esquecia-me, sr. Lagarde! (*Dirige-se a Lagarde, que se quer escapar*). Uma palavra antes de sahir! Os vinculos do nosso parentesco estão rotos de hoje em diante. Quer que o mundo ignore os motivos? Ponho uma condição a esse sacrificio da minha parte.

LAGARDE.— (*Com ameaça*). Condições?!...

ARMAND.— Condições, sim! Offereço o seu perdão e a minha indifferença.

LAGARDE.— Offereces-me o perdão? É admiravel! Que me importa o teu perdão?

ARMAND — Em troca d'um acto de generosidade... forçada... Bem vê que lhe faço justiça, e que digo forçada.

LAGARDE.— (*Com riso forçado*). Oh! oh! A scena era para se vêr no theatro francez!... Enlouqueceste, Armand?!

ARMAND.— (*Com indignação, e crescendo para Lagarde*). Não, não enlouqueci... Mas ninguem até hoje me affrontou impunemente... Em tres dias o pae d'esta senhora ha de estar absolvido e solto.

LAGARDE.— É de mais!... E se não estiver? Póde acontecer que as tuas ordens não sejam cumpridas á risca... Se não estiver, podes dizer-me o que farás? Accommettes a policia, fusilas o conselho de guerra, ou assaltas os moinhos de Monsanto?

ARMAND.— (*Com colera*). Por Deus, sr. Lagarde, não tente a minha paciencia! Se não estiver livre e absolvido... como lhe ordeno! Ouve?... Juro lhe pela sancta memoria de minha mãe, á qual só deve neste momento a vida, que ámanhã o nome mais infame do imperio será o seu!...

LAGARDE.— (*Recuando*). Armand! renegas o teu sangue por extranhos?! Unes-te aos inimigos da tua patria contra mim?!

ARMAND.— Os inimigos combatem-se com as armas na mão, não se salteiam nos corredores da policia pedindo-lhe a bolça ou a vida. Fez-me córar de vergonha! A maior injuria que podia irrogar-me era suppôr alguem que eu fosse cumplice de mercados tão villãos...

LAGARDE.— És uma criança! Julgas o mundo pelos romances!

ARMAND.— Basta! Quer acaso convencer-me?! Se não obedecer ao que lhe disse, que é o desaggravo da minha honra ultrajada, não se admire do que eu fizer...

LAGARDE.— (*Exasperado*). Do que fizeres! Ameaças?! Crês que te receio? Em eu te desamparando, cuidas que vales alguma cousa?!

ARMAND.— Hei de valer sempre o que vale um nome honrado! Não preciso de mais. Repito: se o pae de D. Leonor não fôr solto em tres dias...

LAGARDE.— (*Cruzando os braços*). Não será; e então?

ARMAND.— Então, farei saber ao general Junot e ao conselho do governo como se enriquece o intendente geral da policia!

LAGARDE.— Tu! Meu sobrinho!...

ARMAND.— Eu; seu sobrinho, por desgraça minha: escolha agora. (*A Leonor*). Adeus, minha senhora. (*A Lagarde*). Vamos. O luto entrou comnosco nesta casa... É tempo de deixarmos que a alegria e a tranquillidade voltem. (*Lagarde sahe precipitado*).

LEONOR.— Sr. Armand d'Aubry! porque irritou assim o sr. Lagarde?... talvez...

ARMAND.— Socegue: mesmo sem o dote, o sr. Lagarde ha de servir seu pae. Elle sabe que costumo cumprir a minha palavra.

LEONOR.— Oh! quanto lhe sou agradecida...

ARMAND.— (*Atalhando*). Por quem é, minha senhora... Levo d'aqui a admiração da sua formosura, e a magua de ter sido causa innocente de suas lagrimas. Sei que me perdôa, e que me fica estimando: não peço mais. Adeus, minha senhora. (*Beija a mão de Leonor e sahe*).

LEONOR.— (*Com voz commovida*). Adeus, sr. Armand d'Aubry.

SCENA XI

Leonor e Manuel Coutinho

LEONOR.— (*Sobe até ao fundo e desce quando Coutinho já tem sahido do gabinete*). Manuel Coutinho! Ouviu tudo?

COUTINHO.— Tudo...

LEONOR.— Então sabe a divida que hoje contrahi... que ambos contrahimos com Armand d'Aubry? Espero que a vida d'elle lhe seja tão sagrada...

COUTINHO.— (*Atalhando*). Como a d'um irmão... É uma grande alma!

CAHE O PANNO.

ACTO II

Francez á meia noite

A scena representa uma sala deteriorada do torreão da Casa dos fantasmas. Ao F. um espelho grande, que occulta uma porta praticavel. Á D. A. e E. A. portas que dão para quartos interiores. Á D. B. uma porta de escada. Á E. B. uma janella. No meio da scena está uma mesa em volta da qual estão dez conjurados; á cabeceira d'ella estão, no centro — Isidoro Pinto Gomes, coronel; á direita — o major Alvaro; á esquerda — o morgado de Penim — todos vestidos com os uniformes respectivos. Dos lados da mesa seguem-se os outros conjurados. Os ultimos assentos á frente da scena são occupados pelos conjurados — Manuel Carranca, Fr. João Salgado, e mais acima Manuel Coutinho, tambem de uniforme. Sobre a mesa estão dois castiçaes, uma lanterna de furta-fogo, tinteiro, papel, etc.

SCENA I

Coronel, Alvaro, Morgado de Penim, Manuel Carranca, Fr. João, Coutinho e quatro conjurados

CARRANCA.— Repito-vos, fr. João, o vosso alvitre é inadmissivel, e, direi até, de pouco senso.

FR. JOÃO.— (*Assentado em frente de Carranca*). Os laços da prudencia humana não me prendem!... Mais poderoso e forte, que todos os artificios munda-

nos, é o Senhor dos exercitos!... Para vencermos os jacobinos basta a candura da pomba...

COUTINHO.— Cuidado com as garras do milhafre!...

FR. JOÃO.— (*Batendo com o punho sobre a mesa*). Ao milhafre atira-se, sr. Manuel Coutinho! Bons caçadores temos, e, se fôr preciso, Deus, pela sua infinita misericordia, fará um milagre em nosso favor.

CARRANCA.— (*Com força*). Nada de milagres! Se vossa reverendissima julga que os francezes fogem diante de estolas, hyssopes e caldeirinhas de agua benta, engana-se redondamente. Vá a Leiria, e lá lhe dirão de que serviu o bello cantochão do bispo e dos clerigos!... Safa! tenho ainda nos ouvidos os berros das peças de artilharia e os alaridos d'aquelles malditos granadeiros... Pareciam gatos a marinhar e leões a arremetter...

FR. JOÃO. — (*Levantando-se e alçando os braços*). Sancto Deus! que ouço!... É o sr. Manuel Carranca quem profere taes blasphemias, ou é algum inimigo de Deus e da patria?!...

CARRANCA.— (*Levantando-se irritado*). Padre mestre! não me tente a paciencia! Eu digo a verdade, e não sólto blasphemias. Pão pão, queijo queijo! Nunca tive tracto com mouros, judeus ou herejes, nem consinto que ponham nota na minha religião: entende?...

FR. JOÃO.— Se não quer ser lobo, não lhe vista a pelle. (*Com gesto de orador*). Sou ministro de Deus e não adulador de poderosos; castigo os que erram.

CARRANCA.— (*Cada vez mais irritado*). Castiga? Diz que ha de castigar-me?!

FR. JOÃO.— Digo que já o castiguei, e que hei-de continuar!

CARRANCA.— A mim? Manuel Carranca, morgado e capitão mór de ordenanças de Leiria, pae de familia e homem de quarenta annos de edade?!

FR. JOÃO.— Quem o ouvisse não lhe faria mais de doze annos! Uma criança não falla mais levianamente. (*Senta-se*).

CARRANCA.— Sabe que mais, sôr padre? Se não fossem os seus habitos clericaes, havia de fazer-lhe pagar bem caro o seu atrevimento: juro-lh'o por alma de Eufrasia, minha santa companheira, que Deus tem.

FR. JOÃO.— (*Levantando-se*). Pois eu, sôr Carranca, creia que, se não fosse a minha missão toda de paz, já ha muito lhe teria feito calar a bocca com logica de sôco...

CARRANCA.— Ó sôr fr. João! Olhe que já o não vejo! Está-me parecendo mais pequeno que uma formiga... Não continue, fr. João,... não continue...

FR. JOÃO.— Ó sôr Carranca! Olhe que eu perco todos os respeitos, e não sei... (*Arregaçando as mangas, acção que Carranca imita*).

ISIDORO.— (*Que tem estado com a face recostada nos punhos, levanta a cabeça e falla com gravidade e imperio*). Que vozeria é esta, senhores! Estamos á porta d'algum açougue, ou em uma casa honesta, deliberando a bem da patria? Peço ordem... Vamos! não é já cedo, e é preciso sem demora concluir. (*Percorrendo a vista pelos conjurados*). O sr. fr. João Salgado propunha que montassemos a cavallo, e partissemos d'aqui a levantar Santarem, Villa Franca, Leiria...

FR. JOÃO.— (*Atalhando*). Todo o reino, sr. coronel. É muito facil...

COUTINHO.— É facil de fazer, e difficil de sustentar. Os francezes ainda estão em Abrantes e Lisboa.

FR. JOÃO.— É para os lançar fóra, que eu queria que todos esses povos armados...

ISIDORO.— (*Com gravidade*) E vossa reverendissima conta acompanhar-nos e combater ao nosso lado?

FR. JOÃO.—(*Com menos enthusiasmo*). Certamente... Com as minhas orações, com as armas espirituaes...

CARRANCA.— (*Rindo-se*). Ah! ah! ah!

ISIDORO.— Sr. Manuel Carranca! risadas não são razões: queira reportar-se. Estamos num acto melindroso, que póde custar a cabeça a todos nós... Conti-

nuemos... As armas espirituaes de grande auxilio nos poderão ser; porém, infelizmente, não bastam. Junot e os seus soldados pelejam com valentia, e não se dispersam com exorcismos. Sr. Manuel Coutinho, o seu voto?... Vem de Lisboa, é militar e tem prudencia: o que entende?

COUTINHO.— Que novos levantamentos nos atrasam em vez de nos adiantar. Os francezes são soldados, e bons soldados, força é confessal-o, e só por outros soldados podem ser vencidos. O povo tem brios e vontade, mas falta-lhe a disciplina...

FR. JOÃO.— *Deus super omnia!* Não quizera eu estar na pelle dos taes francezes, se de Leiria até ás abas da capital toda a gente se levantasse contra elles. Só os nossos camponios e pegureiros, que bello esquadrão! Demais, Lisboa está á primeira voz; sei-o com certeza. O conselho conservador na primeira occasião atira pelos ares os inimigos de Deus e d'el-rei...

COUTINHO.— Vossa reverendissima está enganado!

FR. JOÃO.— Estou enganado?! Queira dizer-me em que?

COUTINHO.— Em tudo. Primeiro, o povo não se levanta assim de repente e em massa; depois, os camponios e guardadores não aturam uma carga de cavallaria, nem o fogo da artilheria, a qual alcança longe e mette medo; por ultimo, a cidade de Lisboa não se move!

FR. JOÃO.— Ora essa! Muito mal nos vae então!...

COUTINHO.— Porque? Não marcham os inglezes de Monte-mór, ao pé de Coimbra? Confie mais nelles, que sabem fazer a guerra. O general Bernardim Freire com as milicias e voluntarios tambem avança: o que queria de Lisboa? Uma revolução de paizanos? As baterias do castello e as bayonetas de Junot depressa a venceriam. Não presenciámos nós ainda hontem esse espectaculo na occasião da procissão de Corpus Christi?... Ninguem deseja mais a capital libertada, do que eu, como portuguez, como militar, e... Os outros

motivos são só meus. Mas conheço a necessidade, e resigno-me. A nossa causa ha de triumphar nos campos da batalha e não nas ruas e com tumultos: as victimas já não têm sido poucas.

ISIDORO.— Qual é então a sua opinião, sr. Manuel Coutinho? O que devemos fazer?

COUTINHO.— A minha opinião é que montemos a cavallo, recrutemos o maior numero possivel de homens valentes, e que sem ruído nos vamos unir ao exercito de operações. É lá o nosso posto.

ISIDORO.— Muito bem; sou do mesmo parecer. O que dizem os senhores?

CARRANCA.— Que estamos promptos. Ardo em desejos de tirar uma desforra da grande sóva de Leiria...

ISIDORO.— (*Com dignidade*). E nós todos de tirarmos desforra da invasão.

TODOS.— Apoiado... apoiado...

ISIDORO.— Partiremos esta madrugada; e, se Deus quizer, seremos mais felizes d'esta vez.

PENIM.— (*Com enthusiasmo*). Que gloria, senhores, para nós e para nossos descendentes! A patria livre! Portugal triumphante!

FR. JOÃO.— O que não rirá sua alteza real, o principe regente, quando souber como por aqui tractámos os francezes! Para mim o melhor e mais ditoso dia da minha vida, ha de ser aquelle em que podér beijar os seus augustos pés... Oh! se elle voltar..., e ha de voltar..., apezar de indigno filho de S. Francisco (*choramingando*), irei com o povo puchar aos varaes da sua carruagem.

ISIDORO.— (*Levantando-se e com modo reprehensivo*). Sr. fr. João! se o principe D. João voltar, e Deus o traga depressa, deixe ás mullas d'Alter o peso do seu coche. Essas mãos sagradas são para celebrar os officios divinos e não para tarefas tão inglorias...

FR. JOÃO.— (*Atrapalhado*). Mas!... Não estamos todos aqui ajuramentados para verter até á ultima gota de sangue pelo principe e pela familia real?... Se não

fosse isto e a santa religião, tanto fazia Bonaparte como qualquer outro...

Isidoro.— Eu lhe digo. Sou portuguez e sou catholico: como portuguez quero morrer livre aonde nasci; como catholico detesto os que adoram o meu Deus só com os labios, roubando e profanando os templos, prendendo e espoliando em Roma o Vigario de Christo. Depois de Deus e da patria, mas só depois, é que vem para mim a restauração do throno de nossos reis...

Fr. João.— (*Agressivo*). Só depois?! É singular!

Isidoro.— (*Com severidade*). Pois não devia achar singular: e senão, diga-me: para que são os reis?...

Fr. João.— (*Atrapalhado*). Essa é boa!... Para que são?!... Deus instituiu-os...

Isidoro.— (*Atalhando*). Como pastores, guardas e defensores dos povos... E o que defendeu, ou guardou o principe regente? A sua pessoa, as suas alfaias, a sua segurança! A nós mandou-nos abrir as fronteiras, e entregou-nos manietados, por uma ordem sua, aos inimigos de que fugia.

Fr. João.— (*Attonito*). Nunca tal ouvi!... O que queria o sr. coronel, que sua alteza fizesse em tamanho apuro?

Isidoro.— O que fez D. João I e D. João IV: que ficasse: era a sua obrigação. Os reis não estão acima de todos para se esconderem nos perigos atrás dos ultimos vassallos, ou para esperar que elles combatam e vençam na sua ausencia.

Fr. João.— Que importa isso? Não estamos nós?

Isidoro.— Importa muito! É verdade que cá estamos, mas elle falta; e em quanto sua alteza, que Deus guarde, saborcia as bananas e os ananazes da sua chácra de S. Christovão, choramos nós a liberdade perdida, no captiveiro em que nos deixou.

Fr. João.— Mas sua alteza não se esqueceu de nós. O seu manifesto declarando a guerra á França ..

Isidoro.— (*Atalhando*). Ah! sim! Bem sei! Decla-

rou-lhes a guerra! Quem a sustenta? Nós e nossos filhos, com o sangue vertido no campo e nos patibulos, com as casas saqueadas e reduzidas a cinzas, com os bens e a saude arruinados! A côrte festeja de longe o nosso valor: a Gazeta do Rio chama-nos heroes; porém... uns comem os figos, e aos outros arrebenta-lhes a bocca. Acha isto justo, nobre, e bem feito? Se acha, faz mal; se concorda, calo-me... O principe e os titulares hão de voltar quando lhes abrirmos as portas; emquanto houver perigo, não! Se os cavalheiros da provincia, se o clero, se o povo imitassem tanta ingratidão, tamanha vergonha,— deixe-me chamar as coisas pelo seu nome,— Portugal seria de Napoleão, de Junot, do principe da Paz, da Hespanha, de todos emfim, menos de quem o desamparou para cuidar de si. Louvado Deus, se o rei fugiu e desertou do throno, nós lembramo-nos da nossa historia, dos nossos brios, e do nosso juramento: esqueceremos apenas que estamos combatendo sós! Quando o sr. D. João e os fidalgos regressarem a Portugal, nós, pobres e mutilados, mas honrados, iremos dar-lhes os parabens, e tornaremos logo para casa a ver se ainda salvamos do naufragio o pão de nossos filhos... (*Cortejando os circumstantes*). Peço desculpa d'estas palavras, meus senhores; sou velho, e os velhos têm o defeito, ás vezes, de fallarem muito. Prometto emendar-me, porque a occasião é de acções e não de palavras... Amanhã de madrugada partiremos. Boas noites! São horas de descanço. (*Os conjurados levantam-se. Ouve-se fóra tropel de cavallos; todos levam instinctivamente a mão ás espadas, ou ás pistolas. Ouve-se uma voz mandando manobrar. Momento de silencio*).

COUTINHO.— (*Que tem ido espreitar pela fisga da janella*). É uma escolta de seis homens acompanhada por dois officiaes. (*Retirando da janella*). Somos doze, e os nossos criados, que dormem na granja, muitos mais e decididos. Apaguemos já as luzes (*Dois dos conspiradores apagam as velas, ficando apenas accesa*

a lanterna de furta-fogo. A scena escurece completamente). Vamos para aquelle lado do palacio (*designa o espelho*), e demos tempo ao lavrador de nos avisar. Naturalmente os francezes pedem hospedagem e passam aqui a noite...

CARRANCA.—(*Atalhando*). Mas, se assim fôr, a nossa jornada...

COUTINHO.— A nossa jornada está primeiro do que elles! (*Intencionalmente*). Simplesmente... o que póde acontecer é apresentarmo-nos com alguns prisioneiros ao exercito!...

PENIM.— Excellente! Excellente! Vamos a elles; que nenhum escape!

COUTINHO.— Mais baixo, sr. morgado, mais devagar! Não acorde o leão, que dorme. Os soldados é facil apanhal-os onde ficam, os officiaes ainda mais; o João de certo os mette nestes quartos, e por aquella porta do espelho... Entretanto, por causa das suspeitas, e porque esta casa ainda póde ser-nos util, sou de voto que os assustemos e afugentemos com uma representação de fantasmas, e que á sahida lhes demos a voz de presos.

ALVARO.—(*Que está espreitando á janella*). Apeiam-se: a ceia que os espera ha de custar-lhes a digerir.

ISIDORO.— (*Rindo*). Deram-nos tão máu almoço em Leiria, que lhes devemos esta ceia. Vamos ensaiar os nossos papeis. (*Coutinho leva a lanterna; todos se dirigem ao espelho, que se abre, e desapparecem por detrás d'elle. Momento de silencio*).

SCENA II

João da Ventosa, Armand d'Aubry e Leão Lassagne

ARMAND.— (*Com modo muito galhofeiro*). O sr. lavrador é que é o dono da Casa dos fantasmas?

VENTOSA.— (*Com affirmativa*). Um seu criado. (*Tem trazido uma luz, e accende as velas*).

ARMAND.— Venho fazer-lhe uma visita de proposito, e pedir-lhe que me arranje um quarto aonde possa fallar á vontade com os seus inquilinos... as almas do outro mundo... Mal sabe as curiosas cousas que desejo perguntar-lhes...

VENTOSA.—(*Atrapalhado*). A quem?... É escusado: não sei nada... Póde prender-me, matar-me...

ARMAND.— Prendel-o, matal-o!... Quem lhe metteu essas loucuras na cabeça?... Sou capitão e chamo-me Armand d'Aubry. Ouvi fallar d'este palacio e dos fantasmas que dão bailes e concertos á meia noite, e jurei convidar-me com este meu amigo para assistir a um d'elles... Diga-me: tem bastante valimento na casa para me alcançar dos seus espectros o favor de se não incommodarem por amor de mim, e de me tractarem como pessoa da familia?...

VENTOSA.—(*Estupefacto e attonito*). Eu... sim... eu já disse. (*Á parte*). Tubarões me trinquem se por ventura sei o que hei de dizer.

LASSAGNE.— (*Á parte a Armand*). Bem se vê que não nos enganámos.

ARMAND. — A proposito: andámos um bom par d'estas suas leguas portuguezas, que são eternas e enfadonhas, e estamos cahindo de fome e de somno: póde dar-nos sem demora um pedaço de pão, um golle de vinho e uma cama?

LASSAGNE.— Aonde poderei alojar os meus soldados?

VENTOSA. — (*Mais desafogado*). Vossas senhorias estão em sua casa; podem mandar-me no que lhe fôr prestavel. Graças a Deus temos aonde aquartellar um regimento. Depressa se arranja alguma cousa para ceiarem; e emquanto a camas, tenho uma em cada um d'estes quartos, que vossas senhorias podem examinar já: tenho por costume tel-as sempre promptas para o que der e vier.

LASSAGNE.— Vejamos os quartos.

VENTOSA.— Á vontade: façam de conta que estão em sua casa. (*Lassagne e Armand entram cada um em seu quarto, levando luz*). Safa! (*Limpando o suor da testa*). A gente não ganha para sustos! Sempre cuidei!... Ah!... E os outros que, provavelmente, estão lá dentro?! E os criados d'elles que estão na granja da encosta?!... Com a bréca! Se dão com a lingua nos dentes, vae tudo por ares e ventos. Valha-me Deus!... Se eu nunca hei de acabar de ser tolo! Já minha avó me dizia: João! para que te mettes tu a dobar meadas alheias?! Não ha remedio. (*Vendo que entram*). É preciso fazer das fraquezas forças.... Então! vossas senhorias gostaram dos quartos?

ARMAND.— Magnifico!

LASSAGNE.— Optimo!

ARMAND.— Para o que havemos de dormir não era preciso tanto.

LASSAGNE.— Agora o resto.

VENTOSA.— Prompto!... Vou já dar as ordens necessarias: com licença de vossas senhorias. (*Sahe*).

SCENA III

Os mesmos menos Ventosa

LASSAGNE.— Sabeis que este palacio negro e a cahir faria a fortuna de um auctor de novellas tragicas? Se os espectros o enfestam, como se diz, devemos confessar que escolheram scena propria para seus terrores.

ARMAND.— Espero, antes de nos separarmos, que d'esta vez as almas do outro mundo é que hão de ter medo e fugir: sei uma excellente receita para isso.

LASSAGNE.— (*Rindo*). Ah! ah! ah! E o nosso sargento, curtido em trinta campanhas, o que diz do demonio e seus sequazes?

ARMAND.— Roberto?... Ri-se e encrespa os bigodes. Tanto lhe faz combater os austriacos, e os prussianos, como os mamelucos, ou os subditos de sua magestade infernal Satanaz I: é capaz de disparar á queima roupa sobre Asmodeu em pessoa.

LASSAGNE.— Ha de ser curioso! O meu receio unico é que os fantasmas se recolham aos bastidores e addiem a representação: nesse caso os logrados seriamos nós...

ARMAND.— De certo!... Mas tenho motivos para crêr que a noite de hoje entra no programma diabolico. A demora em nos abrirem a porta; a perturbação d'este lavrador, que me parece um contra-regra soffrivel de visões e espectros; certo ar de mysterio e de desconfiança; tudo me faz suppôr que apenas deitarmos a cabeça no travesseiro...

LASSAGNE.— (*Atalhando*). Teremos logo de a levantar para nos entendermos com as almas do outro mundo...

ARMAND.— (*Rindo*). Justamente!... Apósto que lá em cima as figuras já andam a tombos com o averno ou com o purgatorio?!...

LASSAGNE.— (*Rindo*). Talvez!... Então este casarão é o quartel general...

ARMAND.— De todos os conspiradores, desertores e furagidos, que nos fazem a honra de detestar o nome francez como extrangeiro, como jacubino e como hereje! Podeis estar seguro que, se désemos busca ás salas e corredores arruinados do andar nobre, punhamos a mão sobre o ninho ainda quente d'esses escandecidos patriotas, que se tornam invisiveis sempre que podem, para nos darem detrás dos muros e dos vallados os bons dias e as boas noites com as balas das suas espingardas. Meu tio, o intendente Lagarde, não hesitava, e a esta hora já tinha uma nuvem de beleguins e soldados a correr tudo a farejar e afuruar os cantos e desvãos... Eu creio mais nas minhas pistollas e na minha espada, do que nos laços da policia; e ha tres noites que sonho a fio com delicias na

probabilidade de um duello, ou d'um combate com uma legião de fantasmas.

SCENA IV

Os mesmos, Ventosa e criados (*Os criados Vardas, Francisco e Polidoro entram trazendo o necessario para pôr a mesa*).

VENTOSA.— (*Trazendo tres garrafas de vinho*). Isto foi num abrir e fechar de olhos: hoje já não morrem de fome. Vossas senhorias desculpem os arranjos: bem sabem que estão na aldeia... Ora aqui têm vossas senhorias savel frito, boa linguiça, e uma pinga de que hão de gostar: este é da minha lavra... Eu cá vou enchendo as canecas... (*Enche*). Ora façam vossas senhorias o favor de provar...

ARMAND.— (*Que já está comendo com vontade, diz a Lassagne*). Bebamos á saude do lavrador!

LASSAGNE.— (*Do mesmo modo que Armand*). Á sua saude, bom homem!

VENTOSA.— Obrigado! obrigado a vossas senhorias: são favores que não mereço... Então! que tal? é de boa qualidade? Nestas seis leguas em redor não o ha superior. (*Enchendo as canecas*). Vossas senhorias ainda não lhe tomaram bem o gosto; as canecas são pequenas; se vossas senhorias querem mando buscar outras maiores...

ARMAND.— Não, senhor, não se incommode; nós somos fracos bebedores e, apezar da fina qualidade, o seu vinho não se dá muito com o nosso paladar; apreciamos mais os vinhos francezes.

LASSAGNE.— Pois eu, sem fazer offensa aos vinhos da nossa patria, prefiro a todos uma garrafa do Porto ou da Madeira.

VENTOSA.— Ora!.... Porque não tinha v. s.ª dicto isso ha mais tempo?! Tenho na minha adêga vinho da

Madeira e do Porto desde tempos immemoriaes: eu mesmo vou escolher duas garrafas; é um momento...

LASSAGNE.— Mas... venha cá, homem, eu não disse isto para vossê...

VENTOSA.— (*Atalhando*). Essa é boa! Ha de provar uma gota só que seja do meu Porto: verá que é capaz de dar vida a um defuncto. (*Sahe*).

LASSAGNE.—Venha cá, homem!... Já me não ouve...

SCENA V

Armand e Lassagne

ARMAND.— Sentido! Os espectros, segundo noto, são eruditos: leram Virgilio, Horacio e Vegecio. Este aldeão medita uma nova edição do cavallo de Troia em formato reduzido: o que elle nos vai buscar não é vinho, é somno para nos ter á sua disposição.

LASSAGNE.— (*Sorrindo*). Nos meus tempos de taful e de rapaz talvez se arrependesse, porque me atrevia a beber o mar!...

ARMAND.— Ah! Leão! Meu querido Leão! Muito verdadeiro é o adagio que diz: viaja para aprenderes. Quem havia de suppôr que, sem ser-mos Samsão, vinhamos encontrar em umas ruinas da Ponte d'Asseca esta parodia dos artificios de Dalilla?

LASSAGNE.— Oh! oh! Dalilla de véstia, calções e varapau?!

ARMAND.— Porque não? O habito não faz o monge. (*Baixo*). Álerta! ahi vem o nosso homem. Deus me perdôe se o calumnio; porém, creio firmemente que elle foi saber a sanha dos fantasmas para o espectaculo d'esta noite. (*Vendo entrar Polidoro*). Enganei-me... é o criado com as garrafas.

SCENA VI

Os mesmos e Polidoro, que traz duas garrafas

LASSAGNE.— (*Baixo a Armand*). Tive agora uma idéa, Aubry! Este homem tem cara de lôrpa: não achaes a proposito fazer-lhe um interrogatorio?... póde ser que dê alguns esclarecimentos de que precisamos...

ARMAND.— Não dizeis mal... (*A Polidoro*). Aproxima-te! (*Fallando mais alto*). Aproxima-te!... (*Mais alto ainda*). Tu és mouco?!

POLIDORO.— (*Tartamudiando*). É pouco!... Eu vou di...zer ao pa...trão, que vos...sas senho...rias acham que o vi...nho é pouco...

LASSAGNE.— (*Rindo*). Ah! ah! ah!

ARMAND.— Que tal está o alarve! (*A Polidoro*). Não é isso de que agora se tracta...

POLIDORO.— (*Recuando*). Que...e me mata?! En...tão que fiz eu?!

ARMAND.— Não, homem! Queremos saber noticias dos fantasmas!...

POLIDORO.— (*Á parte*). Não per...er...cebo!... (*Alto*). Disse cata...plasmas?!...

LASSAGNE.— Parece-me que o homem é mais velhaco, do que mouco.

ARMAND.— Se assim é, eu o ensinarei. (*Segurando-o pelo braço*). Olha que se não fallas direito, queimo-te os miolos: percebes agora?...

POLIDORO.— (*Zangado*). O sr. fa...a...aça favor de me deixar!.. Olhe que .. me faz doer o braço. (*Á parte*). É espada...da...chim o tal francez!... Com sua licença, eu já ve...e...nho... (*Corre para a porta*).

LASSAGNE.— (*Segurando-o*). Não escapas assim!... Anda cá, que ninguem te faz mal. (*Trazendo-o ao meio da scena*).

POLIDORO.— (*Em cortezia*). O sr. é mui...ui...to in-

civil!... Isso não são mo...o...dos de tractar as pessoas da ca...a...sa!...

ARMAND.—Vamos! Diz o que sabes, que não has de perder o teu tempo.

POLIDORO.—(*Á parte*). Não per...er...cebo. (*Alto*). Eu vou cha...a...mar o patrão... (*Corre em direcção á porta e esbarra com Ventosa, que vem entrando*).

SCENA VII

Os mesmos e Ventosa

VENTOSA.—Não reparas, meu bruto! Além de mouco e gago tambem és cego?...

POLIDORO.—Não per...er...cebo...

VENTOSA.—De cebo... de cebo precisas tu nos ouvidos. Sahe d'aqui. (*Polidoro sahe*).

ARMAND.—(*Que tem rido muito*). Fez uma boa acquisição naquelle criado, sr. lavrador!

VENTOSA.—Que quer! Esta minha casa é quasi um hospital de invalidos: desculpem vossas senhorias alguma má palavra, que aquelle brutinho tivesse dado.

LASSAGNE.—Oh! Está desculpado.

VENTOSA.—As garrafas não vieram para vista. (*Desarrolhando uma*). Esta primeiro, que é do Porto.

ARMAND.—Não se incommode, nós não bebemos mais; estamos muito satisfeitos.

VENTOSA.—Ora essa!... Isso é uma desfeita que me fazem: ainda que não seja senão para o provarem.

LASSAGNE.—Faça-mos-lhe a vontade.

VENTOSA.—(*Deitando o vinho*). Ainda bem; eu tambem bebo. (*Enche para si uma caneca*).

ARMAND.—(*Baixo a Lassagne*). Cuidado!...

VENTOSA.—Á saude do nosso rei!...

ARMAND.—Á saude de Bonaparte!...

LASSAGNE.—Hurrá!...

VENTOSA.—Muito bem... muito bem... gósto d'esta

fraternidade... (*Com enthusiasmo*). Outra saude... outra saude...

ARMAND.— Basta de saudes, amigo lavrador!... Agora necessitamos descançar: não inste; juro-lhe que não bebemos mais...

LASSAGNE.— (*Levantando-se*). Boa noite, sr. João; vou dizer um segredo ao travesseiro.

ARMAND.— (*Bocejando*). Ah!... E Morpheu a voltas commigo...

VENTOSA.— Pelo que vejo dão-se por vencidos, e retiram do campo!... Pois eu tambem me retiro: estimo que vossas senhorias durmam descançados... Mandam alguma cousa?...

LASSAGNE.— Não, obrigado.

ARMAND — Obrigado; boa noite... boa noite...

VENTOSA.— (*Cortejando-os*). Com licença de vossas senhorias... (*Sahe. Armand fecha a porta á chave*).

SCENA VIII

Armand e Lassagne

ARMAND.— Viva Deus!... Estamos nas covas de Salamanca, e talvez separados apenas por uma parede da sala regia aonde os fantasmas dão as suas audiencias. Lassagne, ha mezes passaveis por ser a primeira pistola e a mais fina espada do regimento: não deixeis ficar mal a destreza nestas ruinas, porque vos affirmo que, vivos ou mortos, os que entrarem neste quarto, pela janella, pelo sobrado, pelo tecto ou pelos muros, não sahem d'aqui sem dizerem d'onde vêm e para onde vão.

LASSAGNE.— (*Com dúvida*). Virão elles?... Receio que algum diabrete os avise...

ARMAND.— Não recieis: não faltam; diz-m'o o coração. A fortuna tem sido madrasta commigo, e deve-me tanto que de certo não me nega o gosto de ver e apal-

par um espectro, e de lhe perguntar noticias... dos inglezes, do general Bernardim Freire, ou d'alguma guerrilha emboscada perto d'aqui. Se vos parece deixaremos para depois o itinerario do purgatorio e os fogachos do inferno...

LASSAGNE.— E não quereis que nos chame essa gente jacobinos e herejes?!... Em que acreditaes?...

ARMAND.—(*Serio e melancolico*). Em Deus, que nos ouve; em Jesus, que nos remiu; e na immortalidade, que ha de unir-nos em espirito aos que amamos neste desterro chamado mundo! (*Mudando de tom*). Mas... são horas de apreciarmos os colxões das camas, e de dormirmos um instante com os olhos abertos. Lassagne!... Tendes o somno pesado?...

LASSAGNE.— Leve como um açor! Um nada me desperta.

ARMAND.— Bello! Eu tambem: por esse lado não ha que temer. Agora as pistolas. (*Ambos examinam as pistolas*). Optimo!

LASSAGNE.— As escorvas estão seccas, e ardem bem.

ARMAND. Tende sempre as armas á mão. (*Apertando-lhe a mão*). Boa noite.

LASSAGNE.— Deus permitta, que os fantasmas se não arrependam.

ARMAND.— Estou ancioso de os conhecer: adeus.

LASSAGNE.— Adeus. (*Cada um leva seu castiçal com luz*).

ARMAND.— (*Juncto da porta do quarto*). Lassagne! Tendes bem presente o nosso plano de defeza?

LASSAGNE.— Tenho a memoria d'um anjo; o caso está que o possamos pôr em practica.

ARMAND.—Não tenhaes receio por esse lado: adeus. (*Entra no quarto á E.*).

LASSAGNE.— Adeus. (*Entra no quarto á D.*).

SCENA IX

Coutinho, Penim e Carranca (*A scena fica ás escuras. Ha um momento de silencio; depois abre-se com precaução a porta do espelho e sahem por ella os tres personagens acima indicados. Coutinho, de espada na direita e a lanterna na esquerda, fica guardando a sahida: os outros dois adiantam-se com precaução*).

CARRANCA.— (*Escutando á E., e com voz submissa*). Dormem!... Estão apanhados!...

PENIM.— (*Do mesmo modo*). Aonde está o outro francez?...

CARRANCA.— (*Indicando a D.*) Alli! Segure-o sem bulha; este fica por minha conta! Já o ouço resonar.

PENIM.— Bem... cá está a porta. (*Abrem ao mesmo tempo as portas dos quartos; deitam a cabeça, examinam; depois recuam*).

PENIM e CARRANCA (*Ao mesmo tempo*). Fugiu!

CARRANCA.— Manuel Coutinho! Sr. Manuel Coutinho! Fomos sentidos: os jacobinos puzeram-se ao fresco!...

COUTINHO.— Por onde? Não póde ser! Procurem bem!

PENIM.— É verdade! Os nossos velam... Fóra tudo está quieto!

CARRANCA.— De certo, sr. morgado; a esta hora os dragões estão apanhados como coelhos na rede. Mas por onde se sumiram elles? (*Ouve-se fóra um silvo, e em seguida dois tiros. Momento de sobresalto e silencio*).

COUTINHO.— (*Adiantando-se, e pousando a luz sobre a cadeira*). Que é isto?! Estamos vendidos?!...

SCENA X

Os mesmos, Armand e Lassagne (*Que apparecem ás portas dos quartos: Lassagne trazendo a luz em uma das mãos e a pistola na outra; e Armand, do lado opposto, trazendo tambem a pistola em acção de defesa. Os que estão em scena recúam*).

ARMAND.— (*Com urbanidade*). Não, meus senhores, não estão! (*Momento de silencio; depois, com ar jovial*). Conversemos, senhores. Não imaginam a impaciencia que tinha em os encontrar aqui. Andei doze legoas a cavallo, sem refolgar, e que legoas! só para ter o gosto de conversarmos cinco minutos!...

PENIM.— (*Levando a mão á pistola*). Talvez se arrependa!...

ARMAND.— (*Com seriedade e apontando a pistola, acção que Lassagne imita*). Nada de imprudencias, por quem é... Não comecemos a narração pelo epilogo, erro crasso de rhetorica, segundo affirma o padre Laly, sabio professor do meu collegio. Tambem trazemos com que responder, e menos mal. Deixemos porém as explicações de polvora e bala para o fim, se não nos entendermos.

COUTINHO.— Pois bem... seja. Cahimos em uma embuscada, e...

ARMAND.— (*Rindo*). E não sabe se o feitiço se virou contra o feiticeiro? Parece-me que sim. Queiram sentar-se, meus senhores!

CARRANCA.— (*Irritado*). Estamos bem! O que temos a dizer, em duas palavras se acaba.

ARMAND.— (*Com ironia*). Quem sabe?!... A mobilia não é opulenta, mas as cadeiras chegam. Demais... soldados com pouco se contentam. Queiram sentar-se. (*Sentam-se*). Muito bem. Posso saber o motivo a que devo a felicidade d'esta visita? O meu nome é Armand d'Aubry, capitão do 1.º de dragões da guarda...

COUTINHO.— (*Com surpresa*). Armand d'Aubry?!

ARMAND.—Exactamente... O meu companheiro chama-se o sr. Leão Lassagne, tenente do mesmo corpo, conhecido dos austriacos, prussianos e hespanhoes pela firmeza dos golpes e certeza do tiro. Ser-me-ha licito agora, que dei conta de mim e do meu amigo, perguntar o nome dos cavalheiros que nos honram com a sua presença?...

COUTINHO.— (*Inclinando-se*). De certo: se nos cobrimos com as trevas da noite é porque somos opprimidos e ainda não soou a hora de combatermos á luz do dia... Este sr. é o morgado de Penim, administrador d'uma das casas mais nobres da provincia. Aquelle é o sr. capitão-mór de ordenanças de Leiria, Manuel Carranca, pessoa distincta e estimada pelo nome e qualidades... Eu chamo-me Manuel Coutinho, appellido não de todo obscuro, e fui desligado do regimento onde servia como capitão... Bem vê, sr. d'Aubry, que está em excellente companhia, e que, apezar da hora, não entrou em nenhuma caverna de salteadores...

ARMAND.—Oh! pelo amor de Deus! Quem se lembrou nunca de tal?! (*Com ironia*). Seria importuno se insistisse em perguntar ainda a razão por que tres cavalheiros tão amaveis nos fizeram o favor de perturbar o nosso somno, roubando aos espectros d'este palacio o segredo das visões theatraes?

COUTINHO.— Nada mais justo! Precisavamos da casa para nós, e não queriamos ser vistos nem seguidos...

PENIM.—Então, como o sr. d'Aubry muito bem disse, occorreu-nos roubar aos espectros o segredo d'aquella porta: vinhamos...

ARMAND.— (*Atalhando*). Prender os dois officiaes, que julgavam adormecidos, na boa fé da hospitalidade portugueza!

COUTINHO.— (*Com ironia*). Hospitalidade forçada... É verdade, vinhamos deplorando que a guerra nos coagisse a incommodar duas pessoas que tanto careciam de repouso. Felizmente d'esse remorso estamos

absolvidos: não interrompemos o somno de viajantes cansados; encontrámos a vigilancia de militares affeitos a todos os rebates dos campos...

ARMAND.— (*Com ironia*) Mil vezes obrigado por tanta benevolencia! (*Com seriedade*). E agora?

COUTINHO.— (*Levantando-se com os mais*). Agora, como não podemos espaçar mais a partida, e decidimos vencer todos os obstaculos, offerecemos ao sr. Aubry e ao sr. Lassagne as nossas desculpas pelo incommodo que lhes causámos, e pedimos-lhes que não nos disputem a passagem; e como seria mais do que imprudencia deixar na retaguarda inimigos tão valentes á testa de uma força, vemo-nos constrangidos a rogar-lhes que nos entreguem as suas espadas...

ARMAND.— (*Sorrindo*). Não pede pouco... Pelo que vejo chegámos.. (*Os outros conspiradores vêm entrando com precaução e cercam os interlocutores*).

COUTINHO.—(*Atalhando*). Áquellas explicações mais vivas... Creia que sinceramente o sinto.

ARMAND.— Oh! Não se afflija, por quem é: estamos mais longe d'isso do que cuida. Pois na realidade suppoz que dois officiaes, armados e apercebidos, haviam de ceder diante de tres homens?

SCENA XI

Os mesmos, Roberto e conjurados

COUTINHO.— Somos dez, e quasi todos militares. Não é deshonra: veja!

ARMAND.— Agora nós! Ouça... Lassagne! não são os passos do sargento Roberto?... Abri a porta. (*Lassagne abre a porta, apparece Roberto, que se perfila e faz continencia*). Quantos presos, Roberto?

ROBERTO — Doze, meu capitão.

ARMAND.— Armados?

ROBERTO.— Até aos dentes.

ARMAND.— O meu esquadrão?

ROBERTO.— Parte cérca o palacio, parte está na ponte e á bocca da estrada do Cartaxo.

ARMAND.— Houve resistencia?

ROBERTO.— Dois tiros, mas não feriram ninguem.

ARMAND.— Aonde está o lavrador d'esta casa?

ROBERTO.—Fugiu pelas vinhas com outros paizanos.

ARMAND.— Que ordens déstes aos dragões?

ROBERTO.— As vossas: fogo sobre quem tentasse fugir pelas janellas ou pelas portas: quartel a quem se rendesse.

ARMAND.— Bem! Desembainhae a vossa espada. Vigilancia! Prompto á primeira voz!... (*Aos conjurados*). Meus senhores! ouviram?

ISIDORO.— (*Adiantando-se*). Tudo.

ARMAND.— E o que fazem?

ISIDORO.— (*Com serenidade*). O mesmo que o sr. official de certo contava fazer... Passamos!...

ARMAND.— Por entre as balas e as espadas dos meus dragões?!

COUTINHO.—(*Com intrepidez*). Tanto vale aqui como mais adiante! Principiamos vinte e quatro horas mais cedo.

ARMAND.— Muito bem! Mas de que serve verterem tantas pessoas illustres o seu sangue debalde?... A honra fica salva, e o sacrificio...

COUTINHO.— (*Atalhando*). É inutil, ia dizer? Perdôe-me a interrupção, sr. d'Aubry! A honra do soldado talvez ficasse salva perante o numero, porém a de portuguezes, que juraram pelejar pela patria, de certo não! Viemos aqui para morrer por ella!... Se tivessemos por nós a força, usavamos d'ella sem escrupulo: faça o mesmo. A fortuna trahiu-nos aos primeiros passos; porém, não importa... Estas armas, empunhadas para sermos livres, não hão de ser-nos arrancadas senão com a vida ..

ARMAND.— É a sua ultima resolução?

COUTINHO — É! ..

ISIDORO.— (*Apertando a mão de Coutinho*). E a de todos nós.

ARMAND.— Muito a meu pesar sou obrigado a oppôr-me. Lassagne! Roberto! firmes! nem um passo. (*Armand colloca-se na frente dos dois. Os conjurados desembainham as espadas e engatilham as pistolas*). Queiram atirar primeiro! Dou-lhes o partido que nossos avós deram aos inglezes em Fontenoy!...

FR. JOÃO.— (*Ao ouvido de Isidoro*). Talvez houvesse meio de evitar!...

ISIDORO.— (*Com modo secco e ao mesmo tempo irado*). Nenhum! Se tem medo retire-se, entregue-se, faça o que quizer, mas deixe-nos. (*Dirigindo-se aos francezes: com força*). Vamos! Abram-nos caminho, senhores francezes! Esta é a nossa terra, e havemos de passar ou acabar nella...

COUTINHO.— (*Avançando um passo: com força*). Logar!...

ARMAND.—(*Num momento de cholera recúa um passo em attitude de atacar com a espada, mas logo em seguida suspende-se, e abaixando-a diz á parte*) A lembrança d'um anjo suspendeu-me o braço. (*Alto*). Um momento!!... Sr. Manuel Coutinho! sabe quem sou?

COUTINHO.— (*Com rancor*). É o sobrinho do intendente Lagarde, do homem que...

ARMAND. — (*Atalhando*). Não diga mais: sei que está offendido e tem razão; mas... deixemos isso para outra occasião... É o noivo de D. Leonor? Aquelle a quem ella prometteu e jurou amar?...

COUTINHO.— Sou: porque?...

ARMAND.— Porque fui, sem o saber, causa innocente de suas lagrimas. Sinto encontral-o aqui; podia, se fosse vil, prevalecer-me do acaso: quero que me fique conhecendo; quero mostrar-lhe que sou digno do honrado nome de meu pae... Se o deixar passar para onde vai?...

COUTINHO.— Para o exercito de Sir Arthur Wellesley: é lá o meu posto.

ARMAND.—Adivinha a resposta... Póde ir... Lá nos encontraremos como inimigos que se estimam.

COUTINHO.—E os meus companheiros?

ARMAND.—Os seus companheiros?... (*Reflectindo*). Bem! É justo! Lassagne e Roberto são discretos e fieis: se fôr preciso, dirão que nada viram... Os seus companheiros que se recolham como os espectros, e que esperem. Deixai-me partir a mim e aos meus dragões.

COUTINHO.—A sua mão, sr. d'Aubry, (*estendendo-lhe a mão*) quero apertal-a cheio de admiração pela grande alma, que se nos acaba de revelar. (*Apertando-lh'a*). Em todas as occasiões, succeda o que succeder, lembre-se de que tem em mim um amigo, um irmão...

ARMAND.—(*Sorrindo*). Menos no campo da batalha?...

COUTINHO.—Lá mesmo... Se as armas lhe forem contrarias...

ARMAND.—Obrigado; mas... E quem sabe?! A fortuna póde cansar-se um dia. Uma pergunta... Paulo d'Azevedo?

COUTINHO.—Continúa preso e vai ser julgado.

ARMAND.—Então meu tio enganou-me! É o mesmo... ainda estamos a tempo, e eu hei de cumprir a minha promessa. Sr. Manuel Coutinho, se não nos tornarmos a ver, diga aos seus amigos... diga a D. Leonor que fiz o meu dever... Agora adeus (*Com jovialidade*). A scena dos espectros ia-se tornando tragica: não se ria muito quando se recordar dos lances d'esta noite... Os seus amigos que se retirem já... A proposito: aquelle reverendo, que vejo trémulo entre os seus, é o capellão da guerrilha? (*Rindo*). Parece-me pouco bellicoso. (*Os conjurados tem-se embuçado nas suas capas*). Meus amigos! (*Aos francezes*). Estes senhores, que, por muito enroupados no verão, tomavamos por homens friorentos, são na realidade espectros e vão desapparecer. Já lhes agradeci o favor da visita; e, depois da explicação que acabo de ter, creio que se convenceram de que era perigoso passear fóra de

horas por este mundo. (*A Roberto*). Mandai soltar os presos da granja: partimos dentro em duas horas. (*Roberto sahe*). Adeus, sr. Manuel Coutinho!... (*apertando-lhe a mão*); parta e seja feliz.

COUTINHO.— Deus permitta que possa um dia pagar-lhe esta divida... (*Sahe pelo F. com alguns dos conjurados*).

ARMAND.— Senhores fantasmas! A sua visita causou-me o maior prazer, mas espero que seja a ultima. Muito boas noites... (*Os conjurados sahem pelo F. Lassagne e Armand acompanham-os até á porta; depois de terem sahido todos, Armand, ainda no limiar da porta, diz*) Queiram dar recados da minha parte ás almas dos meus parentes, que encontrarem no purgatorio! (*Fecha a porta do espelho*).

SCENA XII

Armand e Lassagne

LASSAGNE.— Armand! A acção que acabais de praticar, vale mais do que uma victoria!

ARMAND.— Cumpri um dever!... (*Indicando a porta por onde sahiram os conspiradores*).

CAHE O PANNO.

ACTO III

Na prisão

A scena representa o interior d'uma prisão no castello de S Jorge, em Lisboa. Janellas e portas com grades de ferro: á D. está uma banca de pinho e alguns assentos.

SCENA I

Lagarde, Sargento Cabrinha e Sapo (*A scena está deserta por algum tempo, e apenas se vê uma sentinella franceza passeando juncto da porta; depois ouve-se bradar ás armas e toques de corneta; á entrada de Lagarde a sentinella apresenta armas.*

LAGARDE.—(*Dirigindo-se á sentinella depois de ter entrado*). Deixai entrar esses homens... (*ao Sargento e Sapo*). Aproximai-vos!.. Sabei que não estou satisfeito com o vosso serviço, e que tenciono despedir-vos se não vos portardes com habilidade na empresa de que intento encarregar-vos.

SARGENTO.—(*Com affectada submissão*). Sr. intendente! ignoramos absolutamente quaes tenham sido as nossas omissões...

LAGARDE.—(*Reprehensivo*). Pois não devieis ignorar!... (*Com desprezo*). Tambem não admira! .. sois uns nescios ..

SAPO.— Ao contrario!... Parece-me que o sr. intendente teria razões de mais para pensar de outro modo .. Pela nossa astucia têm cahido em vosso poder muitas e muitas familias ricas, nobres e honradas, que, segundo vós affirmaveis, vos eram desaffectas, a ponto de tentarem contra a vossa preciosissima vida!...

LAGARDE — Fizestes o vosso dever como subditos do imperador e rei.

SARGENTO.— É verdade que fizemos o nosso dever, mas... tambem expozemos a nossa vida.

LAGARDE.— (*Rindo*). Ah! ah! A vossa vida! Realmente é motivo para rir. (*Com orgulho*). Quereis talvez dizer que ella vale tanto como a de um Junot, de um Laborde, ou tanto como a minha?! Na verdade! .. a vossa vida importa muito a Bonaparte!... Sois loucos!...

SAPO.— Somos loucos, sim, sr. intendente; mas loucos por havermos feito tantos serviços, sem até hoje termos obtido recompensa alguma...

SARGENTO.— E emquanto vós enriqueceis a vossa bolsa, nós passamos privações e riscos ..

LAGARDE.— (*Aggressivo*). Atrevidos!. . Nem mais uma palavra!... reparai que d'aqui ás grades d'aquella prisão distam apenas alguns passos.

SAPO.— (*Affectadamente submisso*). Vós sois o senhor, e nós os vossos escravos... Parece-me porém, aqui para nós que ninguem mais nos ouve, e mesmo sem intenção de offender-vos, que o meu companheiro disse a verdade...

LAGARDE — Attendei que lançais á face da nobreza de França o labeo de ladrões, e que a mais infima da ralé dos espiões portuguezes não é digna de rastejar debaixo dos tacões de suas botas...

SARGENTO.— Todos nós somos espiões! O sr. intendente manda apanhar a presa para lhe sangrar as veias: nós commettemos vilezas; mas o sr. intendente

é quem nos manda, e nos protege. A final tão ladrão é o que vai á vinha, como o que fica ao portal!...

LAGARDE.— Calai-vos infames!.. Calai-vos, se não quereis que vos mande cortar a cabeça.

SAPO.— (*Tornando-se altivo e arrogante*). Tendes toda a razão, senhor! Mas attendei tambem que d'aqui até lá ainda podem distar algumas horas, alguns minutos, o sufficiente emfim, para fazer a Junot e ao conselho algumas revelações a vosso respeito!...

LAGARDE.— Sim?... Mas entre a vossa vida e a ponta do meu punhal mediarão apenas alguns segundos... (*Corre para elles com o punhal em punho*).

SAPO.— (*Tirando d'um punhal e collocando-se em attitude de defesa*). Ah! ah!... Achaste-nos prevenidos!... Esquecia-vos que tambem sabemos manejar essa arma de traidores?!...

LAGARDE.— (*Mudando de tom*). Basta: creio que nos entendemos perfeitamente. (*Á parte*). Ainda é cedo. (*Alto*) Mandei chamar-vos aqui para vos encarregar de uma empresa lucrativa para todos.

SAPO.— (*Com tranquillidade e arrecadando o punhal*). Bem sabeis que estamos ao vosso dispôr.

LAGARDE. — Escutai-me pois!... Paulo d'Azevedo está encerrado numa d'estas prisões, como sabeis: tem até hoje recusado annuir a uma proposta minha, que lhe daria a liberdade; a sua recusa tem sido tenaz e longa, e o dia do seu julgamento aproxima-se. Posso fazel-o condemnar á morte; mas... para que? Não é isso o que me interessa. Quero a sua liberdade, mas comprada a pezo de ouro. Sim! é o ouro que me fascina, que me embriaga os sentidos!.. Embora esse ouro me deixe as mãos tintas do sangue das victimas!... embora esse ouro symbolise a desgraça e miseria de milhares de familias, quero-o para mim... e hei de possuil-o... O nosso dominio está por pouco, bem o sei, é por isso necessario não perder um só momento... A titulo de conspirações tenho sequestrado muitos bens, que não entraram nos cofres d'estado; para isso

tenho luctado com mil difficuldades, vencido milhares de obstaculos; mas confesso que nunca encontrei tanta resistencia, tanta força de vontade, como em Paulo d'Azevedo e sua filha D. Leonor. Empreguei todos os meios, e sempre a mesma resignação! .. É muito!... O meu orgulho está offendido, e quero vingar-me! Leonor ha de ficar reduzida á miseria ou verá perecer num patibulo o pae, a quem estremece!... Façamos, pois, a ultima tentativa... D'aqui a alguns momentos estareis com Paulo d'Azevedo, e propôr-lhe-heis que escolha entre a morte e o preço da vida.

SAPO.— Que preço fixaes á cabeça de Paulo?

LAGARDE.— Trinta contos de réis... Creio não ser muito; mas talvez que em pouco tempo não lhe seja possivel realisar maior quantia, e não podemos esperar muitos dias.

SARGENTO.— Agora, que já estipulastes o vosso lucro, poderemos saber em quanto importa o nosso, se conseguirmos convencer o homem?

LAGARDE.— Nada mais justo: recebereis, ao entregar-me os trinta contos, quinhentos mil réis em dinheiro de contado.

SAPO — Realmente, pagais com generosidade!... Receber trinta contos para dar apenas quinhentos mil réis!... Não ha cousa mais barata.

LAGARDE.— Achais pouco?!

SARGENTO.— Muito pouco.

SAPO.— Para quem tem de se expôr á cholera de Paulo d'Azevedo!...

LAGARDE.— Tendes medo d'um velho?!

SAPO — É verdade que é velho, mas militar brioso e honrado.

LAGARDE — Oh! nada receeis! Todos os seus impetos quebrarão com a idéa de que irá brevemente subir a um patibulo, e terá de deixar só sua filha.

SARGENTO — Ainda mesmo que assim seja teremos de trabalhar para o convencer: já sabeis que é teimoso...

LAGARDE.— Está bom! Não gósto de regatear;

recebereis um conto de réis... Não dou mais nem um real: ainda achais pouco?!

SAPO.— Ainda.

LAGARDE.—Nesse caso podeis retirar-vos: não temos nada feito. Mandarei chamar quem faça esse serviço mais barato e melhor do que vós.

SARGENTO — Não vos enfadeis comnosco: receberemos apenas um conto de réis, só para termos o gosto de vos servir.

LAGARDE.— Está pois tractado. Em quanto ao ter de convencer Paulo d'Azevedo, não vos deve isso intimidar, porque, prevendo já uma nova recusa da sua parte, devidi esse trabalho entre vós e sua filha Leonor, que não tardará aqui . Paulo d'Azevedo em presença da filha não terá animo de recusar; portanto a vós só cabe o fazer a proposta, e destruir alguns escrupulos da consciencia do velho . Quando D. Leonor vier, deixai-os meditar a sós no que lhe propozestes, e voltai depois a saber a resposta, que, desde já podeis contar, será favoravel: os meus planos são infalliveis. (*Chamando*). Olá! guarda ! Conduzi a esta sala o preso Paulo d'Azevedo. . Agora, que estais inteirados do que deveis fazer, retiro me; d'aqui a uma hora ide dar me parte do occorrido... (*Juncto da porta e á parte*). Se Paulo d'Azevedo annue em trocar a sua liberdade por trinta contos, esperai uma recompensa digna dos vossos serviços. (*Rindo*). Ah! ah! ah! (*Sahe*).

SCENA II

Sargento e Sapo

SAPO.— (*Observando se já tem sahido*). Meu sargento! vejo que não é homem para negocios.

SARGENTO.— Porque?

SAPO.— Parece-me que se tivessemos instado mais,

teriamos conseguido apanhar os dois contos, pelo menos.

SARGENTO.— Se visse que o podiamos fazer, não era homem que cedesse com essa facilidade; mas bem ouviste a resolução do intendente...

SAPO.— (*Observando*). Sentido! ahi vem gente... Nada de afrouxar.

SCENA III

Os mesmos e Paulo

PAULO.— (*Altivo*). Que me quereis?... Para que me perseguis por toda a parte? Não estão ainda satisfeitos os vossos designios?...

SARGENTO.— (*Sempre com refinada affectação de um verdadeiro interesse*). Tendes muita razão para nos accusar, sr. Paulo d'Azevedo; realmente que vos temos causado grandes desgostos; mas, é para d'algum modo reparar o mal que fizemos, que somos agora aqui.

PAULO.— O mal que me tendes feito, já o não podeis remediar.

SAPO.— (*Do mesmo modo que o Sargento*). Não falleis assim sem primeiro nos ouvir.

PAULO.— Que tendes então a dizer?...

SARGENTO.— Que, reconsiderando na injusta perseguição que vos têm feito, temos pensado no meio de alcançar a vossa liberdade.

PAULO.— Vós?!

SAPO.— Nós, sim, sr. Paulo; e já conseguimos alguma cousa.

SARGENTO.— Conseguimos o que era quasi impossivel conseguir em taes casos.

PAULO.— Acabai!...

SARGENTO.— Obtivemos do sr. intendente Lagarde a promessa de que recuperarieis a liberdade, se qui-

zesseis ceder da vossa fortuna a quantia de trinta contos de réis.

PAULO.— (*Á parte*). Comprehendo!... (*Alto*). E aonde tenho eu esse dinheiro?...

SAPO.— Pois uma pessoa tão rica...

PAULO.— (*Pensando comsigo*). Não pode ser...

SARGENTO.— Trinta contos! é um sacrificio grande, bem sei, mas a vida e a liberdade valem mais.

SAPO.— As provas estão nas nossas mãos: se as abrirmos, o conselho de guerra ámanhã...

PAULO.— Condemna-me á morte?!

SAPO.— Sem duvida alguma.

SARGENTO.— O capitão de mar e guerra, Magendie, nomeado para o presidir, passa por severo e intractavel; os outros officiaes, sobre tudo Mr. Etiene, estão resentidos, e entendem que é indispensavel um exemplo.

PAULO.— Bem... E o capitão Magendie e os outros officiaes sabem o que me propõem?

SAPO.— Deus nos acuda! Pois isto são segredos de chocalheiros?!

SARGENTO.—O que lhe propomos fica entre quatro pessoas: o sr. Lagarde, o sr. Paulo e nós dois. Vamos! decidi-vos: o tempo vôa; o conselho reune-se ámanhã ás nove horas do dia, e esta noite hão de ser-lhe presentes ou negados os documentos.

PAULO.— Uma palavra ainda: Leonor sabe?...

SARGENTO.— Para que a haviamos de affligir?...

SAPO.— A sr.ª D. Leonor, como boa filha, ha de achar tudo justo e rasoavel; mas se for preciso...

PAULO.— Pois, senhores! a minha resposta é simples... Não acceito... Estamos em Portugal, e não nas roças do Brazil. Sou innocente, nunca tive medo da morte, e não compro por nenhum preço esses attribulados e curtos dias, que ainda posso viver... Digam isto a quem os mandou...

SARGENTO.— Veja!... Medite!...

SAPO.— Olhe que depois não tem remedio!...

PAULO.—Vejo a infamia, e não me admira. Tra-

ctam-nos como captivos, e pedem-nos resgate?! O meu ao menos não hão de leval-o d'aqui: antes as balas dos inimigos da minha patria no peito, do que atirar com um real ás mãos immundas dos falsos magistrados, que vendem o sangue...

SARGENTO.— Ha de arrepender-se...

PAULO.— É commigo: não se incommode em convencer-me.

SAPO.— Mas a sr.ª D. Leonor?!...

PAULO.— É filha de soldado; poupe-lhe a sua piedade; não gastem mais em vão um tempo precioso; talvez achem em outra parte alguem mais docil... Lancem a derrama, colham na rede o que apanharem; mas, por Deus! livrem-me da sua presença e das suas propostas. Está a fugir me a paciencia por instantes!...

SAPO.— A sr.ª D. Leonor vem ahi...

PAULO.— (*Estremecendo*) Minha filha?!...

SARGENTO.— Sim: vem vel-o, e despedir-se talvez para sempre! Sabe o que o aneça: foi avisada... Damos-lhe uma hora para a abraçar e fallarem juntos... Póde revelar-lhe a nossa proposta... Aqui voltaremos logo...

PAULO.— É escusado: tenho uma só palavra.

SARGENTO.— Não importa; deixe!... A firmeza inspira-me interesse: gósto dos homens da sua rijeza...

SAPO.— (*Atalhando*). Se eu me não quizesse comprar por trinta contos?!

SARGENTO.— É verdade! o que são trinta contos para um cavalheiro rico?...

PAULO — Nada!... São apenas uma infamia e uma covardia. O sr. acha natural, e não era de esperar outra cousa; eu unicamente sinto não poder estampar a resposta nas faces do villão que me suppoz capaz de tal deshonra. (*Com força*). Queiram sahir!...

SAPO.— Ora não tenha esse genio...

SARGENTO.— Não lhe levo a mal o desafogo... A gente quando se entala dóe-lhe e grita, mas depois vem a reflexão...

PAULO.— Sáiam!... Não vêem, que me causam horror?...

SARGENTO.— Jesus!... Que palavras! Não se escandeça...

SAPO.— O que lhe estamos dizendo é para seu bem...

PAULO.— (*Avançando para elles*). Pela ultima vez, sáiam!...

SARGENTO.— (*Recuando*). Nós sahimos... nós sahimos... Até logo...

SAPO.— (*Recuando*). Abrace sua filha; lembre-se de que tudo tem remedio menos a morte...

SARGENTO.— (*Procurando a porta*). Acha caro por trinta contos a protecção, que lhe offerecemos?!... (*Sahe*).

(*Paulo, num ímpeto, corre para elles com um banco na mão*).

SAPO.— (*Deitando apenas a cabeça fóra da porta*). É a vida, é a liberdade!... (*Sahe*).

(*Paulo segue-os até á porta; e depois, voltando á scena, arremessa com o escabello para longe de si*).

SCENA IV

Paulo (*só*)

PAULO.— Ah! Portugal! Portugal! a que extremos de desgraça chegaste, entregue nas mãos de taes infames!... Meu Deus! para que me conservaes ainda a vida?!... Para que m'a não tirastes, antes que podesse presenciar a degradação da minha patria?!... Para que me fazeis passar por trances tão crueis?! Oh! quanto é custoso ver triumphar a traição, a vileza e o crime!... E minha filha?!... Que será d'ella?... Que lhe terá succedido desde que m'a arrebataram dos braços?... Oh! quero ver minha filha. (*Corre na direcção da porta*). Louco!... Esquecia-me de que entre mim e ella ha uma barreira, que não posso transpôr!.. Mas não terei ainda

força para quebrar aquelles ferros?!... (*Corre na direcção da porta, lança mão ás grades e sacode-as com força*). Oh!... Não posso!... É inutil!... (*Voltando á mesa deixa-se cahir sobre o banco, encostando a cabeça aos punhos cerrados*). Minha filha!... Minha filha!...

SCENA V

Paulo e Leonor

LEONOR.— Meu pae! Meu querido pae! (*Correndo para Paulo com os braços abertos*).

PAULO.— (*Levantando-se*). Minha filha! (*Abraçam-se*)..... Ai! Leonor! Que saudades e que tristezas desde que nos separámos.

LEONOR.— São trabalhos com que Deus quer provar a nossa resignação: louvemos a sua bondade e confiemos na sua justiça.

PAULO.— Nunca duvidei d'ellas. Submisso e conforme com a vontade do Altissimo, espero que Elle disponha de mim. Já sabia que vinhas, que te davam licença....

LEONOR.— Disseram-lh'o, talvez, aquelles vis espiões que sahiam quando eu entrava?...

PAULO.— Disseram.... E nunca os ferros me pesaram tanto como ha pouco... Não imaginas o que me propozeram!...

LEONOR.— Da parte de Lagarde?

PAULO.— Sim.

LEONOR.— Adivinho: um casamento para mim.

PAULO.— Pois Lagarde ainda insiste no casamento!?

LEONOR.— Ainda! Ha dias foi a casa do nosso bom protector, o bispo de Malaca, renovar a sua proposta. Por essa occasião tambem me apresentou o noivo, o seu sobrinho Armand d'Aubry, militar moço, e digno de estima pelas suas qualidades.

PAULO.— E tu?

LEONOR.— Respondi o mesmo, que tinha respondido das outras vezes em que me fizera egual proposta, que não acceitava. Como a minha mão era o pretexto de um resgate, e o que Lagarde cubiçava eram os meus bens, offereci-lhe os que herdei de minha mãe, em troca da vossa liberdade...

PAULO.— (*Severo mas commovido*). Fizestes mal!... E o sobrinho, esse Aubry, tão vil como o tio, estendeu logo a mão, e acceitou o preço? Vens pedir o meu consentimento?!

LEONOR.— O sobrinho, meu pae, alma grande e nobre, tudo rejeitou, a minha mão e os meus bens.

PAULO.— Ah! tanta generosidade em um francez!... Espanta-me!... Acaba!

LEONOR.— Tenho concluido: Aubry pediu-me perdão da vileza do tio e jurou proteger-nos...

PAULO.— De graça? (*Meneando a cabeça em ar de dúvida*) duvído!... Verás que não!... Representou um lance de theatro, talvez ensaiado em casa, para figurar de homem de brios, e a esta hora estará rindo-se com Lagarde da tua simplicidade em o acreditar.

LEONOR.— Não julgo, meu pae, que se ria de mim com Lagarde, porque rompeu com elle.

PAULO.— Apparencias!...

LEONOR.—Verdades... E a prova é, que se Manuel Coutinho, o coronel de milicias de Leiria, e muitos outros, não gemem hoje em uma prisão, á generosidade de Aubry o devem.

PAULO.— (*Com interesse*). Como assim!?

LEONOR.— Lagarde havia, dias antes, encarregado Armand d'Aubry de dar uma busca áquella casa arruinada, a que o povo chama casa dos fantasmas, e onde já presenciámos uma scena, perfeitamente combinada, em que tivemos uma parte importante. Na noite em que Aubry lá chegou com o seu esquadrão de dragões, achavam-se reunidos alguns conjurados, em numero de dez, que acabavam de concordar em se ir reunir ao exercito das operações: a presença dos offi-

ciaes, que se haviam adiantado para assim armar uma cilada, fez-lhe occorrer a idéa de levar alguns prisioneiros em sua companhia; na occasião, porém, em que lhes intimavam a entrega das armas, acharam-se quasi cercados pelo esquadrão. Tinham-se trocado os papeis: d'esde esse momento eram elles os prisioneiros. Então d'Aubry, reconhecendo Manuel Coutinho, que sabia ser o homem que eu havia escolhido para esposo, e querendo desmentir com um acto de generosidade os males que lhes attribuiamos, deu a liberdade a todos, quando podia, sem custo, entregal-os á vingança dos francezes.

PAULO.— É um procedimento nobre! Quasi que tenho pena que a acção fosse d'um francez: não gósto de dever a inimigos. Não importa. (*Sentando-se*). De hoje em diante esse mancebo é sagrado para nós como um parente. (*A orchestra tóca em surdina*). Agora, Leonor, chega-te para juncto de mim... Mais... Quero ver-te mais de perto... (*Correndo-lhe a mão pelos cabellos*). Estás pállida, muito pállida... mas fica-te bem... Cada vez mais linda!... E havia de um extrangeiro levar-me a joia da minha alma por uns mezes mais ou menos de velhice cançada?! (*Contemplando-a*). És o retrato da tua sancta mãe; não nos olhos, que os teus são mais formosos, e mais lindos os cabellos tambem!... Senta-te aqui juncto de mim... mais perto ainda! Mais... Deixa-me admirar-te... Deixa-me olhar-te bem... (*Toma-lhe as mãos entre as suas*). Ha tanto tempo que te não via, filha!... Não imaginas como a tua falta me fazia velho!... (*Sorrindo intencionalmente*). Dize-me... e os amores... como vão os nossos amores?... Manuel Coutinho adora-te como tu mereces, não?... É sempre escravo dos caprichos da sua noiva?... Quero saber tudo!...

LEONOR.—(*Escondendo o rosto no hombro de Paulo*). Meu pae!...

PAULO.— Por isso mesmo, porque sou teu pae, é que pergunto... Bem!... bem... Mas disseram-me que vinhas despedir-te ..

LEONOR.— (*Levantando-se com sobresalto*). Despedir-me?... despedir-me porque? A Condessa da Ega alcançou-me licença para entrar aqui, e vim logo. (*A orchestra cala-se*). Sabe as noticias, as grandes noticias que ha, e que já são certezas?

PAULO.— Não sei nada, filha: não fallo senão com os guardas, que são francezes, e bem vês...

LEONOR.—(*Atalhando*). Que hão de encobrir tudo!... Pois ouça: tenho muito que lhe contar. Alegre-se, e diga se não tenho razão de lhe pedir alviçaras.

PAULO.— Falla, minha filha, falla, que estou ancioso.

LEONOR.— O reino está todo em armas: a voz d'um velho, mas valente militar, fez levantar todo o Minho e Trás-os-Montes.

PAULO.— E quem foi esse homem?

LEONOR.— Sepulveda.

PAULO.— Ah! Sepulveda! Que inveja hão de ter muitos mancebos aos teus oitenta annos!...

LEONOR.— Ainda mais, meu pae: os povos do Alemtejo, Coimbra, Leiria e Algarve formam hoje um bello batalhão commandado á voz do intrepido general Bernardim Freire.

PAULO.— (*Levantando-se, com enthusiasmo*). Portugal! julgavam-te morto, e até queriam rasgar e repartir entre si a tua mortalha! Bom é que lhe mostres que vives, como viveram nossos antepassados. Aljubarrota, Valverde, o Canal e Montes Claros foram a lição dos invasores de hontem; assignala o teu valor em novos campos de batalha para terrror e castigo dos invasores de hoje!... Continúa, minha filha!...

LEONOR.— E felizmente assim tem succedido, meu pae... A nossa alliada veiu tambem a final ajudar-nos a tirar a vingança. Sir Arthur Wellesley, tão conhecido pelas campanhas da India, desembarcou nas praias da Figueira com treze mil infantes, duzentos cavallos e dezoito canhões; junctou-se ás tropas portuguezas, e junctos atravessaram successivamente Coimbra, Pom-

bal, Leiria e Alcobaça, acampando nas Caldas. Mas se os nossos eram ainda poucos, atrás d'elles vinha a nação inteira. Os campos e aldeias despovoavam-se: os povos acudiam á beira das estradas, saudando com suas acclamações os libertadores... No dia dezesete, ás nove horas da manhã, um tiroteio das nossas guardas avançadas deu o primeiro aviso da vizinhança dos francezes commandados por Laborde. Em breve o combate se travou da Roliça até á Columbeira. O primeiro encontro foi horrivel... D'um lado e do outro batalhava-se com valentia: o leopardo britanico teve de recuar, mas levando nas garras provas das perdas irreparaveis dos adversarios... Mais de quinhentos francezes, prostrados no campo, mortos ou feridos, attestavam qual fôra a braveza do encontro. Só muito tarde é que o estampido e os pelouros dos dezoito canhões de Wellesley fizeram calar o fogo das peças do general francez. Quando a noite, descendo, envolveu em seus véos a agitada scena, os francezes retiravam a final diante da ultima carga dos nossos... As aguias, feridas, principiaram alli a encolher as azas e os vôos: o sol ardente da peninsula, cegando-as, precipitou-as palpitantes dos ninhos sobre as rochas vivas da terra que suppunham escavisar para sempre.

PAULO.— (*Commovido*). Louvado sejais, Senhor, pela grandeza insondavel da vossa justiça!... Do grão de areia formaste a montanha que se levanta contra os soberbos, dos fracos e desamparados compões a força que ha de subjugal-os.

LEONOR.— Breve, porém, vamos a ter um combate decisivo. Junot reune o restante das suas forças, e breve vai partir para o campo da batalha; mas Deus ha de continuar a proteger as nossas armas.

PAULO.— Leonor! Junot será vencido! Diz-m'o o coração; diz-m'o a vontade do céo, manifesta em tantos prodigios. Ditosos os olhos que virem romper a aurora do grande dia da nossa liberdade, que já presinto proximo!...

LEONOR.— Então, meu pae, não lhe dizia eu que o nosso captiveiro estava a findar?!

PAULO.— O teu, filha, o da patria, e ainda bem! (*Com tristeza*). O meu!...

LEONOR.— (*Abraçando-o*). O vosso tambem: porque não?!

PAULO.— Talvez acabe mais cedo mesmo! Quem sabe!... Não importa. (*Como fallando comsigo*). No fim de tudo... possa o meu sangue, como expiação, lavar as ultimas nodoas da culpa por que este reino foi castigado!...

SCENA VI

Os mesmos, Sapo e o Sargento

SARGENTO.— (*Deitando a cabeça*). Sr. Paulo! Findou o praso! O que nos diz?...

SAPO.— (*Do mesmo modo*). Está mais socegado?... Volveu á serenidade que tão bem lhe fica?

PAULO.— Ainda esta gente aqui?... (*Corre para elles, que fecham a porta: volta á frente da scena*).

SARGENTO.— (*Como acima*). Quer que entre?...

PAULO.— (*Depois de pensar*). Entre!... (*A Leonor*). Leonor! és filha de militar, tens animo e consciencia, bem sei; ouças o que ouvires, não te assustes, não digas uma palavra... Vieram propôr-me, ainda agora, a compra da minha vida por trinta contos. Já lhes respondi, e repito diante de minha filha: se estivesse solto, seu amo pagaria a affronta, que teve a covardia de me atirar á face! Captivo, e em poder de inimigos, tenho só livre a alma para protestar, e para dizer que prefiro mil vezes a morte á infamia de pesar o meu sangue a ouro nas balanças iniquas d'um salteador e de um espião. Podem sahir.

SARGENTO.— (*Supplicante e quasi de joelhos diante de Leonor que se desvia*). Sr.ª D. Leonor! Não deixe seu pae assassinar-se por uma teima!

SAPO.— O sr. Paulo não lhe disse nada, agora vejo!

SARGENTO.— O conselho de guerra julga-o ámanhã ás dez horas, e a sua sentença é... de morte!

SAPO.— Offerecemos-lhe salval-o por uma quantia: quer á força sacrificar-se! Commetter um crime, um suicidio...

SARGENTO.— Diga-lhe...

LEONOR.— Que o meu coração se despedaça de o perder, mas que a minha alma se arrebata de admiração com a sua nobre recusa. É isto que querem que eu diga?... Para que? Ha muito que eu e meu pae nos conhecemos. (*Abraça-o*).

SAPO.— Oh! minha senhora! Sempre cuidei que amava mais seu pae do que trinta contos.

LEONOR.— (*Desprendendo-se dos braços de Paulo*). Meu pae fez o seu dever... Rejeitou o pacto infame. Eu cumpro o meu, dizendo-lhe que nunca tive tanto orgulho em me chamar sua filha.

SARGENTO.— Mas a sentença é infallivel e executa-se logo: ámanhã á tarde terá que orar sobre um cadaver.

SAPO.—Veja que está matando seu pae...

PAULO.— (*Indignado*). Silencio! Assassinos sois vós, mas da honra dos homens, e até da fraqueza de uma senhora... Ide-vos: perdeis aqui o tempo; não achais compradores, e podeis encontrar... Por Deus! Não me tenteis mais!...

SAPO.— (*Recuando*). Tenha dó de si!

SARGENTO.—(*Do mesmo modo*). Não se fie em vans esperanças.

SAPO.— (*A Leonor*). Ninguem o salva senão nós, minha senhora!

SARGENTO.— O capitão Magendie, conhecido pela severidade...

SCENA VII

Os mesmos e Magendie

SAPO.— (*Atalhando*). É verdade! O capitão Magendie é o presidente do conselho de guerra, e a vida de seu pae...

MAGENDIE.— (*Que tem escutado esta ultima falla, agarra Sapo pelo pescoço com força*). Chamavas pelo capitão Magendie, creio eu! Aqui está o capitão Magendie! Repete diante d'elle o que dizias na sua ausencia.... (*Sacudindo-o com força*). Quero saber se ousavas fazer-me cumplice do infame pacto de sangue, que vieste propôr: falla!...

(*O Sargento foge, logo que vê Magendie*).

SCENA VIII

Os mesmos e Armand

ARMAND.—(*Dirigindo-se a Paulo*). Sr. Paulo! tenho a honra de o comprimentar!... (*A Leonor, beijando-lhe a mão*). Não é verdade, minha senhora, que já me accusava de vanglorioso, ou de esquecido?...

LEONOR.— Eu, sr. d'Aubry?! Que direito tinha para isso?

MAGENDIE.— Falla, que mando eu!...

ARMAND.— A minha palavra dada.

PAULO.— Sei que é escravo d'ella, mas ás vezes ha razões...

ARMAND.— Nenhuma póde desculpar um descuido que, eu confesso, podia ter sido fatal. Fiei-me na palavra... d'um homem que a trahiu, e descancei de mais: felizmente chego ainda a tempo.

MAGENDIE.— Falla ou morres aqui mesmo!... Quero ouvir e saber tudo!... (*Obriga-o a cahir de joelhos*).

SAPO.— (*Gritando*). Ai! ai! ai!

ARMAND.— (*Adiantando-se*). Magendie! quereis esmagar esse verme debaixo dos vossos pés?!...

MAGENDIE.— Não! Fôra vergonha e opprobrio!... Mas o miseravel invocava o meu nome, quando entrei: quero saber o que ousou inventar!...

LEONOR.— Deixai-o, sr. capitão!..

PAULO.— O que elle propunha não deshonra o sr. Magendie.

MAGENDIE.— Espero que se não atrevesse a implicar-me nas torpezas, que vinha aqui negociar: se o fez... juro pela minha espada, que lhe arranco a lingua mentirosa...

LEONOR.— Não, não: fallou só da severidade do sr. Magendie, e da sentença de morte que ha de proferir ámanhã contra meu pae.

MAGENDIE.— Eu?!... Ah!... Pois tu tiveste a insolencia de fazer de mim um carrasco?... Serás punido... (*Vai para desembainhar a espada, mas Armand impede-o*).

SAPO.— (*Gritando*). Ai! ai! Quem me acode!...

ARMAND.— Magendie! Basta! deixa esse desgraçado. (*Sustentando-lhe o braço*).

MAGENDIE.— (*Com colera*). Sahe! Se te demoras não levas um osso inteiro.

SCENA IX

Os mesmos, Ventosa, Antonio da Cruz, Sargento e homens do povo

VENTOSA.— (*Deitando a cabeça á porta*). Elle cá está!... Por aqui rapazes! Por aqui! (*A Sapo*). Agora não me escapas tu! (*Agarra-o: entram todos com precipitação dentro da scena. Antonio da Cruz traz o*

Sargento filado pelo cachaço. Ouve-se fóra toques de corneta chamando a reunir). Ó compadre, segure-me bem esse mariola, emquanto eu filo este...

ANTONIO DA C.—D'aqui não sahe elle, compadre.

VENTOSA.—(*Para os criados e mais homens do povo*). Vamos a elle, rapazes! (*Todos cercam o Sapo e o levantam ao ar sobre os braços*).

SAPO.—(*Gritando e fazendo esforços para se escapar*). Olhem que eu não sou o tal! Os senhores estão enganados!... Quem me acode!...

MAGENDIE.—(*Suspendendo Armand, que se ia a dirigir ao grupo para sustel-os*). Deixae... É a justiça de Deus!

ANTONIO DA C.—Agora este, rapazes!... (*Parte da gente que cérca o Sapo, que continúa gritando, dirige-se ao sargento e o levanta em peso*).

SARGENTO.—(*Debatendo-se e gritando*). Eu eá não fui... Ai! que me querem matar!... Eu não fui!... Deixem-me...

VENTOSA.—Ao Tejo! ao Tejo!... (*Sahem todos*).

POVO.—Ao Tejo! ao Tejo!...

SCENA X

Paulo, Leonor, Armand e Magendie

ARMAND.—(*Depois de restabelecido o socego*). Minha senhora! os instantes são preciosos! O general Junot, porque lhe contei tudo, assignou a ordem de soltura de seu pae, sob palavra, sómente, de que o sr. Paulo d'Azevedo não ha-de pegar em armas contra as tropas de sua magestade o imperador e rei nesta occasião. Fui talvez temerario, mas obriguei-me em nome do preso. (*A Paulo, entregando-lhe a ordem de soltura*). Se me excedi, como só eu respondo...

LEONOR.—(*Abraçando Paulo*). Meu pae! meu que

rido pae! Livre! solto!... Obrigado, sr. Armand! obrigado!...

PAULO.— (*Commovido*). Sr. d'Aubry! a palavra que deu, é como se fosse minha: não abusarei da sua generosidade; verei de longe os successos; mas não extranhe, não me leve a mal, que suspire pela victoria dos meus compatriotas.

ARMAND.— É tão natural! O que hei de extranhar?! (*A Leonor*). Sr.ª D. Leonor! se lhe disserem que Armand d'Aubry ficou morto no campo, lembre-se d'elle, lembre-se do homem, que, não podendo merecel-a, quiz ao menos eximir-se ao seu desprezo.

LEONOR.— Desprezo!? Porque nos fez Deus nascer tão separados, sr. d'Aubry!

ARMAND.— Paciencia! Seja minha irmã; e se, em suas orações, não póde pedir a Deus que faça triumphar a minha causa, rogue-lhe, ao menos, que me dê a morte gloriosa do soldado. Adeus! (*Beija-lhe a mão*). Lembre-se alguma vez de mim sem odio, sim? Magendie! são horas... Se quereis ser dos primeiros na batalha... a cavallo e a galope... (*Apertando a mão de Paulo*). Sr. Paulo... (*Sahe precipitado*).

MAGENDIE.— (*Cumprimentando*). Sr. Paulo... Minha senhora... (*Sahe*).

SCENA XI

Leonor e Paulo

LEONOR.—(*Abraçando Paulo*). Meu pae solto! Ainda me custa a crêr!...

PAULO.— Sim, minha filha!... parece um sonho!...

SCENA XII

Os mesmos e o Bispo

BISPO.— (*Entrando apressado*). Um abraço, meu amigo! (*Abraça Paulo*). Seria isto um milagre da Providencia?

PAULO.— Assim o creio!...

BISPO.— (*Pegando nas mãos de Paulo e de Leonor*). Agora partamos; saiâmos depressa d'este logar!...

LEONOR.— Sim, partamos!... (*Sahem todos; a scena fica por algum tempo deserta*).

SCENA XIII

Lagarde (*só*)

LAGARDE.— (*Apparecendo a uma porta lateral*). Partiram!... Roubaram-me!... É certo que o inferno se conspira contra mim!... E eu sem poder vingar-me!... Oh! isto é horrivel! (*Cahe como aniquillado sobre uma cadeira, escondendo o rosto entre as mãos*).

CAHE O PANNO.

ACTO IV

O dia 15 de setembro de 1808

A scena representa o jardim da casa de D. Francisco, tendo porta de entrada ao fundo. A E. vê-se parte da casa a qual tem duas entradas, uma para o primeiro andar, e outra para o sotão. No meio da scena estão alguns bancos de pedra, canteiros de flores, etc.

SCENA I

Paulo, Bispo e Manuel Coutinho

PAULO.—(*Vem entrando, questionando acaloradamente*). Não, Manuel Coutinho, não me convence: a capitulação de Cintra é um opprobrio para nós, e uma infamia para quem a assignou. Se foi para nos tractarem como conquista sua, para nos venderem a honra e a fazenda a retalho, escusavam os inglezes de vir a Portugal: extangeiros por extrangeiros, cá tinhamos o Junot; ladrões por ladrões, cá estavam Lagarde e Juffré; não era necessario incommodarem-se Trant, Darlymple e Ackland!...

BISPO.— Não vá tão longe, sr. Paulo d'Azevedo; não seja injusto! Louve a Deus pelas maravilhas da

nossa restauração, e não se afflija tanto com o mais: tudo tem remedio.

COUTINHO.— Demais, estou certo de que os alliados já conhecem o seu erro, e hão de cedo emendar o mal. Sir Arthur Wellesley disse...

PAULO.— (*Interrompendo*). Tão bom é elle como os outros! Manuel Coutinho, o sr. é moço ainda: eu conto mais annos e mais experiencia; lembre-se de que tambem os francezes entraram aqui com pés de lã, e depois...

COUTINHO.— (*Atalhando*). Pois cuida?... É impossivel!...

PAULO. — Cuido, sim senhor. Não sei o que acham os extrangeiros a esta tira de terra; mas a verdade é que todos a cobiçam, hespanhoes, francezes e inglezes!... Mas se estes de agora imaginam representar ao vivo a fabula da ostra e dos litigantes, talvez se arrependam: não hão de comer a polpa e dar as cascas a Bonaparte e ao principe regente. Em Portugal ainda ha fouces roçadoras e espingardas caçadeiras por essas choupanas para exterminar herejes e traidores!

BISPO.— (*Sorrindo-se*). Socegue! Pois julga que o governo inglez havia de cahir na loucura de querer apoderar-se do reino?!... Os generaes alliados não nos tractam bem, concedo: faltaram ao respeito devido á rainha, nossa senhora, dispondo, sem audiencia nossa, do que pertence á sua corôa; mas suppôr que o fizessem com a má intenção de substituir a sua usurpação á da França, não posso crel-o.

PAULO.— Creia o que quizer, sr. bispo; mas saiba que o illude a sua bondade natural; senão, diga-me: ha dias que o Tejo se vê coalhado de navios de transporte e de vasos de guerra inglezes: que bandeira tremúla em S. Julião, nos fortes, em Paço d'Arcos e em Belem?... Uma commissão de extrangeiros, em que só figura por esmola um portuguez, abriu balcão no largo do Loreto, n.º 8, para tomar conta das mobilias dos paços reaes, das repartições publicas e dos

objectos furtados dos arsenaes, como coisas inteiramente suas! Os francezes acampam nas praças com as peças carregadas! Os inglezes estão quasi ao lado d'elles... (*A Coutinho*). Póde dar-me noticias de Bernardim Freire e do exercito portuguez?... Sabe aonde pára? Não o pozeram fóra a elle, que era de casa, para se metterem a si de dentro?...

COUTINHO.— (*Enleiado*). É verdade!... Mas a capitulação foi negociada e assignada entre Junot e os alliados! Talvez seja essa a falta do nosso general neste momento.

PAULO.— E essa falta, attestada pelo protesto, que elle de certo ha de fazer, como bom portuguez e bom soldado, é a maior accusação contra a insolencia com que somos tractados. (*Com força*). Pois dispõe-se assim da soberania, da independencia, da honra, dos interesses e da segurança de um reino amigo sem chamar ás conferencias o general que o representa, e que empunha as armas para os sustentar?! Onde estariam os generaes inglezes se as nossas villas e cidades se não sublevassem, e se o nosso exercito lhes não cobrisse sempre a marcha?... A bordo dos navios, ou vencidos e afogados no mar! São muito esquecidos estes senhores inglezes!...

COUTINHO.— (*Irritado*). E onde estariamos nós tambem, se esses inglezes, que o sr. Paulo d'Azevedo quasi amaldiçôa como inimigos, não combatessem pela nossa liberdade na Roliça e no Vimieiro? Julga que as milicias de Bernardim Freire e os terços tumultuarios eram capazes de desalojar de Laborde, ou de vencer Junot? Foi ainda hontem! O sangue vertido pelos extrangeiros em nossa defesa está vivo e fresco... Não lhe parece cedo para começarmos a ser ingratos?!...

PAULO.—Ingratos!... Ah! Manuel Coutinho! não esperava similhantes palavras da sua bocca! Pois já se namorou tanto dos extrangeiros nestes poucos dias, que lhe esqueçam as offensas da patria escarnecida, vilipendiada?...

COUTINHO.— Ajudei a vingal-as no campo, sr. Paulo d'Azevedo!... O que digo vi-o por meus olhos: o meu sangue correu tambem alli! Se defendo os inglezes é porque os admirei como soldados, e juro que não receio d'elles que se nos convertam em inimigos: acredite!... Agora podemos confessar a verdade: as sublevações das provincias não expulsavam os francezes de Portugal!...

BISPO.— (*Levantando-se e pondo a mão no hombro de Paulo*). É tambem o meu voto! Sós, contra tropas firmes e disciplinadas, podiamos ennobrecer de victimas o martyrologio nacional, mas vencer, parece-me que não. Vamos, meu amigo: melhor o fará Deus! Estamos em suas mãos; e Elle, por sua infinita misericordia, não ha de levantar de cima d'este reino a protecção visivel com que nos está soccorrendo. Não vai tudo tão bem como fôra de esperar? Fomos offendidos e aggravados? Paciencia... Do mal o menos.

PAULO.— (*Mais brando*). Paciencia!... Paciencia!... Sinto arder o sangue nas veias e o pejo nas faces, quando leio as proclamações e editaes d'esses libertadores, que mandam como se não tivessemos patria, rei e independencia! Os francezes riem-se de nós como de crianças enganadas. Lagarde entrouxa e enfarda as riquezas de Queluz; Junot tracta do castello de S. Jorge, e embarca caixotes e caixotes cheios de preciosidades; os traidores que nos venderam vão sahir como elle ricos e impunes; e não nos levam amarrados com gargalheiras de ferro ao pescoço, para nos venderem como negros, talvez porque não têm navios para tanta gente!...

SCENA II

Os mesmos e Leonor

BISPO.— (*Reparando para a porta da casa*). Alli vem a nossa irmã da caridade, a nossa fada!... Leio

nos seus olhos melhores noticias dos convalescentes. (*Leonor entra, beija o annel do Bispo, indo depois beijar a mão do pae*).

PAULO.— (*Tomando a mão de Leonor*). Manuel! que fizeste á tua noiva, que te não falla? Temos amuos, ou estaes devéras mal? (*Leonor e Coutinho olham-se e sorriem*). Bem! Muito bem! Entendo: estão apostados para enganar o pobre velho, que já não sabe de si nem dos outros. Pois sim! Quer saber, sr. Bispo? Estes dois innocentes, que não pestenejam diante de nós, que não dizem uma palavra com medo de que o ar os toque, vou jurar que já se viram e se fallaram hoje da janella! Adivinhei? Sim, ou não, Manuel Coutinho?

COUTINHO.— Adivinhou em parte: já nos vimos, é verdade; agora fallarmos, não: para que?

PAULO.— (*Rindo com malicia*). De certo! Se não me esqueci do meu tempo de rapaz... Para que são os olhos dos amantes, senão para dizerem tudo calados?... Vamos, são mais do que horas de almoço: o passeio e a disputa abriram-me o apetite... E d'Aubry? Não está peior?

LEONOR.— Não, meu pae: sahiu esta manhã. Ainda ha pouco, disse o medico que já não havia perigo de recahida.

PAULO.— Ah! O dr. Thomaz esteve por aqui?... (*Com modo de zanga*). Não me chamaram?!... Com que então temos homem?... Estimo immenso.

BISPO.— E o outro francez, o tenente Lassagne? Tenho para com elle tanta sympathia!...

LEONOR.— Tambem está completamente restabelecido. Acompanhou d'Aubry ao passeio.

BISPO.— Podem pesar-se ambos a cera, que, nó estado em que os vi entrar aqui nas macas, não cuidei que escapassem.

COUTINHO.— É verdade que reis não eram tractados com mais desvello...

..

PAULO.— Leonor! Foste fadada para mulher de um capitão: és uma enfermeira solícita e exemplar.

LEONOR.— Tinha obrigação de o ser, meu pae. Não foi d'Aubry quem nos abriu as portas da sua prisão e enxugou as nossas lagrimas?... Manuel lembrou-se d'isso, e salvando-o verteu por elle o seu sangue. E eu havia de fazer menos e ser ingrata?... Quando voltar á França, não ha de dizer que a nossa memoria foi menos curta do que o beneficio. Achou em Manuel um irmão...

PAULO.— (*Atalhando*). E em ti uma irmã! Muito bem: elle merece-o. Sabes a pena que me resta? É aquelle maldito Lagarde!... Porque ha de Aubry ser sobrinho de semelhante velhaco?! Se não fosse isso, antes de o sr. intendente nos dizer adeus, havia de ajustar com elle as minhas contas!... Com aguas passadas não móem moinhos. Leonor! vai mandar pôr o almoço na mesa, que nós não tardamos.

LEONOR.— Eu vou, meu pae. (*Sahe*).

SCENA III

Os mesmos, menos Leonor, e depois d'Aubry

PAULO.— D'Aubry apezar de jacobino é uma perola, e sou seu amigo verdadeiro. Aquelle coração...

COUTINHO.— (*Atalhando*). É um nobre e grande coração, sr. Paulo, um coração de ouro: devemos-lhe muito, e ainda bem que o acaso me levou pela mão ao sitio em que elle de proposito offerecia o peito á morte.

BISPO.— Manuel Coutinho! recordemos sempre os acontecimentos d'esse dia em que praticastes uma acção tão nobre, tão heroica, que faria inveja ao coração mais bem formado.

COUTINHO.— É impossivel descrever-lhes todos os acontecimentos d'esse dia vinte e um de julho, porque julgo impossivel pintar uma lucta tão encarniçada e tão horrivel... A atmosphera suffocava... O sangue gotejava das armas e dos uniformes... Gemidos e brados acompanhavam a agonia e a vingança... A lucta era toda de força e de destreza... Deslumbrava a vista o lampejar incessante das espadas... As fileiras rareavam-se... As vozes dos chefes retumbavam por cima do concerto horrísono dos combates travados como feras em um circo... Do ponto onde estava via d'Aubry, que mais parecia buscar a morte do que a gloria... O seu braço fere infatigavel; o seu peito offerece-se descoberto ás ballas e ao ferro... Por onde passa, os mais audazes recuam, ou cahem... Eu, ao lado de Taylor, vi-o arremessar o cavallo ao encontro do coronel, sahir intacto e invulneravel do recontro de cem contrarios e avizinhar-se com a espada erguida sobre o commandante inglez...

BISPO.— Com effeito!...

COUTINHO.— (*Continuando*). Taylor, sentindo fugir-lhe o campo e divisando rôtas ou desordenadas suas fileiras, accommette quasi só os inimigos. Poucos dragões e alguns portuguezes ainda o rodeiam, porém já desfallecidos. (*Armand d'Aubry assoma á porta do jardim*). Os esquadrões britanicos recuam e fazem já meia volta, retirando-se surdos ás ordens e á desesperação dos capitães... Lassagne, que combatia ao lado d'Aubry, havia-se-lhe adiantado alguns passos, e, por um d'esses acasos, que tantas vezes se dão na guerra, achou-se defronte do coronel inglez... Aubry luctava perto para abrir caminho; mas, se podia ver o combate, não podia soccorrer o companheiro d'armas... De subito! a espada do tenente francez lampeja no ar e baixa rapida ferindo Taylor no hombro esquerdo... A dôr por instantes o faz vacillar sobre o arção, mas logo a ira, restituindo os alentos, lhe presta novas forças. Um golpe terrivel, que descarrega, depressa o

vinga, e Lassagne, varado o peito por uma estocada, baqueia do cavallo em terra... Adiante! clama a voz do coronel, apertando os joelhos ao cavallo e brandindo o sabre... Não pôde dizer mais... Uma bala suspendeu-o na carreira... A mão inerte solta as redeas, a espada nua escapa-lhe dos dedos, e o corpo, seguro na sella por segundos, oscilla e cahe a final sem vida!... A bala tinha-lhe atravessado o coração!...

PAULO.— Pobre coronel!... Era valente como as armas!...

BISPO.— E quem disparou o tiro foi...

ARMAND.— (*Atalhando*). Eu... para vingar o amigo que julgava morto.

COUTINHO.— D'Aubry!... Pois estaveis ouvindo?!

ARMAND.— Sim: escutava a narrativa dos tristes acontecimentos d'aquelle dia de tanta infelicidade para as armas francezas... Agora, se me permittis, eu termino... A quéda de Taylor acabou de abater os soldados já vacillantes... Alguns d'elles comtudo cercam-me acesos em raiva, e esquecem tudo para saciar o odio que os abrasa... Triste com a perda do amigo, insensivel á propria morte, quasi que mal lhes disputava a existencia... Já o sangue me corria de largas feridas, já a espada me tremia na guarda, já um véo principiava a turvar-me a vista, quando de repente vejo a larga folha de um sabre ameaçar-me a fronte, outro ferro antepôr-se a aparar o golpe, e uma voz conhecida bradar-me: — rende-te!

BISPO.— Era a voz de Manuel Coutinho?...

ARMAND.— Era a voz do meu amigo. (*Apertando-lhe a mão*). Era a voz do meu irmão!... Entreguei a espada, já sem ver a quem, e fechei os olhos... Quando tornei a abril-os achei-me debaixo do tecto de uma barraca ingleza, com o cirurgião-mór de um corpo britanico a um lado, e Manuel Coutinho á cabeceira... A batalha tinha terminado... Depois, eu e Lassagne fomos conduzidos em macas para esta hospitaleira casa do sr. D. Francisco, onde nos prodigalisaram todos os

cuidados e carinhos, como se fossemos da familia, ou mais ainda. Durante o meu curativo dois anjos velaram constantemente á cabeceira do meu leito: Leonor e Manuel Coutinho!...

COUTINHO.— E não vos devia eu tambem a vida?

ARMAND.— Sim; mas pagastes com usura... A todos sou muito e muito obrigado... (*Sentem-se ao longe salvas de artilheria e repiques de sinos até ao final do acto*).

PAULO.— Está bem! Não fallemos mais nisso; são scenas muito tristes.

SCENA IV

Os mesmos e Lassagne

LASSAGNE. — (*Entrando apressado*). Congratulai-vos, sr. Bispo! Alegrai-vos, sr. Paulo d'Azevedo! Estão finalmente terminadas as negociações entre as nossas tropas e os vossos alliados... O general Junot acaba de expedir ao exercito francez ordem para sahir hoje mesmo barra fóra; as bandeiras inglezas foram arreadas, e em seu logar tremúla já o estandarte portuguez...

BISPO.— Parabens, sr. Paulo!

PAULO.— (*Abraçando-o*). Até que finalmente!...

BISPO.— Creio que devem ter acabado todas as suas infundadas suspeitas.

LASSAGNE.—(*A Armand*). Quereis tambem partir?...

ARMAND.— Que nos resta já agora fazer aqui?! Vamos buscar a outra parte a morte ou a gloria...

PAULO.— (*A Lassagne*). Dizei-me, como recebeu o povo a noticia?

LASSAGNE.— Com o maior jubilo e enthusiasmo: as salvas de artilheria, os foguetes e toques de sinos atroam os ares com seu estrondo, e ensurdecem os ouvidos.

PAULO.— Bravo!... Viva a patria restaurada!

ARMAND.— Lassagne! ide ao quartel general inglez tirar guia para o embarque, emquanto eu vou fazer os preparativos para a marcha.

LASSAGNE.— Eu volto breve. (*Sahe; Armand sahe pela porta que dá entrada para o sotão*).

COUTINHO.—Vou já dar a noticia a Leonor, e depois quero tambem tomar parte na alegria do povo. (*Sahe*).

SCENA V

Bispo e Paulo

BISPO.— Então, ainda duvída?... Somos livres! Não lhe dizia eu que estavamos nas mãos de Deus?

PAULO.— Ainda bem que acabou assim, sr. Bispo, ainda bem; mas sou teimoso: os inglezes portaram-se mal, não os defenda; dão ao céo o que o demonio não quiz.

BISPO.— Valham-me os santos Martyres de Marrocos, sr. Paulo d'Azevedo! nada o contenta! Nem este dia de gloria e de jubilo!...

PAULO.— Olhe, quem vai de certo contente é o Junot: leva ao seu imperador um exercito que devia ficar prisioneiro.

BISPO.— Se o derrotassemos!...

PAULO.— Derrotavamos de certo: tinha cortada a retirada. E o traficante de Lagarde, que sahe a barra, cheio como um ovo de tudo que roubou com as garras da policia! A proposito: reparou como d'Aubry supportou a noticia?

BISPO.— Como um homem de brios e de grande coragem.

PAULO.— Sabe que ha de fazer-me falta? Estou costumado aos seus dictos joviaes, e agora...

BISPO.— Sente a separação? Tambem eu, e creio que elle, a não sentimos pouco. Excellente rapaz!...

PAULO.—Vamos nós dar tambem uma volta pela cidade? Apezar de tudo, a alegria do povo, mais ou menos, sobe sempre á cabeça dos que se não illudem com as apparencias: o dia quinze de setembro será sempre memoravel para os portuguezes que amam a sua patria.

BISPO.— Ora ainda bem que o ouço fallar assim! Vamos. (*Sahem*).

SCENA VI

Armand e depois Leonor

ARMAND. — (*Entra completamente uniformisado*). Meu Deus! dai-me coragem na hora da separação... (*Olhando em roda*). Que saudades que tudo isto me causa!... (*Sentando-se*). Levo o coração despedaçado!... Ah! Leonor! Leonor!... (*Cobre o rosto com as mãos*).

LEONOR.— (*Depois de um momento de silencio entra e aproxima-se com precaução, tóca de leve no hombro de Armand; este vê Leonor, levanta-se apressadamente procurando occultar a commoção*). Que é isto?! O meu doente aqui só, e Deus me perdôe! com os olhos humidos de pranto!... O que tem, Armand? Que mal lhe fizemos para estar assim magoado? Offendi-o sem o saber? offendeu-o alguem d'esta casa innocentemente?

ARMAND.— Offender-me, sr.ª D. Leonor! Os anjos deixam saudades e não aggravos!... Estava-me recordando dos ditosos dias que passei aqui...

LEONOR.— Ditosos!... Entre lagrimas, dores e moribundo?!

ARMAND.— Ditosos sim! Que eram as dores para mim, quando a tinha a meu lado, imagem suave da consolação e do affecto?! O corpo parecia morto, estava quasi morto; mas se soubesse como o espirito vivia, e o que sonhava então!... Delirios de enfermo! Illusões que a realidade cura cruelmente, ou que só o tumulo acaba muitas vezes!...

LEONOR.— Não diga isso; o que chama illusões são realidades: todos aqui dariamos a vida, que lhe devemos, para o vermos salvo e satisfeito. Creio que apezar de se ver entre extranhos...

ARMAND.— Extranhos?! Não me julgue ingrato, que não lh'o mereço: nunca houve mais extremosos amigos! Deus, compadecido da minha solidão, quiz dar-me antes de morrer, porque me diz o coração que o primeiro campo de batalha será minha sepultura, a alegria de possuir no seu affecto o que a morte de meus paes me roubou na infancia desamparada... Leonor!... Consinta que repita assim o seu doce nome. Disse-me um dia que era minha irmã...

LEONOR.— (*Sorrindo*). Acha que o não fui, que o não sou ainda?!

ARMAND.— Não, porque me salvou da morte quando eu a buscava e ella vinha... Minha irmã! (*Com voz suffocada*). Que distancia! que inimigos! e que esquecimento, dentro em dias, a vão separar para sempre do triste ferido!... É noiva; ámanhã será esposa!... Poderá coexistir no seu peito com o amor... de outro, a memoria do extrangeiro, que lhe passou diante, apenas como sombra, e que lhe deu occasião de manifestar os thesouros admiraveis da mais piedosa compaixão?!...

LEONOR.— (*Com innocencia*). Somos irmãos, já lh'o tenho dicto; devo-lhe tanto, que nas orações, nas supplicas, que dirijo ao céo, não posso, não sei separar do nome de meu pae, e do nome do que ha de ser meu marido, o nome estimado de Armand d'Aubry!... A minha alma é maior do que suppõe: cabem nella amor de mulher, affecto de filha e amizade de irmã...

ARMAND.— Leonor!... Se eu ousasse! Se quizesse adivinhar!... É um segredo que o meu coração cala e recolhe em si, mas que o devora como alguns venenos corróem o vaso que os encerra...

LEONOR.— (*Com ingenuidade*). E envergonha-se de o confessar? Cuida que não adivinho o motivo da sua

tristeza, a razão das lagrimas que esconde, e que são o orgulho da nossa amizade?!...

ARMAND.— Ah!... Cale-se, Leonor, cale-se! Não vê que me parte o coração ouvindo-a fallar assim?...

LEONOR.— (*Do mesmo modo*). Das saudades que leva d'aqui, e que nos deixa? Não se envergonhe de tal! Tambem eu as sinto como irmã...

ARMAND.— (*A meia voz*). É tão pouco!... (*Com sorriso forçado*). Perdôe-me, Leonor: affligi-a, bem sei... Somos irmãos, só irmãos, nada mais! Não podemos ser senão irmãos!... O que disse, e o que pensei um momento, foram sonhos, foram delirios... Esqueçâ-mol-os... Não conheci minha mãe... Apenas se inclinou sobre o meu berço para se despedir de mim com um beijo e voar ao seio dos anjos. Nunca amei do coração senão agora!... É falso!... Nem agora... A minha paixão, a minha esposada foi, e ha de ser sempre, a gloria: não quero, não devo ter outra, e ha de ser... O tumulo é o leito nupcial que ella abre aos que a adoram... Se em breve lhe disserem que este amor, o da gloria, me custou a vida, dê-me ao menos uma lagrima de saudade... ou de recordação... Manuel Coutinho não póde extranhar... Os mortos não causam ciumes aos vivos...

LEONOR.— Jesus! Aubry! Que tristes idéas!... Magôam-n'o os festejos populares?... Se quer, vamos para onde se ouçam menos.

ARMAND.— Não! não! A maior dôr passou. (*Com riso forçado*). Veja! Quero outra vez ser o estouvado que a obrigava a rir-se de suas eternas distracções... (*Movimento de Leonor para sahir*). Sahe? Mal conto por minutos as horas que tenho de a ver ainda!... Não conhece que em m'os roubar commette quasi um delicto? (*Rindo forçado*). Recahí nos galanteios francezes, pasto usual das suas ironias! D'esta doença é que me não curo!...

SCENA VII

Os mesmos, Paulo, Bispo, Coutinho, e depois Lassagne e um soldado francez

PAULO.— (*Com satisfação*). Bravo!... Não sabes, Leonor? A bandeira branca, a bandeira sem mancha, já tremúla no castello e nas fortalezas! Os vivas nas ruas da baixa atrôam tudo; os foguetes em girandolas sobem e estalam nos ares; os repiques dos sinos, as salvas de artilheria no rio, coalhado de navios e botes, e nas torres, ensurdecem; os montes da cidade estão negros de gente; é um delirio, uma loucura! Deram-me mais de cem abraços, e não sei ainda a quem os devo!... Somos livres!... Temos rei e patria!... Manuel Coutinho! dentro de tres dias quero que seja meu filho. Temos a dispensa concedida, e o padre de casa, o nosso sancto bispo.... D'Aubry! deixe rir e cantar os rapazes: não faça caso. Quando a paz geral se fizer, venha comer, em nossa companhia a Lisboa, as broas do Natal.

LASSAGNE.—(*Entrando seguido de um soldado francez; traz na mão um papel, que entrega a Aubry*). Aqui está a guia do embarque: quando quizerdes poderemos partir. (*Depois de entregar o papel a Aubry, entra com o soldado na casa, e sahem pouco depois, levando este ultimo uma mala de viagem; Lassagne vem completamente uniformisado*).

ARMAND.—(*Tomando o papel*). Bem... (*A Paulo, em tom jovial*). Sr. Paulo d'Azevedo! Este dia de jubilo para Portugal não me entristece: nós o vingaremos como soldados em outros campos... Consinta, porém, que na hora de partir, e de lhe dizer adeus para sempre, eu beije a mão de minha irmã (*Beija a mão de Leonor*); e que estreite nos meus braços o irmão, que me salvou. (*Abraça Manuel Coutinho*).

PAULO.— Aubry! Não acceito desculpas: ha de ser dos nossos; assista ao casamento de minha filha!...

ARMAND.— (*Com tristeza*). É impossivel! (*Jovial*). As nupcias de Manuel fizeram-me lembrar de que tambem tenho uma noiva, a gloria; noiva que espera por mim para consummar o meu destino... Leonor, adeus!... É melhor despedirmo-nos já d'aqui... (*Com voz sumida*) até á eternidade...

LEONOR.— (*Chorando*). Armand! Fique... Não vê que a morte que procura é um suicidio?!

ARMAND.— Não: é um dever!...

LASSAGNE.— (*Ao Bispo, com quem tem estado a fallar*). Crêde, que tambem a memoria da amizade, que me tributaes, estará aqui gravada em quanto nestas veias me girar o sangue. (*Abraça-o*).

ARMAND.— Quando em França, eu e Lassagne, nos recordarmos de Portugal... a doce imagem do anjo que nos salvou, sempre gravada no peito, será a companheira e a consoladora de nossas saudades. (*Lassagne vai beijar a mão de Leonor, e abraça com transporte a Paulo*). Manuel Coutinho! a sua felicidade com a esposa que vai ter, é para ser invejada até do céo: merece-a... Nunca encontrei maior alma nem coração mais puro... (*Lassagne abraça Manuel Coutinho*). Sr. Paulo d'Azevedo! Ficam-lhe dois filhos para amparo da sua velhice: quer lançar uma benção sobre o terceiro, que não tornará a ver talvez, mas que jura amal-o sempre? (*Ajoelhando*).

PAULO.— (*Erguendo-o e apertando-o nos braços cheio de commoção*). D'Aubry!... Se Deus me tivesse dado um filho assim!... Adeus... Não se demore... Faltar-me-hia o animo... não quero... vel-o partir... (*Desprende-se-lhe dos braços com força e fica chorando*).

(*Armand beija o annel do bispo, que o aperta nos braços: todos estão commovidos a ponto de não poderem fallar; Armand e Lassagne sahem precipitadamente*).

COUTINHO.— (*Sahindo-lhe ao encontro*). Ainda outra

vez: dai-me um abraço.... (*Abraçam-se; os dois sahem; todos vão á porta do jardim e acenam com os lenços e chapéus*).

SCENA VIII

Os mesmos, menos Armand e Lassagne

PAULO.—(*Voltando*). Que pena tenho! Oxalá nunca os houvera conhecido.

BISPO.—Não se arrependa de ter conhecimento de corações tão generosos e cheios de bondade: como aquelles ha de encontrar poucos.

LEONOR.—Tenho um presentimento, que me diz que os não tornaremos mais a ver...

COUTINHO.—(*Que se tem conservado junto da porta*). Já os não posso avistar... (*Voltando á scena*). Nunca me senti tão commovido! Parece-me que se tivesse de separar-me de dois irmãos, não o sentiria tanto.

(*Ouve-se fóra vozeria do povo, que se vem aproximando*).

PAULO.—Que é aquillo?!... Vai ver, Manuel...

COUTINHO.—(*Á porta*). É o povo que se dirige para este lado, trazendo bandeiras e dando vivas.

POVO.—(*Fóra*). Viva a patria! Viva a restauração! Viva!...

COUTINHO.—(*Observando*). O povo, no meio da sua alegria, traz em triumpho o coronel Pinto Gomes, o major Alvaro e o morgado de Penim. (*Observando*). Ah! Lá distingo tambem o nosso capitão-mór de ordenanças!... Já me viram: dirigem-se para aqui...

POVO.—(*Fóra*). Viva a independencia!... Viva!...

SCENA IX

Os mesmos, Coronel, Major, Morgado, Capitão-mór, João da Ventosa, Antonio da Cruz, criados e gente do povo. (*Os homens do povo trazem bandeiras nacionaes, e, espalhando-se pela scena, adornam com ellas as arvores, portas, janellas, etc.; João da Ventosa e Antonio da Cruz vêm á frente trazendo cada um sua bandeira portugueza com armas reaes*).

VENTOSA.—Viva o sr. Paulo d'Azevedo!

POVO.—Viva!

COUTINHO.—Viva a independencia!

POVO.—(*Com grande enthusiasmo*). Viva! viva!

PAULO —Vivam os defensores da patria e restauradores da liberdade!...

POVO.—Viva!... (*Os principaes personagens abraçam-se e felicitam-se*).

CORONEL.— Portuguezes! É louvavel, é justo o vosso enthusiasmo pelos felizes successos d'este dia: é preciso, porém, não deixar apagar em vossos peitos o fogo do sancto amor da patria e da independencia. Os poucos dias da dominação franceza deixaram milhares de familias reduzidas á miseria e luctando com a desgraça: se hoje, felizmente, podemos cantar victoria, são todavia os nossos hymnos acompanhados de gemidos de muitos infelizes: se hasteamos o nosso estandarte, é tinto do sangue de muitos dos nossos irmãos que, ou no patibulo, ou nos campos da batalha, arrancaram o ultimo suspiro... E tudo isto, porque não correstes logo ao chamamento da patria invadida, da patria ultrajada!... (*Pegando num estandarte*). Façamos, pois, neste momento, sobre o estandarte das quinas, um juramento solemne de que, ao menor ameaço de perigo da nossa independencia, da nossa liberdade, todos correremos a expulsar o extrangeiro que ousar pôr pé sacrilego em torrão portuguez!...

TODOS.— (*Estendendo a mão direita*). Juramos!

ALVARO.—Viva a patria!

POVO.—Viva!

BISPO.— Meus filhos! Não deveis esquecer no meio da vossa alegria a misericordia de Deus, a quem, primeiro que tudo, devemos a restauração da liberdade... Acompanhai-me pois ao templo onde lhe renderemos graças, por não ter desviado de nós a divina protecção que nos plainos de Ourique tão solemnemente promettera ao grande monarcha D. Affonso Henriques para o povo portuguez.

COUTINHO.— (*Tomando um estandarte*). Sim, vamos ao templo; mas antes, saudemos com um hymno festival este dia 15 de setembro de 1808. (*Cantam*):

Livre sempre, guerreira, esforçada,
Nos combates foi esta nação:
Livre sempre, com mão denodada
Desfraldou da victoria o pendão.

Desde Ourique até Aljubarrota
Que façanhas d'immenso valor!
Nem a sombra de leve derrota
Viu nas pugnas da patria o amor!

Côro

Viva, viva esta patria de bravos,
Que prodigios no mundo já fez;
Viva a prole de heroicos proavos,
Viva livre o pendão portuguez!

Nada importa d'Alcacer a historia,
Que uma sombra põe diante da luz,
Ante os feitos de eterna memoria
Nas defesas de Diu e de Ormuz!

Brilha o sol, que os planetas enlaça,
E tem manchas dos astros o rei!
O brilhante por vezes tem jaça
Mas não perde a valia da lei.

Viva, viva esta patria de bravos, etc...

Como soe o leão na floresta
Os contrarios vencer e prostrar;
Como a xara impellida da bésta
Mal se avista no espaço a voar,

Tal em mil e seiscentos quarenta
Despertou a prostrada nação!
Como a féra e a seta, violenta,
A cravar-se no hispano leão!

Viva, viva esta patria de bravos, etc...

Tranze a Europa o terror dos francezes;
Bonaparte invencivel é só:
São os povos pacificas rezes
Que seu carro derruba no pó!

Mas da patria o amor sacrosanto,
Mas dos povos o amor fraternal,
Cá do mundo no escasso recanto
Conseguiram salvar Portugal!

Viva, viva esta patria de bravos, etc... (*)

CAHE O PANNO.

FIM

(*) É producção do nosso amigo, o sr. Antonio Francisco Barata, esta bella poesia, breve epopêa dos mais gloriosos feitos portuguezes: o auctor do Cancioneiro Portuguez escreveu-a expresamente para as — *Recordações da Patria.*—

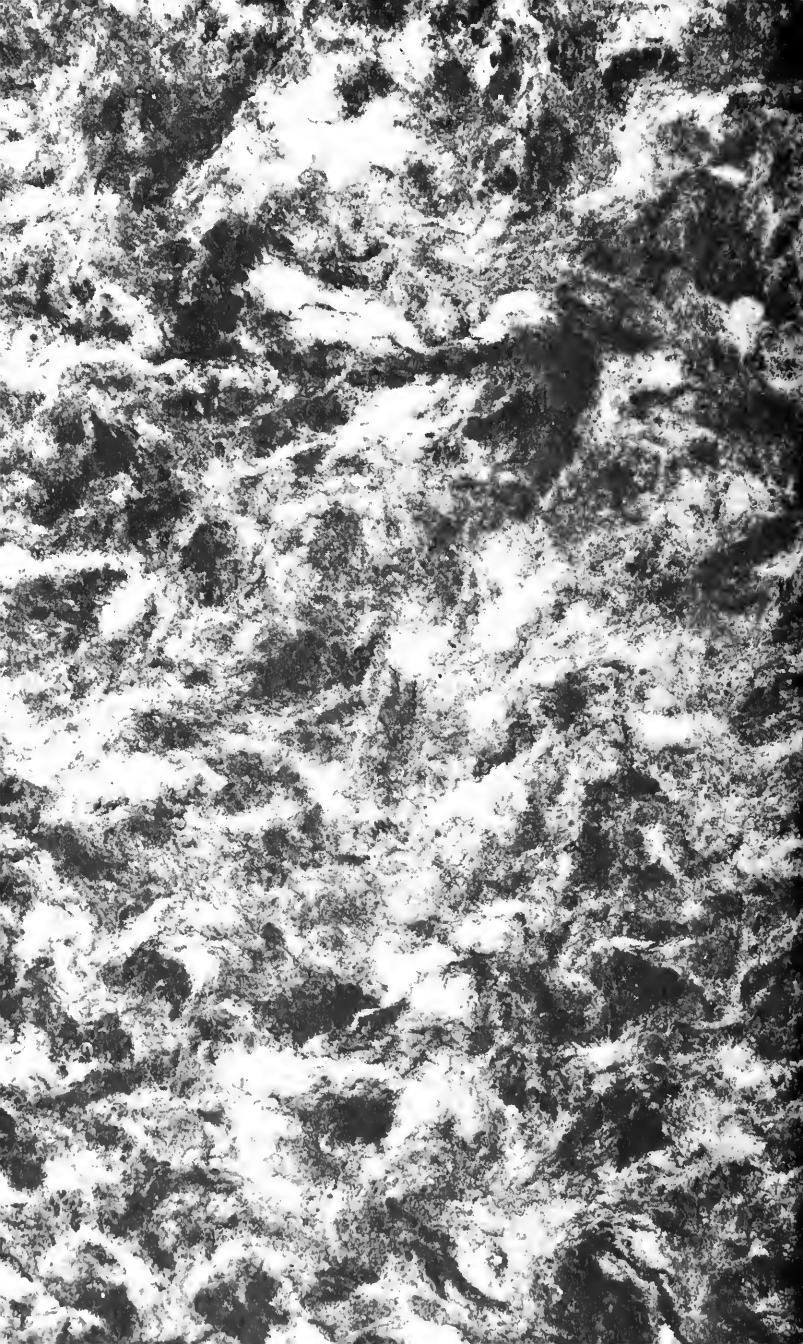
COIMBRA

LIVRARIA CENTRAL

DE

José Diogo Pires

Preço 300 réis

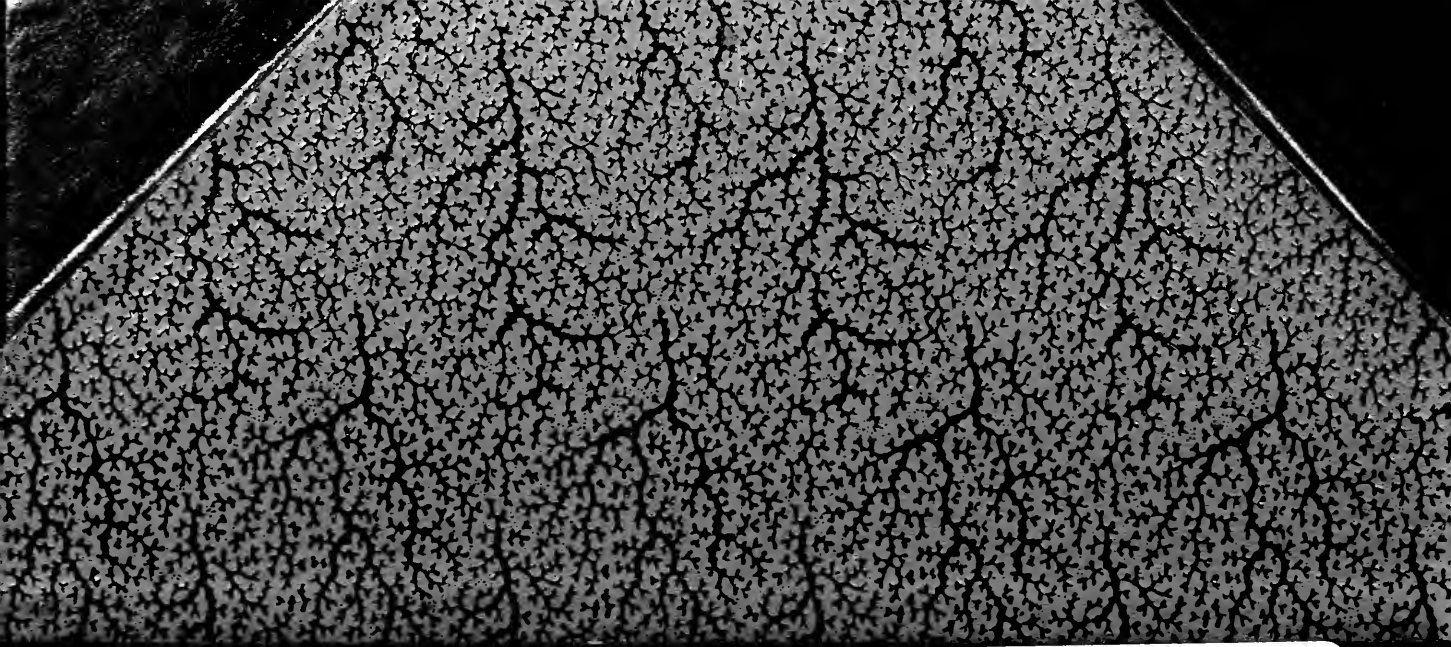


PQ
9261
M8R4

Motta, Adolpho Ernesto
Recordações da patria

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 25 04 024 7